



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

MARIA LIDIEGIDA DE SOUSA VIANA

A CIDADE, A FAMÍLIA E A CASA:
Teresina (1900 a 1920)

TERESINA
2018

MARIA LIDIEGIDA DE SOUSA VIANA

A CIDADE, A FAMÍLIA E A CASA:

Teresina (1900 a 1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação do Professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

TERESINA

2018

MARIA LIDIEGIDA DE SOUSA VIANA

A CIDADE, A FAMILIA E A CASA:

Teresina (1900 a 1920)

Defesa aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Orientador)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Profa. Dra. Elizangela Barbosa Cardoso (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Profa. Dra. Samara Mendes Araújo Silva (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Paraná – UFPR

À minha família, razão de meu viver, a
base de meus sonhos e prova real do
amor divino de Deus!

AGRADECIMENTOS

Para que se possa dar passos largos em busca da realização de sonhos, é necessário ter fé, muita fé, e pessoas fantásticas ao redor, dando apoio e ajudando no que for necessário. Passei a acreditar nisso quando decidi, muito nova, aventurar-me por uma cidade que, em minha visão, era enorme. Tudo estava lançado à minha frente, mas sei que nada que conquistei o fiz sozinha. A conquista do mestrado, bem como as demais que já tive em minha vida, não foram somente minhas.

O Pai celestial é o iniciador de tudo, que traçou todos os meus passos até esse dia; que me guardou; que foi meu refúgio nas noites de escuridão e medo; que me deu sinais quando não sabia o que fazer; e que, mais do que tudo, colocou anjos em meu caminho para aliviar as dores e ajudar a superar as dificuldades. Obrigada, meu Deus, toda honra e glória sejam dadas pelos séculos ao teu nome!

Agradeço também à minha família, que é a prova real de que tudo se torna mais fácil quando temos a segurança de poder contar com pessoas que, independentemente de tudo, estão ao nosso lado para o que der e vier.

Obrigada, minha mãe, *Maria dos Milagres Alves de Sousa*, que por diversas vezes me acolheu em seu colo e, com a paciência de sempre, fez-me enxergar uma solução para as dificuldades; que me ajudou financeiramente e emocionalmente a driblar as barreiras, sempre com amor e, acima de tudo, com respeito aos outros e a mim mesma. Seu amor sem interesse me fez sempre querer ser uma pessoa melhor. Amo você!

Ao meu pai, *Lucilane de Sousa Viana*, pela confiança que sempre depositou a respeito de minhas escolhas, e pelo apoio que sempre tive e que foi tão importante na concretização de tudo o que já conquistei. Amo-te muito!

Aos meus irmãos, *Luciano*, que além de irmão, é o melhor compadre que poderia ter, sempre sonhou comigo e contribuiu para tornar meus sonhos realidade; *Lucivando* e *Lidiane*, que mesmo a distância, não deixaram de torcer pelo meu sucesso.

À minha querida vovó, *Maria Alves de Sousa*, que com sua simplicidade e fé, contribuiu diretamente nessa conquista, e influenciou-me positivamente para que me tornasse a mulher que sou hoje.

À minha cunhada e comadre, *Ivanete Silva Viana*, que me presenteou com uma amizade verdadeira e inigualável, e como se fosse parente de sangue, acreditou no meu potencial e sempre me ajudou no que fosse preciso.

Às minhas duas afilhadas e sobrinhas, *Geovana Maria* e *Palloma Kagilla*, que na inocência da infância, acalentaram-me com o amor puro e verdadeiro que me proporcionaram.

Aos primos, às primas, aos tios e às tias, e, em geral, a toda a minha família, que esteve sempre ao meu lado, oportunizando-me momentos felizes.

Agradeço também à minha segunda família de Teresina que, sem dúvidas, contribuíram efetivamente para que essa fase pudesse ser concluída.

À minha vovó de coração, *Maria Claudete De Oliveira Veloso*, que com sua sabedoria, soube lidar com a minha personalidade e teve a paciência de me ver amadurecer; que além de me fornecer abrigo físico, deu-me refúgio nos momentos de dificuldades; que se fez presente também nos momentos de felicidade, e sempre se esforçou para me ver feliz. Nem todas as palavras do mundo serviriam para expressar o tamanho da gratidão e do amor que tenho por você!

À minha irmã de coração, *Clenia Oliveira Veloso*, que com sua alegria e alto astral tornou minha caminhada florida e cheia de alegrias; que fez por mim coisas inimagináveis e que nunca poderei pagar, ainda que me esforçasse. Obrigada por tudo!

À tia *Claudia*, à comadre *Josefa Cristina*, à *Aurenice* e a toda a família *Oliveira Veloso*, pelo carinho com que me acolheram e me ajudaram.

Ao meu namorado e amigo, *Felipe Lino de Oliveira Reis*, por dedicar-se tanto na concretização desse sonho e dos demais; que ao longo desses dois anos de curso entendeu os momentos de ausência e auxiliou no que foi possível. Não há como expressar o amor que sinto por você!

Aos professores da UESPI, local onde cresci profissionalmente e que despertou em mim um amor muito grande pela profissão que escolhi; professores com quem aprendi que ser docente vai além de ensinar conteúdos, tem muito mais a ver com se doar com amor e carinho.

Aos amigos da UESPI, dos quais cito *Debora Jordana*, que entrou em minha vida e me fez feliz com a sua amizade verdadeira e sem interesses; à *Jéssika Maria*, *Valéria*, *Karina*, *Manu*, *Elaine*, *Domingos*, *Thiago*, *Nery*, *Felix*, *Lucas*, *Janiela* e aos demais que fizeram parte desse momento lindo de minha vida.

Em especial, à minha professora e amiga, *Samara Mendes Araujo Silva*, o exemplo de profissional e mulher que quero ser; sua positividade e dedicação cativaram sentimentos tão lindos quanto as suas atitudes; o apoio que me deu para que esse momento se concretizasse foi primordial. Toda a gratidão e o carinho lhe dedico, e espero um dia poder retribuir todo o amor que me doou enquanto professora e amiga.

Ao meu professor e orientador, *Pedro Vilarinho Castelo Branco*, pelas orientações e palavras sinceras, cruciais para o meu crescimento como pesquisadora; obrigada pela disponibilização de conteúdos para estudo e pela paciência.

A todos os professores do mestrado, que contribuíram em grande parte para que o amor pela pesquisa aumentasse.

À coordenação do mestrado, por estar sempre disponível a ajudar.

Ao coordenador, *Francisco Nascimento*, à *Rairana* e à *Dona Eliete*, que foram sempre prestativos e atenciosos.

Aos amigos com quem fui presenteada com o mestrado, particularmente, a *Francis Salazar*, que se tornou, com a rotina de aulas e pesquisa, uma grande amiga; que partilhou comigo os momentos difíceis e apoiou em tudo o que pôde, sempre com sensatez e positividade, traços que marcam a sua personalidade.

À *Maristella*, *Larice*, *Priscila* e *Deusdete*, pela amizade que me presentearam; e aos demais amigos de curso, pela boa convivência e amizade.

Às professoras *Teresinha Queiroz* e *Elizangela Barbosa*, pelas importantes contribuições na qualificação.

À CAPES, que me disponibilizou o apoio financeiro com o qual pude contar durante 24 meses.

Aos demais amigos, *Francisca Maria*, *Laís*, *Cristina*, *Cleane*, *Mila*, *Douglas*, *Diego* e *Franck*, por acreditarem em meu potencial, e pelas palavras de amizade e carinho.

À família *Sales* e *Oliveira Reis*, que me apoiaram em diversos aspectos e torceram pelo meu sucesso.

A todos, o meu ***muito obrigada!***

*Nasceram flores num canto de um quarto
escuro mas eu te juro! São flores de um
longo inverno.*

(6 minutos – Otto)

RESUMO

Com o intuito de evidenciar as mudanças desejadas para a cidade de Teresina no início do século XX, as quais repercutiram e se fundiram ao modo de construir e se apropriar dos espaços das casas que abrigavam as famílias teresinenses mais abastadas da capital piauiense nas décadas de 1900 a 1920, construíram-se os trajetos dessa pesquisa. Para tanto, esse estudo guiou-se pelos referenciais da história cultural, visando a analisar e refletir sobre as mudanças na arquitetura das casas teresinenses que progressivamente se alteraram do estilo colonial (rural) para o eclético e, conseqüentemente, implicaram a adesão a novos ordenamentos sociais nos espaços privados e públicos. Tais vicissitudes provocaram, ainda, mudanças nas sociabilidades e nos relacionamentos entre os indivíduos, os costumes, os hábitos e as práticas culturais; além de modificações na forma de conceber a casa, seus espaços e as relações entre os sujeitos que a coabitam, transformando-a em um *lar doméstico*. Para sobrelevar as mudanças no espaço doméstico teresinense, o estudo percorreu múltiplas fontes históricas, a saber: fontes bibliográficas, que proporcionaram referenciais teóricos e metodológicos para o desenvolvimento do trabalho; fontes hemerográficas e fontes literárias (principalmente obras escritas por Abdias Neves, Clodoaldo Freitas e Lili Castelo Branco), cuja análise, a partir da relação *História & Literatura*, forneceu a percepção do *ser família teresinense* e os ideais constituídos para esta no período pesquisado; fontes iconográficas e imagéticas, que oportunizaram compreender as alterações (materiais) urbanas e a arquitetura doméstica teresinense. A variedade de fontes históricas utilizadas, congregadas ao embasamento teórico-metodológico, forneceram o suporte necessário para o desenvolvimento desse trabalho, à medida que os dados e reflexões fizeram emergir um arcabouço maior de análises e compreensão sobre a realidade histórica da capital teresinense até a década de 1920, cuja população (con)vivia entre a dicotomia da modernidade do século XX ardorosamente desejada e tradição (apego) rural do século XIX.

Palavras-chave: Cultura material. Casa. Arquitetura doméstica. Família. Transformações urbanas.

ABSTRACT

In order to show the desired changes to the city of Teresina in the early twentieth century, which reverberated and merged with the way of building and appropriating the spaces of houses that housed the wealthiest Teresina families in the Piauí capital in the 1900s to 1920, the paths of this research were constructed. In order to do so, this study was guided by the references of cultural history, aiming at analyzing and reflecting on the changes in the architecture of the Teresian houses that progressively changed from the colonial (rural) style to the eclectic and, consequently, implied adherence to new orders in private and public spaces. These vicissitudes also provoked changes in the sociabilities and relationships between individuals, customs, habits and cultural practices; in addition to modifications in the way of conceiving the house, its spaces and the relations between the subjects that cohabit it, transforming it into a domestic home. In order to overcome the changes in Teresinense domestic space, the study covered several historical sources, namely: bibliographical sources, which provided theoretical and methodological references for the development of the work; (mainly works written by Abdias Neves, Clodoaldo Freitas and Lili Castelo Branco), whose analysis, based on the History & Literature relationship, provided the perception of being a Teresian family and the ideals constituted for it during the studied period; iconographic and imagistic sources, that opportunized to understand the urban (material) alterations and the teresinense domestic architecture. The variety of historical sources used, together with the theoretical and methodological foundations, provided the necessary support for the development of this work, as the data and reflections gave rise to a larger framework of analysis and understanding about the historical reality of the Teresian capital until the decade of 1920, whose population (con) lived between the dichotomy of the ardently desired twentieth-century modernity and nineteenth-century rural tradition (attachment)

Keywords: Material culture. Home. Domestic architecture. Family. Urban transformations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Antigo Cais de Teresina.....	22
Figura 2	Réplica do barco a vapor fluvial Oliveira Pearce & Cia.....	23
Figura 3	Miniatura do Plano de Teresina.....	25
Figura 4	Igreja do Amparo.....	26
Figura 5	Usina de Eletricidade de Teresina.....	42
Figura 6	Viva o Carnaval!	52
Figura 7	Praça Rio Branco (1913)	56
Figura 8	Casa do Capitão Ludgero.....	58
Figura 9	Casa com Alpendre no interior do Piauí.....	61
Figura 10	Casa localizada no centro de Teresina.....	62
Figura 11	Casa de Seu Gozozo.....	66
Figura 12	Casa do Barão de Gurguéia.....	68
Figura 13	Varanda da casa do Barão de Gurguéia.....	69
Figura 14	Casas da Rua Paissandu alinhadas e de aparência externa iguais.....	70
Figura 15	Casa conjugada: residência e comércio em Teresina.....	71
Figura 16	Prédio do Tesouro em Teresina.....	72
Figura 17	Residência em Teresina.....	72
Figura 18	Fossa sanitária.....	76
Figura 19	Jardim de entrada da casa de Dona Carlotinha.....	79
Figura 20	Casa de Dona Carlotinha.....	84
Figura 21	Planta baixa da Casa de Dona Carlotinha.....	85
Figura 22	Corredor de uma casa localizada na Rua Senador Teodoro Pacheco, no centro de Teresina.....	86
Figura 23	Cadeira de Balanço.....	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A CIDADE VERDE E SUA MOCIDADE.....	16
2.1	Mudança da capital piauiense.....	18
2.2	A vida na cidade.....	27
2.3	Água à vontade: instituição do abastecimento público de água.....	38
2.4	Temos luzes! Teresina “toda” iluminada: instituição da iluminação pública.....	39
2.5	Bailes, Carnaval, novenas, encontros: as sociabilidades teresinenses.....	44
2.6	Mudanças e permanências na cidade.....	57
3	DA CASA COLONIAL À CASA MODERNA: ASPECTOS MATERIAIS E IMATERIAIS DAS MUDANÇAS TERESINENSES.....	65
3.1	As casas coloniais: heranças materiais de uma cultura que se mantém viva no cotidiano teresinense.....	66
3.2	Modernidade em mentes, comportamentos e construções: mudanças internas na casa teresinense.....	75
3.3	Da idealização à realização: casas modernas em Teresina no início do século XX.....	77
3.4	Casas equipadas e confortáveis: móveis e utensílios domésticos modernos.....	87
4	A CASA E SEUS AFETOS: NOS ESCRITOS LITERÁRIOS À MODERNIDADE DO LAR DO SÉCULO XX.....	91
4.1	A casa transformada em lar pela família: alterações descritas nos escritos literários.....	94
4.2	As obras literárias e o bom direcionamento das vidas dos moradores da cidade de Teresina.....	105
4.3	A escrita dos literatos e suas críticas aos comportamentos não desejáveis para a sociedade moderna.....	114
4.4	As sociabilidades e a casa teresinense no século XX: alterações sutis, outras, em tanto.....	116
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
	REFERÊNCIAS.....	126

1 INTRODUÇÃO

Ao olhar para dentro do ambiente em que vivemos, percebemos que ele é o reflexo daquilo que somos: sua mobília e o estilo de sua construção, os cômodos – tudo acusa quem vive naquele espaço. Partindo dessa percepção, vislumbra-se a casa como agente ativo e reflexo de mudanças sociais e culturais.

Enquanto lugar de morada e refúgio, tanto do corpo quanto do espírito, é nesse sentido que ela será discutida nesse estudo, lembrando e tomando como base a sua função primeira, qual seja a de abrigo. A princípio, contra os elementos da natureza, a casa serviria como refúgio do frio, das chuvas e de possíveis animais que pudessem ameaçar a integridade dos indivíduos que nela habitavam. Essa ideia permanece até os tempos atuais e não perdeu a sua importância, apesar de ter sofrido, em seu sentido mais específico, várias mutações ao longo do tempo.

Partindo dessa concepção de abrigo, concebe-se a aproximação com o objeto dessa pesquisa: a casa. Nessa perspectiva, ela é perscrutada desde as suas funções e transformações estruturais até aquelas que a denotam como forma de apropriação dos espaços.

Trata-se de um espaço que é objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas, a exemplo de historiadores, antropólogos, sociólogos, filósofos, arquitetos, os quais buscam, entre outros aspectos, encontrar vestígios sobre os modos de vida de seus antepassados, a cultura destes e como se constituíram enquanto sujeitos sociais.

Nesse ensejo, diversos estudiosos, como Gilberto Freyre (2006), dedicaram-se a identificar as distintas relações que se fundavam entre os espaços da casa e os sujeitos sociais para explicar a sociedade. Assim, ao longo da história e com as vicissitudes, tanto culturais quanto sociais, essa relação entre espaço e indivíduo que nele habita foi igualmente se modificando.

Para Freyre (2006), as relações que se estabelecem na casa transcendem suas paredes, refletindo e reverberando na sociedade. Então, para o referido autor, ela é espelhada pelas múltiplas relações entre brancos, índios e negros. Ao contrário do que se pensa, a Casa Colonial, chamada *Casa-Grande*, era totalmente distinta dos modelos existentes em Portugal.

No Brasil, o cidadão luso-brasileiro diferenciava-se do português até no modo de construir a casa, tanto pelas influências culturais, ocasionadas pela

miscigenação, quanto pela forma de viver no país, decorrente, entre outros aspectos, de questões geofísicas próprias (clima, relevo, vegetação etc.) e seu ritmo social, enfim, suas características particulares. Para demonstrar a relação entre miscigenação e constituição da casa, Freyre (2006) aduziu que

a casa-grande completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *pater famílias*, culto dos mortos etc.); vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo).¹

Logo, a casa-grande refletia tudo aquilo que a sociedade colonial representava, seu modo de construção e organização, a forma de uso de seus espaços, reproduzindo em tudo a sociedade que a construiu. Foi justamente essa ideia que influenciou a construção desse trabalho.

Com o objeto de estudo já delineado, faz-se necessário definir o espaço e o tempo histórico para prosseguir essa análise, qual seja a cidade de Teresina nas primeiras décadas do século XX, momento de notável desenvolvimento da capital teresinense, recém-transferida de Oeiras para a região conhecida como *Vila Nova do Poti*.

A capital foi pensada e projetada para dar novo rumo à província do Piauí, visando a aproximar o núcleo do poder provincial de áreas com maior potencial para articular vias de comunicação e comércio com outras províncias e mesmo com o mundo exterior, beneficiando o processo de integração do Estado na economia nacional.

Durante todo o restante do século XIX, a cidade estruturou-se sob condições materiais assinaladas pelo meio e pelo potencial econômico da província, caracterizada por fraca monetarização, fortes vínculos com o mundo rural, e sérias dificuldades de recursos materiais e humanos.

Nesse contexto, a arquitetura das casas e as questões que a circundavam repetiam em grande parte fórmulas ainda enraizadas no período colonial, e apenas nas primeiras décadas do século XX, começaram a chegar à cidade propostas mais

¹FREYRE, 2006, p. 36.

modernas de viver e organizar a vida doméstica, o espaço da casa, e influenciar a sua arquitetura.

Nessa pesquisa, busca-se conjecturar e destacar o intento dos intelectuais piauienses no início do século XX, no sentido de utilizar a produção literária para articular discursivamente um novo sentido para a casa que fosse reconhecido pela população local. Um abrigo não só do corpo, mas dos sentimentos, mais especificamente, do amor familiar. É nos espaços da casa que cada pessoa vivencia as primeiras experiências enquanto indivíduo: é no quarto, na sala, na cozinha e no alpendre que muitas relações sociais se constituem.

À vista disso, esse estudo tem como objetivo analisar historicamente as alterações ocasionadas pelas transformações ocorridas nas duas primeiras décadas do século XX no lar das famílias teresinenses, período no qual a cidade começava a se beneficiar dos agentes considerados modernizadores da época, tais como: o abastecimento de água encanada, a iluminação elétrica, e os primeiros investimentos em saneamento e limpeza da cidade.

Para viabilizar a pesquisa, trabalhou-se a partir de um conjunto documental variado que auxiliou na tarefa de entender e dar visibilidade às mudanças que estavam se processando materialmente na cidade, bem como aos desejos e sonhos de construir e experienciar outras formas de sociabilidades.

Para tanto, lançou-se mão de fontes hemerográficas, como o *Jornal A borboleta*, *O Estado do Piahy*, *A Imprensa*, *O Correio*, entre outros, os quais deram o suporte necessário para que o estudo fosse realizado, por expressarem em crônicas e reclames publicitários informações que evidenciavam as transformações do viver na cidade.

Ademais, empregaram-se fontes bibliográficas que ajudaram a entender o processo de modernização de Teresina que, mesmo sendo reflexo do que estava acontecendo no contexto nacional e mundial, seguia forma e ritmos próprios. Autores como Teresinha Queiroz (2011), Pedro Vilarinho (2009), Tajra (2014), e relatos oriundos de pesquisas elaboradas em forma de dissertações e teses de pós-graduação foram igualmente úteis e trabalhadas. Outras fontes consultadas correspondem às produzidas por literatos piauienses, como Clodoaldo Freitas, Abdias Neves, Lili Castelo Branco e Lilizinha Castelo Branco, entre outros, essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. Partindo das fontes elencadas, foi

possível refletir sobre o modo de vida dos teresinenses, bem como acerca dos desejos e devires acalentados pelos literatos para a cidade.

Manusearam-se, ainda, algumas fotografias que deram suporte à pesquisa, garantindo uma apropriação visual da cidade em seus primórdios e das transformações que mudavam as suas formas. Logo, as fontes examinadas foram fundamentais para compreender como a sociedade teresinense reagia às mudanças, como pensavam sobre a própria vida, seus hábitos e seus costumes.

Nessa lógica, o estudo proposto está organizado em três capítulos, conforme descrição a seguir. No Capítulo 1, *A cidade verde e sua mocidade*, abordou-se a vida na cidade, as principais transformações ocasionadas pelos ideais modernizadores, que tinham como fito melhorar a infraestrutura urbana, ao tempo em que também alteravam os costumes e mudavam a relação com a cidade.

No Capítulo 2, *Da casa colonial à casa moderna*, explanaram-se os usos e as formas de construir e consumir as casas em Teresina, bem como os novos padrões de construção, as novas propostas de arquitetura, os novos recursos materiais, os novos hábitos citadinos e os padrões de comportamento, além das intensas relações entre a casa tradicional e a casa moderna, evidenciando as ambiguidades presentes na cidade.

O Capítulo 3, *A casa e seus afetos*, investigou-se a casa por intermédio de obras literárias produzidas e difundidas no período de 1900 a 1920, onde foi possível perceber o desejo de transformar o espaço das casas em Teresina em um lugar que favorecesse as relações familiares, pautadas na ideia do afeto e do amor conjugal entre pais e filhos.

A partir da análise desse material literário, exploraram-se as sociabilidades familiares tradicionais e as modificações nos comportamentos, assim como as sociabilidades modernas, tendo a casa como espaço privilegiado das movimentações. Nesse âmbito, identificaram-se contrapontos entre ideias e conceitos sobre a privacidade, o conforto e a domesticidade constituídos nas casas teresinenses, posto que ao tempo em que se aproximavam de padrões importados de outras regiões centrais do capitalismo, mantinham sociabilidades e cores locais.

2 A CIDADE VERDE E SUA MOCIDADE

No primeiro capítulo dessa escrita, trabalhou-se com diversificadas fontes históricas, referentes à cidade de Teresina no período definido,² com vistas a entender e dar visibilidade à dinâmica da cidade, da casa enquanto espaço de (con)vivências e sociabilidades.

Reputa-se necessário compreender as condições econômicas, ambientais, sociais e culturais da cidade onde as casas foram construídas e nas quais estão inseridas. A reflexão aventada aqui está lastreada na ideia que Certeau expressou ao se referir aos *habitats* humanos, concebendo-os como testemunhas de uma forma de viver.

Indiscreto, o *habitat* confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes. Tudo nele fala sempre e muito: sua situação na cidade, a arquitetura do imóvel, a disposição das peças, o equipamento de conforto, o estado de manutenção.³

Um bom exemplo do que o referido autor afirma foi descrito por Pereira, quando discorreu sobre as mudanças nas construções arquitetônicas do Piauí, principalmente nas cidades de Teresina, enquanto nova sede administrativa do Estado, e Parnaíba, como polo econômico e comercial do Piauí. Estas foram as primeiras cidades do Estado a ter acesso às inovações tecnológicas e a sofrer mudanças em sua cultura, bem como nos costumes sociais e econômicos. Para ele,

grades de ferro fundido, ferragens, estucarias, vidraças coloridas, azulejaria, tacos e parquetes, assoalhos de tabuado claro-escuro, pastilhas vitrificadas, ladrilho hidráulico, estruturas de madeira serrada nas coberturas, telhas prensadas, louças e metais sanitários, lambrequins recortados em serra de fita são os produtos da mecanização e do trabalho assalariado que davam expressão às edificações da cidade. Fachadas rebuscadas são associadas às renovações técnicas construtivas. [...] O neoclássico acentua-se, agregando a tendência reformuladora do Império e imprimindo a ruptura estilística com meio rural. As mudanças socioeconômicas e tecnológicas, especialmente na Capital e em Parnaíba, proporcionaram transformações nos modos de habitar e construir,

² Obras como as de Teresinha Queiroz (2011), Pedro Vilarinho Castelo Branco, Ogmar Monteiro, Carlos Figueiredo Monteiro, Francisco Alcides do Nascimento, entre outros autores.

³ CERTEAU, 1996, p. 204.

incorporando benefícios da sociedade industrial e tipificando novas edificações.⁴

Pautadas nas modificações estruturais pelas quais passavam a cidade de Teresina, eram vinculadas à ideia do novo e traziam transformações na forma de se construir a casa. Dessa forma, fundir reflexões tendo perspectivas a partir das dinâmicas da cidade tornou-se imprescindível para que se perceba a casa sob “vários olhares”, buscando conhecê-la com o “olhar de fora” e com “olhar de dentro”, refletindo sobre ela enquanto estruturação da própria cidade, produto e produtora de culturas e modos de viver de seus ocupantes diante desse palco de ações sociais.

O estudo da cultura material é outro importante aspecto trabalhado nesse capítulo, pois é por intermédio desse conhecimento que há compreensão sobre o simbolismo das coisas e a relevância que se dá tanto para a história dos que estão envolvidos como para que haja possibilidade de as próprias sociedades criarem suas identidades.

Trazendo para o estudo da cidade, levam-se em consideração as ideias de Sandra Pesavento, no que tange a tal forma de reflexão.

Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares. [...] Estes espaços dotados de significado fazem, de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social.⁵

Assim, abona-se que assimilar e reflexionar sobre a cidade e suas transformações possibilita criar possíveis explicações para o modo de se construir a casa, a definição das formas de se ocupar seus espaços e, conseqüentemente, constituí-las como agentes transformadores e criadores de identidades sociais.

Para a compreensão da historicidade de Teresina, a abordagem da História da Cultura Material, em certa medida, explicita e deslinda uma miríade de

⁴ SILVA FILHO, 2007, p. 17.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatthy. História, memória e centralidade urbana. In: **Rev. Mosaico**, v. 1, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2008.

afirmações e posturas assumidas pelos idealizadores da “nova cidade” e por seus moradores – uma cidade que é “artificial”,⁶ nas palavras de Monteiro.

Tal ponto de vista é enfático, pois o discurso, que se torna cansativo, é o mesmo desde os primórdios da criação da cidade até a organização dos serviços que visavam aos melhoramentos urbanos, quanto à escrita dos intelectuais e literatos da época sobre o cotidiano da cidade. Nesse enquadramento, a modernidade é expressa e materializada por meio de objetos (fisicamente), precisa ser demonstrada, e estar visível a todos. Então, todo o ideário de modernidade ganhou força com os melhoramentos urbanos que aos poucos se efetivavam na cidade.

Isso posto, nesse primeiro momento, frisou-se a nova capital do Piauí – nova sede administrativa e nova esperança de crescimento econômico, social e cultural para o Estado – por meio da valorização do urbano e, ao mesmo tempo, das mudanças e permanências com relação à antiga sede provincial,⁷ que continuaram a residir na nova cidade-capital.

2.1 Mudança da capital piauiense

Volta-se a atenção agora para meados do século XIX, momento em que nasceu a cidade de Teresina,⁸ pensada para ser uma capital organizada, que traria o desenvolvimento econômico para a Província do Piauí e facilitaria o comércio.

Inicia-se tratando das transformações advindas da transferência da sede administrativa do governo do Estado do Piauí, em 1852. Tais modificações são, em geral, em termos estruturais e trouxeram consigo muitas outras mudanças culturais, econômicas e sociais. Pois com o avançar do século XIX e início do século XX, as populações que habitavam a nova capital e as áreas ribeirinhas do Rio Parnaíba passaram a ter acesso a coisas novas, a novos comportamentos e novos padrões de relacionamento, que alargaram o aprendizado humano e social dos indivíduos.

Tudo o que se relatou até aqui corresponde a fatores de transformação que acabaram contribuindo de forma direta ou indireta para as mudanças no lar. Nesse

⁶ Carlos Augusto Figueiredo Monteiro utiliza-se dessa nomenclatura para explicar que Teresina não surgiu de um processo natural, tendo um agente importante a seu favor: o Rio Parnaíba. Sua criação foi construída e pensada para um único objetivo: tornar-se a nova capital e, por conseguinte, lado para fins comerciais e do outro como residências.

⁷ A primeira capital do Piauí foi a cidade de Oeiras, localizada na região centro-sul do Estado.

⁸ Forma de escrita da época elencada para esse estudo

sentido, leva-se em consideração a ideia do “novo”, tão presente no mundo ocidental, no século XIX.

Com a transferência da capital do Piauí e, posteriormente, com o início da navegação do Rio Parnaíba, anos depois, a comunicação e o comércio foram facilitados, tanto em relação aos Estados vizinhos quanto às povoações piauienses. A nova capital teve seu centro comercial localizado nas proximidades do Rio Parnaíba, o que facilitou o desenvolvimento comercial e econômico. O comércio tornou-se, mesmo que vagorosamente, mais dinâmico, onde a velocidade de seu desenvolvimento era a mesma pela qual passava o desenvolvimento urbano, ainda marcado por forte presença do meio rural.

É oportuno mencionar que a transferência de capital para outro lugar, unicamente para esse objetivo, foi uma ação singular da província do Piauí⁹ no contexto em questão, não somente porque foi a primeira capital a se mudar para outro local, mas por se construir uma cidade para tal evento, o que permite apreender como o processo de modernização passou a ser a centralidade de uma cidade que foi criada unicamente para ser sede administrativa da província. Nesse sentido, era inevitável a valorização da modernização e o progresso dela.¹⁰

Mas como fazer uma pequena vila se tornar uma capital moderna, tendo em vista os poucos recursos que a província detinha? Destarte, para além da falta de recursos materiais, havia dificuldade quanto aos costumes de seus habitantes, que ainda estavam muito atrelados ao meio rural.

Para tentar responder a essa indagação, deve-se atinar que desde os primeiros debates relacionados à possibilidade de transferir a capital da província do Piauí, estes ilustravam as grandes dificuldades para tornar essa ideia, quase utópica, em realidade, tendo em vista o desejo de alcançar o progresso e desenvolvimento da província.

⁹ Embora tenha sido a primeira cidade a ser fundada para ser capital no Brasil. Teresina não será a única. Após a fundação da capital piauiense, outras províncias seguiram o exemplo de Teresina e planejaram e executaram a transferência de suas capitais, tais como: Sergipe muda de capital de São Cristóvão para Aracaju (1855), Goiás muda de capital de Goiás (Velho) para Goiânia (1937), Minas Gerais muda de capital de Ouro Preto para Belo Horizonte (1897).

¹⁰ Para Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Teresina é uma cidade “artificial”, criada para um único fim: o de ser sede administrativa da então província do Piauí. Além de ser um ato pioneiro no Brasil.

Esse anseio estendeu-se por anos, envolto por acaloradas discussões, até que, em 1852, tornou-se realidade, devido à iniciativa de José Antônio Saraiva.¹¹

Desde tempos coloniais, ideias sobre a transferência da capital para locais que possibilitassem maior comunicação da província com o restante do Brasil vinham sendo discutidas.¹² As razões para que esses aspectos permanecessem por tanto tempo sendo discutidos e nunca postos em prática eram, nomeadamente, econômicas, pois transferir a sede administrativa de uma capital para outro lugar e construí-la do zero demandava gastos com os quais a Província do Piauí não poderia arcar. Isso porque a base da economia da região era a pecuária extensiva, atividade que passava por séria crise desde o final do século XVIII. Além disso, em seu território, não haviam sido descobertos muitos recursos naturais que pudessem ser aproveitados para a exploração.

Respondendo à indagação feita anteriormente, pode-se deduzir que muito mais do que a falta de recursos financeiros para que o desejo de transferência pudesse se tornar realidade, era necessário alguém que tivesse articulação política e senso para negociação com as elites rurais (lideradas por Oeiras) e comerciais (lideradas por Parnaíba) locais, além de capacidade de contornar momentaneamente as contingências econômicas para driblar as dificuldades pelas quais o Piauí passava e, ainda, convencer a elite rural sobre os benefícios da transferência, já que esta detinha o poder econômico da antiga capital, Oeiras¹³ –

¹¹José Antônio Saraiva nasceu em 1º de março de 1823, na freguesia de Bom Jardim, município de Santo Amaro da Purificação, na região do Recôncavo, Província da Bahia. Já pertencia à geração dos jovens brasileiros que, depois da independência, trocaram a Universidade de Coimbra para se bacharelarem em Direito na cidade de São Paulo. Depois de formado, retornou à Bahia, onde iniciou sua vida pública, exercendo os cargos de Juiz Municipal e Procurador Fiscal da Fazenda. Ampliando suas aspirações, ingressou na política e, ainda bem novo, foi deputado provincial ao tempo do Ministério do Marquês de Olinda (29.09.1849), o pernambucano Pedro de Araújo Lima, do Partido Conservador. Ao tempo do Ministério do Marquês de Monte Alegre, o baiano José da Costa Carvalho, num Gabinete Liberal (09.10.1849 a 11.05.1852), o jovem Saraiva, aos 27 anos de idade apenas, foi nomeado Presidente da Província do Piauí, por Carta Imperial datada de 19 de junho de 1850. MONTEIRO, 2015, p. 44.

¹²Antonio Saraiva não foi o primeiro a pensar na transferência da capital, segundo Monsenhor Chaves (2013), conforme ofícios de 8 de abril e 19 de agosto de 1798, onde o governador D. João de Amorim Pereira apresentava à metrópole considerações sobre a mudança da sede do governo de Oeiras para a Vila de Parnaíba. Em 24 de janeiro de 1813, houve pedidos, por parte dos parnaibanos, de transferência para esta Vila e, três anos mais tarde, a junta provisória, aliada ao governo de Baltazar de Sousa Botelho de Vasconcelos, insistia na mesma ideia.

¹³A cidade foi designada capital da província do Piauí em 1758, permanecendo como centro das decisões políticas até 1852, quando a sede do governo foi transferida para Teresina (Disponível em: <<http://oeiras.pi.gov.br/pagina-exemplo/>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2018 às 09:54.

fator que se tornava um facilitador para a compreensão das razões que fizeram com que ela fosse resistente à transferência.

O isolamento geográfico de Oeiras¹⁴ foi considerado por muitos um dos principais motivos para o atraso econômico da província do Piauí ao longo do século XIX, quando os rendimentos com a criação e exportação de gado diminuíram drasticamente em face da concorrência com outras áreas produtoras, como o Rio Grande do Sul.

Outra razão que deu base para que a transferência da capital se tornasse realidade foi o desejo de fazer a economia do Estado crescer, utilizando, para isso, uma inovação que emergiu com as invenções tecnológicas que ganharam força a partir do crescimento do modo de produção capitalista no qual o Brasil aos poucos estava se inserindo, tomando proveito das novidades que estavam surgindo.

Essas novas tecnologias dinamizaram a economia e o sistema capitalista que no século XIX e XX tornou-se mais forte, influenciando a vida em diversos países, inclusive nos menos desenvolvidos, e naqueles que ficavam fora da Europa.

Eric Hosbsbawn considera o século XIX como o período onde

a navegação mercante mundial, entre 1840 e 1870, passou só de 10 a 16 milhões de toneladas para dobrar nos quarenta anos seguintes, enquanto a rede ferroviária mundial passava de pouco mais de 200 mil quilômetros (1870) a mais de 1 milhão às vésperas da Primeira Guerra Mundial. **Essa malha de transportes cada vez mais fina incorporou até os países atrasados e anteriormente marginais à economia mundial, e criou nos velhos centros de riqueza e desenvolvimento um interesse novo por essas áreas remotas.**¹⁵

Tais benefícios chegaram igualmente ao Brasil, cujos resultados foram a dinamização da produção e comercialização de produtos por intermédio de navios movidos a vapor. No Piauí, isso foi possível graças à utilização de trechos navegáveis do Rio Parnaíba.

Somando-se a isso, as benesses dessas novas tecnologias incidiram diretamente sobre a economia e o comércio piauienses, tornando-os grandes

¹⁴A antiga capital do Piauí estava localizada na região centro-sul, característica que explica o atraso econômico da cidade, já que em meados do século XIX, a pecuária era mais forte naquela região, ao passo que a exploração de maniçoba e carnaúba se deu na região norte. Além disso, havia circunstâncias mais propícias para a comercialização e comunicação com outras cidades, como Caxias, umas das mais importantes do Maranhão.

¹⁵HOBBSAWN, 1988, p. 61, grifo nosso.

beneficiários, sobretudo por meio da utilização de energia movida a vapor, que ocasionou um aperfeiçoamento de navios, mudando os rumos comerciais do Estado.

Figura 1- Antigo Cais de Teresina¹⁶



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Com a navegação a vapor, o transporte de mercadorias na Província do Piauí tornou-se mais acessível, tanto em termos de quantidade como em qualidade e autonomia.¹⁷ As vantagens da navegação a vapor eram bastante expressivas para a época, indubitavelmente o principal motivo do desenvolvimento urbano da vila de Amarante,¹⁸ já que a utilização do rio Parnaíba para o transporte de mercadorias concorreu para o seu desenvolvimento comercial, assim como de outras vilas que

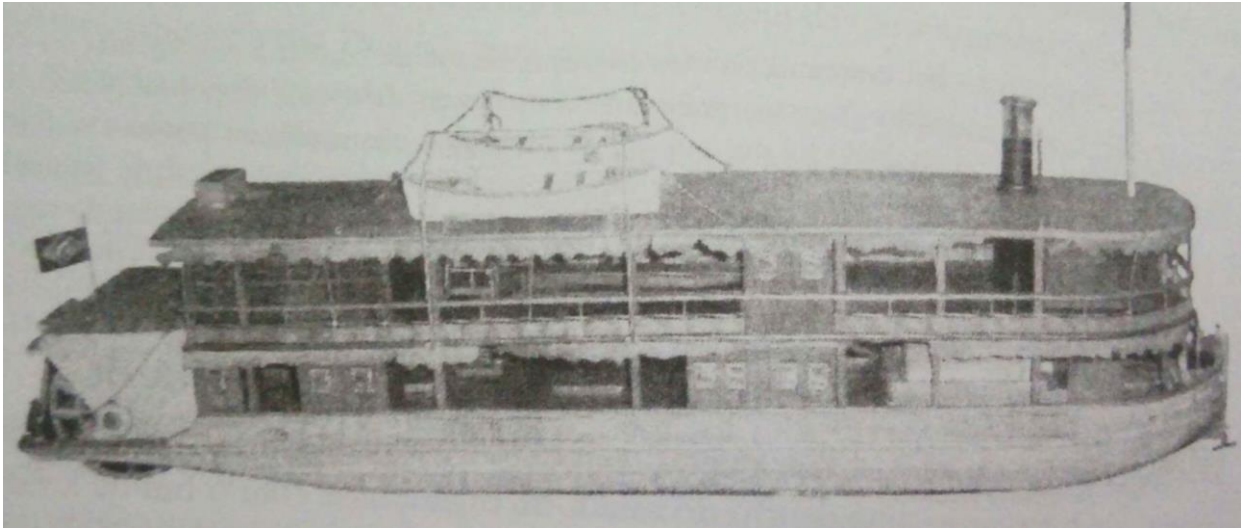
¹⁶Localizado próximo ao Troca-Troca, na Avenida Maranhão, em Teresina (PI), onde havia grande fluxo de barcos a vapor com capacidade para transportar mercadorias e pessoas, permitindo movimentar o centro comercial da cidade. Até os dias atuais, há fluxo de canoas, embarque e desembarque de pessoas vindas da cidade maranhense Timon.

¹⁷O comércio piauiense mostrou-se durante um período muito grande de sua história bastante dependente dos Estados vizinhos, principalmente do Maranhão. Em consequência disso, as mercadorias e tudo o que era repassado para a província se tornava mais caro por conta dos juros que se tornavam cada vez mais abusivos para o orçamento da província, e isso trouxe um atraso econômico considerável para o Estado em relação aos outros da Corte.

¹⁸Segundo Chaves (2009), a cidade de Amarante surgiu em um processo natural de filiação ao Rio Parnaíba, quando ali atracavam as embarcações que serviam ao comércio intenso e bem assimilado na região, iniciado com a recepção ao Vapor Uruçuí, em junho de 1862. Esse comércio, feito, inclusive com a Europa, diretamente, contribuiu para gerar a existência, em 1883, de 26 lojas de tecidos, 2 farmácias e 42 quitandas. Em breve, essa bonança mudou-se para São Pedro de Alcântara, depois tornado Floriano. CHAVES, 2009, p. 57.

foram surgindo e se desenvolvendo às margens do rio Parnaíba,¹⁹ precipuamente na região norte da província.

Figura 2 – Réplica do barco a vapor da Empresa Fluvial Oliveira Pearce & Cia de 1911 – Teresina²⁰



Fonte: Gandara (2010).

Para que o Piauí pudesse extrair proveitos dessas novas tecnologias, romper com o isolamento – que tanto atrapalhava o seu desenvolvimento – e integrar-se ao restante do país, era inescusável que a sua capital ficasse próxima das margens de rios, daí a ideia de transferência para a região anteriormente chamada de Vila Nova do Poti.²¹ Esta tornou-se o centro dos debates relacionados à transferência da capital, mormente por se localizar ao norte da província – região que poderia demonstrar francos sinais de desenvolvimento urbano devido à sua localização, diferentemente da região sul –, ser banhada por dois rios, o Parnaíba e o Poti, e ficar mais próxima da cidade de Caxias, no Maranhão, a qual monopolizava grande parte das atividades comerciais do Piauí.

¹⁹Queiroz (2011) asseverou que o surgimento de cidades como Amarante, Teresina, Floriano União, Parnaíba tinham em sua proximidade o rio Parnaíba, uma característica comum a essas cidades que se tornaram centrais em termos de comércio.

²⁰Essa empresa foi a responsável por estender a navegação a vapor até Santa Filomena (PI) e Santo Antônio de Balsas (MA). GANDARA, 2010, p. 109.

²¹Elevada à categoria de Vila em 6 de julho de 1832, tendo sua instalação solene em 21 de novembro de 1833, pelo então presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Justino José da Silva Moura. A Vila do Poti passou por problemas relacionados às constantes inundações, tendo o Governo Central, pela Lei nº 140, de 29 de novembro de 1842, autorizado os potienses a mudarem o lugar de sua vila. Essa lei foi utilizada mais tarde para fins de transferência da capital, já que, em 1850, apoiado nela, Antônio Saraiva solicitou aos moradores da vila que mudassem para a região situada a uma légua da barra do Poti, que se chamou Vila Nova do Poti, prometendo que a transferência da capital se daria para aquele local.

Ao tratar dos problemas e das perspectivas da Província do Piauí no século XIX, a historiadora Teresinha Queiroz atestou que

de uma maneira geral, é possível afirmar que, durante a segunda metade do século XIX, as iniciativas públicas visavam a romper o isolamento da Província, integrando-a ao espaço regional e que, neste século, a expansão pretendida abarca o mundo capitalista. Ao mesmo tempo, no plano interno, são feitas diversas tentativas de regulamentação das atividades produtivas e disciplina-se a interferência do Estado em vários setores.²²

Ao longo dos debates, outras regiões também foram colocadas nas discussões por deterem potenciais características para se tornarem a sede da província, a exemplo da vila São João de Parnaíba, que estava situada próxima ao litoral, e da vila de São Gonçalo, às margens do Rio Parnaíba.

Somente em 1852, no Governo de José Antônio Saraiva, a transferência pôde, efetivamente, ser concretizada, mediante grandes esforços e dificuldades, especialmente econômicas. Outrossim, havia divergências entre os apoiadores da transferência e os defensores da elite rural oeirense, que eram contra o projeto mudancista.

O governador Antônio Saraiva sabia que para fundar uma cidade com estrutura mínima para ser a sede administrativa da província e para efetivamente mudá-la, exigiria altos custos, e que as verbas oriundas do poder público não seriam suficientes para arcar com tais gastos. Nesse caso, seria necessário apoio do capital privado, o que leva a perceber que não foi tarefa fácil adquirir recursos para esse fim.

Diante dessa situação, os relatos sobre as circunstâncias nas quais se deram a transferência e a construção da cidade de Teresina patentearam as dificuldades vencidas para que a sede fosse deveras transferida. Ogmar Monteiro relatou, com base em suas memórias, uma suposta fala de Dom Pedro II ao receber a notícia de que Antônio Saraiva havia criado uma cidade e nela instituiu a nova sede administrativa da província:

A reação do Imperador ao receber a comunicação foi registrada pelos historiadores como um desabafo, recriminando-se: “É um louco. Não poderia acontecer outra coisa. Onde irá encontrar

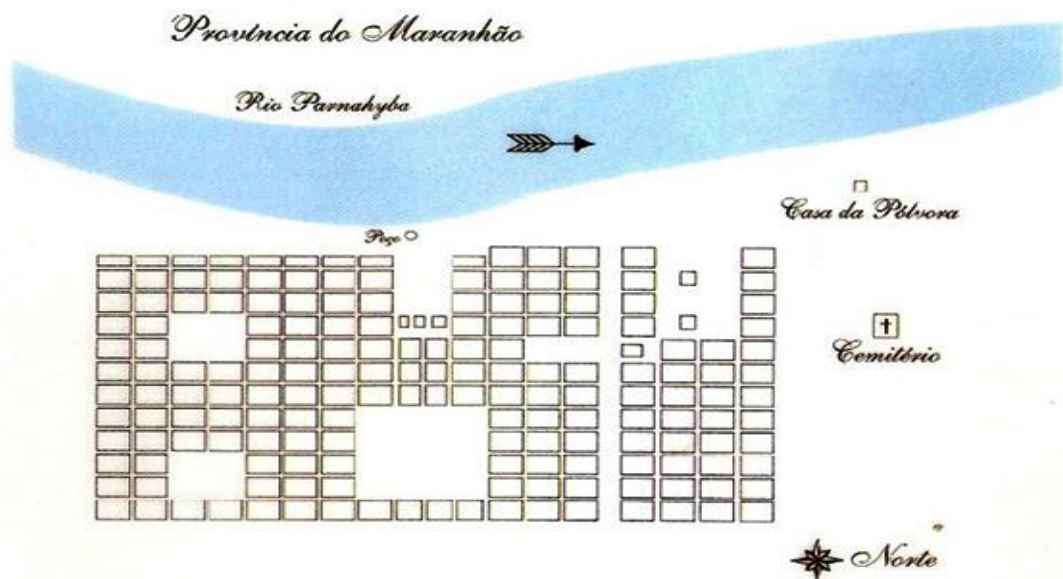
²²QUEIROZ, 2011, p. 21.

habitantes para o povoamento de uma capital de província deste tamanho? Isto teria de acontecer exatamente comigo por mandar um rapazola governar uma província do Império. E, por cima de tudo, nem sequer me consultou antes. E, se, o fez, não esperou a minha soberana aprovação. Agora chega-me este correio com a consumação do ato. Fundou uma cidade. Mudou a capital.”²³

Com as dificuldades econômicas e outras que intervinham direta ou indiretamente a transferência da capital, era compreensível a demora para que essa ideia saísse do campo das ideias e passasse para a prática. A Vila Nova do Poti tornou-se a região escolhida para abrigar a nova capital, assunto que foi posto nos debates pelo jovem presidente da Província Antônio Saraiva, que tinha como propostas centrais de seu governo a transferência da capital e a utilização do Rio Parnaíba para o comércio, por intermédio da navegação. O projeto mudancista, conforme articulado por ele, ganhou forma em 1852, com a mudança da sede do governo provincial para Teresina.

A partir de então, toda a sede burocrática da antiga capital foi transferida para Teresina. De início, estabeleceu-se em prédios de palha e pau a pique, até que aos poucos, a cidade desenvolveu-se. E estas construções precárias foram substituídas por edificações de alvenaria paulatinamente.

Figura 3 – Miniatura do Plano de Teresina, 1852²⁴



²³ MONTEIRO, 1987, p. 90-91.

²⁴ Fundac, aniversário de 148 anos. Planta constituída por meio do mestre de obras Isidoro França, onde o planejamento da cidade, decidido por um plano espacial na forma de tabuleiro de xadrez, onde as ruas eram paralelas, partindo do rio Parnaíba, a oeste, em direção ao rio Poti. **Cadernos de Teresina**, ano XII, nº. 32, out./2000.

Fonte: Cadernos de Teresina (2000).

Uma das primeiras construções edificadas na mais nova capital da província foi a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em frente ao rio e servindo como marco direcional para a construção da cidade, em forma de tabuleiro, característica que ilustra o esforço de erigir uma cidade organizada sob todos os aspectos: ruas, casas e em tudo o que a incorporasse.

Figura 4 – Igreja do Amparo²⁵



Fonte: Cadernos de Teresina (2000).

Ainda acerca da transferência da capital, vale sublinhar que mesmo com toda a complexidade que a localização da capital representava para o seu desenvolvimento, entre outros fatores que por si só já seriam motivos para a transferência, tendo em vista os benefícios que viriam com ela, a capital do Piauí não pôde de imediato, ser transferida.

Como visto, os recursos para tanto eram diminutos, o que provocou múltiplos debates sobre o assunto, além de estudos e pesquisas sobre o melhor lugar para se tornar a nova capital. Em meio a tantas dificuldades econômicas, a sede

²⁵A construção da igreja iniciou-se em 25 de dezembro de 1850. Originalmente, não possuía torres e foi inaugurada somente em dezembro de 1852, sendo levada à categoria de Matriz da cidade. CADERNOS DE TERESINA, out. 2000. In: FUNDAC/PI. **Patrimônio Cultural do Piauí**. Disponível em: <<https://crcfundacpiaui.wordpress.com/author/crcfundacpi/page/9/>>. Acesso em: 9 mai. 2018.

administrativa passou, a partir do governo de Antônio Saraiva, a localizar-se na recém-fundada Teresina.²⁶

2.2 A vida na cidade

A fim de assimilar como as mudanças do início do século XX se refletiram na casa, é oportuno lembrar a relevância das ideias de Teresinha Queiroz,²⁷ no que tange a estudar a cidade em termos qualitativos, a fim de perceber as alterações e como estas moldavam o modo de viver naquele espaço.

Isso porque em estudos quantitativos, os dados e as informações fornecidos, referentes à época, não abarcam toda a dinâmica da cidade e o seu ritmo singular de transformação estrutural e cultural. Assim, a escrita aqui proposta é pautada na cidade tomando como base ela mesma, a sua dinâmica enquanto nova capital do Piauí e tudo o que advém, impõe-se e sobrepõe-se em função disso.

A transferência da capital acompanhou a esperança de inserir a Província nas transformações que ocorriam em outros centros urbanos.²⁸ Acreditava-se que com a transferência e as mudanças que viriam em consequência desta, o Piauí sairia do isolamento econômico, sociocultural e geográfico que tanto lhe atrapalhou ao longo da sua história.

Com a capital próxima ao Rio Parnaíba – que passaria a ser utilizado na navegação para o transporte de mercadorias e pessoas, correspondendo ao principal meio de transporte da região –, o Estado alcançaria independência econômica em relação ao Maranhão, além de outros benefícios que acompanhariam essa mudança, isso porque a Província piauiense mantinha relação de dependência comercial com Caxias,²⁹ o que demandava vultosos gastos para os cofres públicos.

²⁶O nome escolhido foi em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, esposa de Dom Pedro II. Ver mais em: Fundac.

²⁷A autora considera que os dados quantitativos no período em estudo propiciam informações gerais que, em si, não refletem o sentido que se quer levar para esse trabalho. Dessa maneira, para entender a dinâmica cidade de Teresina oitocentista, é preciso ir além dos dados de censos, os quais contribuem para a construção do saber, mas nem sempre refletem todas as características do objeto em estudo.

²⁸Para Queiroz, um dos principais contrastes da cidade de Teresina na segunda metade do século XIX, com relação à Europa e até mesmo outros centros urbanos, era justamente que o processo de transformação da província piauiense não foi dramático como as dos outros centros urbanos aqui mencionados. O esforço do governo com a transferência era justamente diminuir essas distinções.

²⁹Caxias, antes denominada *São José das Aldeias Altas*, entrava para o século XIX sendo elevada à categoria de Vila, em 1811. Sua produção de Algodão era destaque na região, mais da metade produzida era despachada para a capital pelo Porto de Caxias.

Afinal, tudo o que vinha para a antiga sede do Estado chegava bem mais caro e com grande atraso. Notícias urgentes, por exemplo, eram praticamente impossíveis de chegar à capital em tempo considerado razoavelmente curto para os padrões do século XIX, em razão da precariedade do sistema de comunicação e vias de acesso a Oeiras, capital piauiense até 1852.

Isso posto, a proximidade com Caxias (MA) facilitaria, inclusive, as relações comerciais, trazendo para a Província do Piauí a ampliação da arrecadação de impostos para seus cofres, melhorando, por conseguinte, a sua economia. Nesse viés, a proximidade a uma via de acesso fluvial, no caso, o rio Parnaíba, foi uma das razões que concorreram fortemente para a efetiva transferência da capital.

Assim, o comércio teresinense passou a ter forte influência nas duas primeiras décadas do século XX, começando pela localização à margem do Rio Parnaíba, com o objetivo de facilitar a carga e descarga de produtos que chegavam à cidade por meios fluviais. Aliás, nas ruas próximas ao rio, não se desenvolveu apenas o comércio, mas as relações políticas e sociais também se davam por esse meio, como revelado por Ogmar Monteiro.

Teresina concentrou-se à margem do Parnaíba. A vida econômica, política e social, de minhas lembranças, resplandece nas duas ou três ruas paralelas à margem do rio. Ali se comprava e vendia de tudo. E nos escritórios das casas comerciais e das empresas fluviais, ou mesmo ao pé dos balcões, conversava-se, fazia-se política, intrigas, disse-disse. Centro nevrálgico.³⁰

Em outras palavras, o centro da cidade de Teresina tornou-se um importante espaço físico, não apenas em termos de comércio, mas igualmente no que concerne às mudanças culturais que irromperam a partir do advento da vida comercial e da concepção de vida privada. Talvez por isso, Marta Teresa Tajra atinou para a falta de profissionalismo dos comerciantes antes da chegada dos sírios, que trouxeram transfigurações nesse âmbito.³¹

Quer dizer, em virtude da combinação de vida privada e vida pública, quiçá o modo de tratamento entre cliente e vendedor fosse mais informal. Aliás, essa distinção entre público e privado ainda não era absorvida naquele período. Não havia, pois, a ideia de espaço público e privado para os piauienses, ainda arraigado

³⁰ MONTEIRO, 1987, p. 127.

³¹ TAJRA, 2014.

às práticas rurais, e mesmo residindo em meio urbano, portavam-se e mantinham vívidos hábitos similares aos oriundos do meio rural, e na vida comercial não era diferente.

Apenas na década de 1920, esse centro comercial mudou-se para um pouco mais distante geograficamente da margem do rio parnaíba, em consequência de suas cheias que provocavam grande prejuízo para os comerciantes locais. Com a mudança, o centro urbano expandiu-se e a Praça Saraiva passou a ser o centro do comércio varejista, com certo crescimento na referida década.

Os corolários disso dizem respeito à expansão do centro e da cidade, que cada vez mais alargam seus espaços físicos, com as ruas tornando-se gradativamente mais numerosas, haja vista as construções de casas em suas extensões. Nessa esfera, vale frisar que esse é apenas um aspecto que se pode apontar de imediato, mas que não foi o único e nem o principal, mas faz parte do conjunto de variações tecidas na configuração urbana de Teresina.

Dentro desse comércio, havia muito mais que negócios, uma vez que as amizades e rivalidades, fofocas e notícias manifestavam-se nesse meio com certa liberdade. Muitos autores, a exemplo de Ogmar Monteiro (1987) e Carlos Augusto Figueiredo Monteiro (2010), tratam desse ponto em suas obras, com a intenção de salientar que as relações entre os diversos setores da sociedade teresinense andavam juntos e, muitas vezes, tornavam-se inseparáveis.

Por intermédio do comércio e das amizades que se constituíam naquele ambiente, outras relações se tornavam possíveis, como os casamentos, as alianças políticas, que de quando em quando eram essenciais para a manutenção de poder de certas classes sociais, especialmente as mais abastadas da cidade.

A relação entre o comércio e a vida cotidiana dos teresinenses era tão estreita que muitos comerciantes passaram a dividir suas casas com o comércio, ou vice-versa, fazendo deste suas moradias. Essa característica era marcante na

área compreendida no espaço que ia da Rua Bela, atual Senador Teodoro Pacheco, até a Rua São Pedro, e afastando-se um pouco da margem do rio, tudo era do domínio das casas comerciais conjugadas às residências dos seus donos ou gerentes. Tinha aí a cidade. Casas contíguas.³²

³² MONTEIRO, 1987, p. 129.

Essas casas conjugadas apontam para um norte acerca da influência do comércio na vida privada, onde o mundo público, limitado mesmo que a um ou dois cômodos da casa, já tomava o espaço privado, que em termos conceituais, seria o contrário disso: a casa teria de ser refúgio, espaço privado à família, apenas, e aqui, constata-se o que será delineado com maior profundidade e mais detidamente adiante, utilizando como fonte os discursos dos literatos: que as noções de privacidade em Teresina se firmam e são apropriadas de maneira diversificada e diferenciada pelos diferentes sujeitos sociais presentes na cidade.

Era nesses comércios de “vende-se tudo” – pois não havia muitas casas especializadas em um único produto – e de “disse-disse” que se instalavam, também, relações sociais, que iam desde a amizade até a rivalidade, seja no campo comercial ou pessoal. Essas relações “extracomerciais”, que extrapolavam o mero comércio de velas e/ou de roupas, acabaram por trazer à tona a formação de opiniões sobre diversos assuntos, desde os problemas familiares até a política.

Conforme ressaltado, o comércio teve o mesmo ritmo e a mesma dinâmica de desenvolvimento da capital teresinense, uma vez que seguiu uma *performance* articulada com o desenvolvimento peculiar do Estado do Piauí, por vezes, desconectado dos demais Estados nordestinos e/ou em ritmo bastante particularizado, que o deixava aquém do acesso e uso imediato de certas comodidades da vida moderna.

À vista disso, as transformações culturais advindas de diversos empreendimentos modernizadores da cidade trouxeram consigo novos meios e relações sociais, onde a navegação a vapor pelo rio Parnaíba e, mais tarde, a estrada de ferro, dinamizaram o comércio local, fazendo com que a cidade estreitasse para além de laços comerciais extraestaduais e, ainda, remodelasse a vida social, familiar e doméstica.

Teresina era uma cidade em constante transfiguração, tanto em termos físicos – onde o comércio era um claro exemplo disso, mudando de lugar por algumas vezes para fugir das enchentes do rio Parnaíba, como já explicitamos anteriormente – como na forma de construção das casas, sendo umas conjugadas, outras mantendo características rurais, o que fomentou reorganizações em termos culturais, levando em consideração a ideia de novo, uma decorrência da mudança de capital.

No tocante à casa, mudanças no comércio, as quais resultaram em menores dificuldades de acesso ao abastecimento de produtos importados de outras Províncias e até mesmo do exterior, suscitaram transformações na forma de construção e arrumação das casas.

Nesse ensejo, novos materiais de construção foram introduzidos no cotidiano da construção civil piauiense, mormente da capital e de cidades mais abastadas, como Parnaíba, por exemplo.

Se na Colônia, o Parnaíba não representou incremento aos currais, agora, a navegação a vapor favorecia a entrada de mercadorias industrializadas, como mobiliário e materiais de construção, proliferando casas exclusivas de comércio. A atividade semimecanizada, presente já nos primeiros dias da fundação de Teresina, notadamente as cerâmicas, tecelagens e fiações, intensifica o processo de ruptura arquitetônica. O adobe, desprestigiado e abreviado em artefato de reduzida qualidade, dá lugar para as construções de *alvenaria*, expressão cunhada como sinônimo de tijolo queimado.³³

Essa descrição quanto aos novos materiais de construção utilizados nas casas marcou a primeira fase da arquitetura piauiense, que reflete a das “casas modernas”, expressão utilizada para diferenciá-las das coloniais. No período correspondente ao governo de Antonino Freire,³⁴ dadas as novas práticas na construção civil e os investimentos na implantação do maior símbolo de progresso e modernização da cidade, qual seja a energia elétrica, verificavam-se casas construídas a partir de um novo estilo arquitetônico, que incorporava padrões de fachada e de divisão interna dos espaços, com a adoção de corredores, por exemplo, nas construções de casas e prédios públicos na virada do século XX.

Nesse contexto, o intercâmbio comercial proporcionou a implementação do ecletismo no começo do século XX, já disseminado por todo o Brasil. Nessa busca por novas soluções arquitetônicas, menos em relação à questão do conforto climático, que ao status de padrões adotados noutras regiões mais evoluídas

³³SOUSA FILHO, 2007, p. 18.

³⁴Antonino Freire, filho do Capitão Francisco Rodrigues da Silva, nasceu no município de Amarante, a 166 km de Teresina, no dia 10 de maio de 1876, uma terça feira. Mudou-se, ainda pequeno, para Teresina, onde cursou as primeiras letras, depois da morte de seu pai. Estudou no Rio de Janeiro, na época capital do Brasil, onde ingressou na escola de engenharia, Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Retornou ao Piauí em agosto de 1899, aos 23 anos. CHAVES, 2009, p. 57-58.

do país, caracteriza-se como solução formal para atender aos objetivos arquitetônicos.³⁵

Assim, o transporte fluvial, por meio do Rio Parnaíba, engendrou um desenvolvimento da região e da própria capital, o qual se refletiria em todos os sentidos e em todas as áreas da cidade, interferindo na cultura, nos costumes, e na forma de construir prédios e residências.³⁶

No comércio, era perceptível a entrada de novos produtos, vindos de lugares cada vez mais distantes, garantindo mais variedade. Nos jornais das duas primeiras décadas do século XX, divulgavam-se propagandas com a descrição daquilo que estava entrando na cidade – as novidades em produtos, paulatinamente em maior quantidade. Em praticamente todos os jornais examinados, havia publicidade de produtos que chegavam por vias fluviais, “no vapor”, como era costume dizer.

Importante! ...
 O Bom Mercado no Novo Mundo
 Para este importante estabelecimento chegou pelo último vapor, o seguinte:
 CHAPÉOS- Moderníssimos, de palhinha, abas largas; de feltro e puro castor.
 Calçados [...]
 Meias [...]
 Gravatas [...]
 Perfumarias [...]
 Loiça e vidros [...]
 Aparelhos para jantar [...]
 Aparelhos de porcelana [...]
 E mais uma infinidade de artigos que se torna impossível enumerar!³⁷

Campanhas como essas se tornaram comuns ao longo dos anos, ao mesmo tempo em que os produtos que descreviam. Novos objetos tornavam-se parte do cotidiano teresinense, o que interferiu singularmente nos costumes e no comportamento das pessoas. Entre esses produtos, avultavam-se os utensílios domésticos, legando à casa atributos mais peculiares de um lar aconchegante e familiar. Esses artigos seriam similarmente marcos de distinção social e econômica nas casas, e, nesse sentido, cada família adquiria bens e produtos de consumo que chegavam às lojas da capital em conformidade com o seu poder aquisitivo.

³⁵SOUSA FILHO, 2007, p. 37.

³⁶QUEIROZ, 2011, p. 23.

³⁷JORNAL DIÁRIO DO PIAUHY, Ano IV, n. 6, p. 4, 20 mar. 1914.

Entrementes, o desenvolvimento da nova capital teve no comércio um traço medular no início do século XX, tornando-se imperativo sob várias acepções, e levando em consideração a temática aqui aventada, seu valor está no domínio da inovação na construção de residências e edifícios públicos,³⁸ justamente pela incorporação de materiais que viabilizaram a arquitetura eclética em Teresina.

Além de materiais de construção civil, utensílios e mobiliários que proporcionaram mais domesticidade e conforto à casa foram igualmente empregados, configurando-se como símbolo de modernização urbana.

Mesmo com o acesso a novos produtos e ideais, a capital piauiense ainda demoraria muito tempo para se desenvolver como uma cidade moderna, pois no início do século XX, Teresina ainda não contava com instrumentos urbanos modernos, como o abastecimento de água, tampouco saneamento básico ou iluminação pública efetiva e de qualidade.

Ademais, o principal meio de transporte era materializado por intermédio de animais que ao transitarem pelas ruas da cidade, as deixavam insalubres e sujas.

Os meios de transporte da Teresina oitocentista eram predominantemente de tração animal. A venda de capim para os animais era constante, pois “abria-se um silêncio morno, interrompido por moleques que passavam assobiando, montados em burros carregados com feixes de capim verde.” Para viajar para outras cidades, as opções eram animais ou os navios que através do incremento da navegação do rio Parnaíba, interligavam Teresina a cidades piauienses e maranhenses, os trens chegavam à cidade vizinha do Maranhão já no final do século XIX, mas a falta de uma ponte impossibilitava que chegassem a Teresina.³⁹

Sobre as características materiais de Teresina no início do século XX, Teresinha Queiroz reiterou que

Teresina era descrita como tendo mais de 500 casas de alvenaria e todas as demais de pau a pique. Havia ruas inteiras de casas de palha, a iluminação era a lampião de querosene, inexistia qualquer sistema de esgoto e o cavalo era o único meio de condução.⁴⁰

³⁸Foram adotadas coberturas de telha plana, empenas chanfradas, beirais com guarda-pó apoiados em mão-francesa, balaustradas de madeira e até mesmo típico cromatismo amarelo e marrom das alvenarias e esquadrias. SOUSA FILHO, 2007, p. 18.

³⁹ANDRADE, 2016, p. 123.

⁴⁰QUEIROZ, 2011, p. 23.

Nesse cenário, a salubridade da água que era utilizada para o preparo de alimentos, banhos e consumo em geral era motivo de preocupação para as autoridades públicas, já que poderia ser um potencial agente para a transmissão de doenças. Por isso, várias foram as tentativas de efetivar o abastecimento de água desde meados do século XIX, quando a iniciativa privada se mobilizou para garantir esse abastecimento, o que só veio a se concretizar no século XX.

Contudo, havia muito ainda a fazer, pois a cidade e o seu progresso muitas vezes caminhavam em direções contrárias às almejadas pelo poder público.

Todas as fontes evidenciam as limitações de Teresina como centro urbano no início do século, inclusive do ponto de vista demográfico. Outras cenas do cotidiano da cidade estão registradas no anteprojeto, como a de centenas de animais carregados de ancoretas, abastecendo as casas, em duas idas e vindas. Calculava-se, por baixo, segundo o redator, a existência de 100 animais de carga circulando pela cidade e realizando, em média, 10 e até 15 viagens por dia.⁴¹

Os costumes e hábitos dos habitantes teresinenses eram ligados ao meio rural, particularizando um modo de viver singular para o espaço citadino, pois ao mesmo tempo em que se buscava a modernidade, seus moradores permaneciam fortalecendo costumes rurais, como a criação de porcos e a falta de privacidade na casa – alvo das críticas de alguns intelectuais e literatos, seja nos jornais, em escritos avulsos ou mesmo na produção ficcional.

Essas práticas fortaleciam-se por força da continuidade e do aprofundamento de dificuldades econômicas da Província, e da forma como a capital se organizou, pois “ela cresceu com todos os defeitos inerentes a um desenvolvimento prematuro e apressado.”⁴²

Com a introdução e difusão de novas noções bactericidas, a partir do desenvolvimento científico e médico-sanitário ancorado nos princípios do higienismo e sanitarismo, em fins do século XIX, na Europa, estes se expandiram no início do século XX para os demais continentes.

No Piauí, particularmente nas maiores cidades, como Teresina e Parnaíba, começaram a emergir tentativas – nem sempre bem-sucedidas – para “conter a sujeira” visível e tudo o que deixasse a cidade *feia* – tanto na questão estética e de

⁴¹ QUEIROZ, 2010, p. 29.

⁴² MONSENHOR CHAVES, 2013, p. 27.

civilidade como na preocupação com a salubridade pública e prevenção de doenças. Nessa perspectiva, foram criadas normas para administrar a salubridade da cidade, visando a controlar o saneamento, as epidemias, o descarte irregular de lixo, intentando a solução destes e de outros problemas públicos.

A criação da Delegacia de Hygiene Pública foi uma das estratégias aplicadas em algumas cidades do Piauí⁴³ – tendo fracassado pela falta de pessoal capacitado para atuar em determinadas áreas, como descrito no *Relatório dos Presidentes da Província*⁴⁴ – uma clara tentativa governamental para tratar a higiene pública. Nesse enquadramento, visitas sanitárias, como a descrita abaixo, faziam parte da organização da Província quanto à higiene e ao meio de prevenção contra doenças.

Faço constantemente essas visitas pelos armazéns de molhados, quitandas, matadouro e mercado público, fazendo tanto quanto me é possível, manter o asseio devido, quer nos estabelecimentos, quer nas praças e ruas, determinando a salubridade pública.⁴⁵

O diagnóstico do relatório referente ao ano de 1909 comprova que já se pensava em uma maneira de controlar a salubridade da cidade de maneira mais efetiva, uma vez que se tinha em contrapartida uma dificuldade natural: o clima de Teresina, conforme observado pela fala do governador Anízio de Abreu, em junho de 1909:

Estes importantes serviços acham-se a cargo do competente e infatigável profissional – Dr. Bonifácio de Carvalho. Ambos acham-se imperfeitamente organizados e exiguamente dotados. A salubridade, porém, do nosso clima, supre as suas falhas e deficiências. A má fama que por tanto tempo pesou sobre o nosso clima e a nossa salubridade, especialmente sobre a da capital, desapareceu de há muito adiante da logica incoercível dos factos e dos Algarismos. Não tivemos epidemias. As que devastaram tão cruelmente Estados vizinhos não transpuseram as nossas fronteiras.⁴⁶

⁴³Cidades como Parnahyba, Amarante, União, Oeiras, Vila do Livramento e Vila Nova de Nossa Senhora, tendo como delegado do Inspector, respectivamente: Dr. João Naria Marques Bastos, Dr. Bonifácio Ferreira Carvalho, Dr. Areolino Antônio de Abreu, Dr. Aurelio Floro de Castro Louvor, Dr. Jacob Almendra de Souza Gayoso e Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá.

⁴⁴Esses relatórios foram produzidos com o intuito de tecer informações sobre os trabalhos realizados em cada de governo, por cada presidente.

⁴⁵ARAUJO, Marcos Pereira. Visitas sanitárias. In: **Relatório do Inspector de Hygiene pública**. Teresina, 9 ago. 1890. p. 40.

⁴⁶Mensagem governamental apresentada a Câmara Legislativa em 1º de junho de 1909, pelo então Governador, Anizio Auto de Abreu.

Esses melhoramentos, relacionados à higiene e salubridade pública, concatenavam-se com os Códigos de Postura, uma vez que integravam esses métodos e foram criados para acabar e/ou evitar sujeiras, o surgimento ou a proliferação de possíveis doenças na capital, além de tencionar o controle social da população e a tentativa de inculcar na sociedade os ideais de urbanidade e civilidade, fazendo com que, por meio dessa obrigatoriedade, houvesse colaboração e obediência dos residentes.

Era necessária uma transformação de costumes e hábitos ligados à vida rural – que muitas pessoas tentavam manter na capital, e aderir a costumes consoantes com a vida urbana. No afã de enquadrar, de construir uma nova ordem no espaço urbano teresinense, o poder público desejava colocar a nova capital em harmonia com os moldes do mundo moderno e civilizado. Isso é notório ao analisarem aspectos marcantes da cidade no século XIX, o plano urbanístico em formato de tabuleiro de xadrez, o qual tornava mais visível a circulação de pessoas pelo espaço cidadão, e em si próprio continha mecanismo de controle.⁴⁷

Com a criação de Teresina, a cidade passou a receber migrantes oriundos de distintas regiões do Brasil, precipuamente do Ceará (que passava por graves secas), do leste do Maranhão e de outras cidades piauienses (em função do êxodo rural, motivados pela busca de melhores condições de vida), além de antigos moradores da Vila Velha do Poti, que foram inicialmente incentivados pelo próprio Governador Saraiva a migrar para a região Vila Nova do Poti, a fim de povoar a mais nova cidade e somar-se a alguns moradores da antiga capital da província – Oeiras –, os quais se transferiram juntamente com a sede do governo. Todos acreditavam que a transferência simbolizava a esperança de melhoria de vida econômica para o Estado e, conseqüentemente, para os piauienses.

A conjunção desses fatores migratórios fez com que a cidade crescesse logo após sua transferência, apesar de os dados não serem satisfatórios, no que diz respeito aos de outras cidades que abrigavam capitais de Estado, cidades do Nordeste, ou até mesmo se comparado aos atinentes ao Piauí como um todo.⁴⁸

Mesmo assim, em referência às questões qualitativas, Teresina demonstrava, logo em seus primeiros anos, franco desenvolvimento e passava a ser, na virada do

⁴⁷ANDRADE, 2016, p. 137-138.

⁴⁸Ao analisar dados quantitativos referentes ao período entre 1872 e 1940, Teresinha Queiroz relatou que por várias décadas, Teresina cresceu menos que a média do Piauí e menos que outras cidades do Estado. QUEIROZ, 2011, p. 20.

século XX, com a exploração extrativista (cera de carnaúba, borracha de maniçoba e amêndoa de babaçu) – da qual era entreposto comercial –, um lugar de notável desenvolvimento urbano, tendo em conta, é claro, suas características enquanto cidade e seu ritmo singular, que ia, aos poucos, modificando-se.

Dentre as diversas transformações estruturais e sociais, sobressaem-se aquelas que foram cruciais para o desenvolvimento urbano da cidade e, diretamente e/ou indiretamente, interferiram no cotidiano da vida privada de famílias teresinenses de alto poder aquisitivo no período de 1900 a 1920, tais como: a instalação da iluminação pública; o abastecimento de água; e as alterações das sociabilidades públicas e privadas. Estas, unidas e paralelamente, congregaram um conjunto de fatores determinantes para o desenvolvimento citadino e marcaram a modernização de um centro urbano como Teresina.

Fransuel Lima de Barros aclarou a compreensão sobre o processo de mudanças de Teresina, quanto à sua estrutura e dinâmica, quando dilucidou a diferença entre modernização e modernidade:

O termo modernização traduz uma série de mudanças tecnológicas e estruturais que atuam diretamente na vida sociocultural dos indivíduos, (re)organizando o espaço urbano. A exemplo disso, algumas transformações advindas do desenvolvimento técnico podem ser citadas, como a luz elétrica, a água encanada, arborização das praças, calçamento das ruas ou mesmo a chegada do carro e do bonde. Já a modernidade expressa a experiência histórica que acompanha as transformações advindas da modernização, ou seja, representa um experimentar das sensações dos novos aparatos técnicos.⁴⁹

É nesses dois sentidos que tanto o processo de modernização quanto o experimentar dessa modernização em Teresina são vislumbrados ao longo dessa pesquisa, enfatizando o espaço interno à casa, o qual repercutiu nos espaços internos e nas relações travadas nesse âmbito pelos integrantes da família.

A seguir, apontam-se os fatores estruturais e reputados como primordiais para a modernização da capital pelos gestores do início do século XX, arrolados como veículos para a modernidade do Piauí e reivindicados pelos intelectuais e literatos nas páginas de jornais e obras ficcionais desde metade do século XIX.

⁴⁹ BARROS, 2015, p. 22.

2.3 Água à vontade: instituição do abastecimento público de água

Assegurar o abastecimento de água com qualidade e de modo contínuo em Teresina sempre foi fundamental na estruturação da cidade enquanto lugar urbano, e foi por intermédio desse serviço que surgiu uma característica dualista com relação à vida cotidiana na cidade: a necessidade constante de consumo d'água na rotina dos teresinenses de um lado, e de outro, a precariedade no provimento diário.

Nos primeiros anos da cidade, a água era transportada para as casas por intermédio de animais de carga, os quais percorriam diariamente a cidade, deixando-a suja e com uma imagem rural que ia ao encontro dos pontos de vista dos idealizadores da modernidade no Estado.

Calculava-se, por baixo, segundo o redator, a existência de 100 animais de carga circulando pela cidade e realizando, em média, 10 e até 15 viagens por dia. E em contraponto, o abastecimento de água significa um grande avanço e melhoramento cidadão, elevando Teresina cada vez mais ao *status* de cidade moderna.⁵⁰

Sendo o primeiro serviço a ser intentado em 1900, por meio da administração de José Martins Teixeira, que ficou responsável pelo serviço de abastecimento de água e de energia elétrica, o projeto para o abastecimento de água e energia elétrica, em 1903, não passou de teoria, sendo essa responsabilidade transferida para Manoel Tomaz de Oliveira, em 1902.

Apesar de cuidadosa demonstração de economicidade, não permitiu sua subscrição de ações, não permitiu sua estruturação. A partir de 1903, o Estado toma a frente do serviço, realizando-o sob a responsabilidade de Antonino Freire, então diretor de obras públicas, terras e colonização. Pela lei nº 312, de 25 de junho de 1903, o Poder Executivo foi autorizado a contrair empréstimo, dentro e fora do Estado, até a quantia de Rs. 500:0000\$000 para realizar a canalização da água da cidade, o que foi iniciado por Arlindo Nogueira (1900-1904) e teve prosseguimento com Álvaro Mendes (1904-1907). [...] O abastecimento de água, em 1906, já era considerado satisfatório.⁵¹

Assim, o abastecimento de água passou a representar um avanço para a cidade, não sendo mais necessária a utilização de animais para o seu

⁵⁰ QUEIROZ, 2014, p. 29.

⁵¹ Idem, 2010, p. 29.

abastecimento. Para Monteiro, um dos grandes inconvenientes disso era que as ruas viviam atravancadas de tropas de jegues vendendo água coletada no rio, percorrendo todas as casas.⁵²

Em relatório produzido pelo desembargador José Lourenço de Moraes e Silva, em 1908, descrevia-se o serviço de água, bem como aqueles efetivados pela

Repartição de Obras Públicas, terras e colonização, que continuava sob a direção do competente engenheiro civil Dr. Antonino Freire da Silva, a cujos esforços deve o Estado melhoramentos de manifesta utilidade, como seja o abastecimento d'água à população da capital. Durante o anno findo tiveram notável incremento as obras públicas.⁵³

A propósito, a canalização da água em Teresina foi uma experiência simples, mas que trouxe consigo alguns problemas oriundos de sua simplicidade. A água que chegava às torneiras das residências era suja, pois não passava por qualquer tipo de tratamento, e isso implicava problemas de abastecimento e saúde, sobretudo no inverno, quando o volume de água no rio aumentava; já no verão, o transtorno era a lama, que por vezes entrava nos canos, motivando entupimentos.

Contudo, deve-se sobressair que a água encanada também introduziu melhoramentos na cidade, em termos de cotidiano, uma vez que facilitou a vida cidadina. Além do abastecimento de água encanada, outra mudança consubstanciada naquele período, que será debatida a seguir, tem a ver com a iluminação pública.

2.4 Temos luzes! Teresina “toda” iluminada: instituição da iluminação pública

Outro triunfo urbano que trouxe a Teresina mais um sinal de civilidade, idealizada pelo progresso almejado para a capital, foi a instalação de iluminação pública e elétrica, que passou a ser um ponto propulsor para a sua modernização, não somente quanto à transformação estrutural, mas à modificação de comportamentos e hábitos de seus moradores, cujas vidas passaram a ser abalizadas em função da introdução de equipamentos e comodidades dimanadas pela energia elétrica.

⁵² MONTEIRO, 2015, p. 138.

⁵³ Mensagem apresentada à Câmara Legislativa em 1º de junho de 1908.

A instalação da iluminação pública começou a ser discutida ainda no século XIX. Nesse contexto, em 1882, inaugurou-se a primeira iluminação pública de Teresina, a partir de lampiões de querosene.

Em 1882, foi finalmente inaugurado o primeiro serviço estável de iluminação pública. Com 80 lampiões a querosene, a princípio em poste de madeira. Alguns anos depois, esse número subiria para 116, rompendo o século vinte com 140, agora em poste de aroeira.⁵⁴

Reclamações relacionadas à insuficiência do serviço, que era oferecido sem qualidade alguma e contemplava poucas pessoas da cidade, eram corriqueiras em jornais locais, tornando-se alvo de constantes queixas.

Sujeito a frequentes reclamações, o serviço de iluminação pública sempre fora precário. Em 1887, os lampiões, além de pouca luz, apagavam-se cedo, conforme reclamações veiculadas na imprensa. Em 1900, José Martins⁵⁵ solicitara, além do serviço d'água, a concessão para realizar a iluminação da capital por meio mais eficiente, igualmente sem resultados. Antes que o governo do Estado, em convênio com a Intendência Municipal, tomasse a si a responsabilidade pelo serviço, houve outras tentativas por parte de particulares.⁵⁶

Essas tentativas foram levadas ao fracasso, levando o poder público, assim como fez com o abastecimento de água, a tomar a responsabilidade para si. Em 1910, estudo preliminar sobre a implementação da energia elétrica foi o primeiro passo, sob a responsabilidade do Departamento de Obras Públicas, cujos trabalhos tiveram início em 1911 e foram finalizados em 1914, no governo de Miguel Rosa⁵⁷

Ao longo dos anos, a necessidade de iluminação elétrica tornava-se mais intensa, fato patenteado por um relato presente no Jornal do Piauí de 1914, ilustrando alegria e esperança ao noticiar a proximidade de inauguração da energia elétrica.

⁵⁴TAJRA, 2014, p. 63.

⁵⁵Empresário da época que tomou para si a responsabilidade de distribuição de energia elétrica e de água encanada, representando a iniciativa privada, embora sem sucesso.

⁵⁶ QUEIROZ, 2011, p. 30.

⁵⁷ Nasceu em Teresina, no dia 15 de dezembro de 1876. Era filho de João Augusto Rosa e de Júlia Emília de Paiva Rosa. Em 11 de setembro de 1895, Miguel Rosa embarcou para o Recife, onde ingressou na Faculdade de Direito, terminando o curso em novembro de 1898. Regressou ao Piauí, onde exerceu funções como: juiz distrital, diretor de instrução pública, governador e outros cargos públicos, além de exercer sua profissão, quando montou um escritório de advocacia. Morreu em Teresina, na madrugada do dia 9 de junho de 1929.

A iluminação elétrica dessa capital era um melhoramento que estava a exigir o seu estado de adiantamento e progresso. Todos sentiram isto perfeitamente. Depois do abastecimento d'água potável, por meio dum serviço mui natural que as vistas do governo se voltassem para o problema da nossa iluminação pública. E foi o que aconteceu na patriótica administração do eminente piauiense Dr. Antonino Freire, que deu feliz início ao notável empreendimento que, encontrando da parte do Exmo. Sr. Dr. Miguel Rosa, actual governador do Estado, a mesma alevantada orientação e os mesmos patrióticos intuitos que distinguiram o governo passado, se está prestes a concluir, - pois tudo indica que teremos, nos primeiros dias do próximo mez, instalação da luz elétrica já ansiosamente esperada[...]⁵⁸

Além de noticiários de jornal, informações sobre a energia elétrica e outras obras públicas estão presentes nos relatórios governamentais. É o que se pode confirmar com a leitura do relatório de governo de Miguel Rosa:

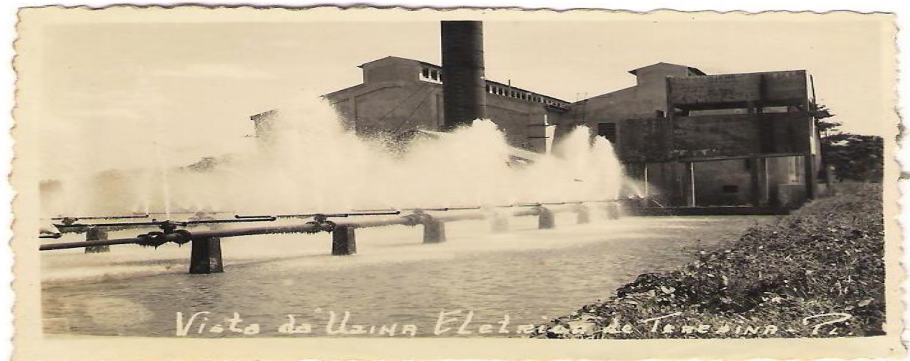
O serviço de Luz e força

Tenho a satisfação de anunciar-vos para breves dias a inauguração definitiva do serviço de luz e força nesta capital. Espero ter o prazer de ver na noite de hoje os principais pontos de Therezina iluminados, solemnisando por este modo o auspicioso inicio dos vossos trabalhos legislativos, no corrente ano. Exceceram a toda previsão orçamentaria as despesas feitas com o utilíssimo melhoramento a que me refiro. Os dados oficiais, fornecidos pela secretaria de Fazenda, estimam em cerca de 650:000\$000 o que se tem gasto na Usina Electrica, inclusive aparelhos e machinismos. Entretanto, senhores Deputados, eu vos dou grata certeza que possuímos um serviço completo, modelar, aperfeiçoado e que não teme competência outro Estado do norte.⁵⁹

⁵⁸LUZ ELÉTRICA. **Diário do Piauí**, Ano IV, Therezina, p. 3, 21 mar. 1914.

⁵⁹Mensagem apresentada à Câmara Legislativa, em 1º de junho de 1914, pelo então Governador do Estado, Dr. Miguel Rosa Paiva.

Figura 5 – Usina de eletricidade de Teresina⁶⁰



Fonte: acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs), em Teresina (SD).

Considerando o contexto relacional da sociedade, onde múltiplos fatores são mobilizadores e concorrem para desencadear o desenvolvimento de diversos processos em áreas tão diferentes, é possível perceber que a eletricidade incentivou os comerciantes a reorganizarem e ampliarem seus negócios, até mesmo com o surgimento de novos estabelecimentos.

Estes eram motivados pela nova fonte de energia disponibilizada de forma regular e assegurada pelo poder público – assim, poderiam usufruir de iluminação pública, investir e diversificar as atividades comerciais disponibilizadas aos clientes, incluindo lazer (cafés, soverterias, cinemas, teatros etc.), e expandir os produtos ofertados nas lojas, com a inclusão de aparelhos eletrodomésticos e eletrônicos, por exemplo. Acrescente-se a isso o advento de novos equipamentos públicos, como as rádios que se instalaram nas cidades de Parnaíba e Teresina.

Com o acesso à eletricidade, muitas mudanças, apesar de tímidas, foram tomando corpo, tanto em níveis estruturais, na cidade, como nos costumes de seus habitantes, para quem a iluminação trouxe novos hábitos, além de desenvolvimento comercial, notabilizado na frequência aos cafés e bailes noturnos, os quais movimentavam a vida social de Teresina.

Com a instalação da energia elétrica nos pontos centrais da cidade, exatamente sessenta e dois anos após a criação de Teresina, os modos de sociabilidades alteraram-se, podendo-se dizer que houve certa expansão destes. Uma vez que os passeios se tornaram mais demorados ou mudaram de horário, o

⁶⁰ A usina de eletricidade localizava-se na Rua Coelho de Resende.

comércio ganhou um novo formato, entre outras práticas introduzidas no cotidiano da cidade, até então impensáveis, e que agora eram possibilitadas em virtude da presença de energia elétrica, ou seja, a energia pública tornou-se “fonte de inspiração” para comerciantes e cidadãos da época inovarem.

Nesse sentido, Marta Tereza afiançou que “inspirado nessa iluminação, que com o passar do tempo foi crescendo e melhorando, nasce o primeiro café em Teresina.”⁶¹ Esse fato, por si só, representava mudança, principalmente em termos de sociabilidades, pois com a criação de cafés, tornava-se cada vez mais necessária a energia elétrica, resultando em outras ampliações reputadas como sinônimos de modernidade, a exemplo do uso de eletrodomésticos.

Com o passar dos anos, as reclamações alusivas à concentração de acesso à energia elétrica em pontos centrais da cidade e à insuficiência na distribuição de iluminação pública passaram a ser constantes, somando-se ao fato de que o período em que as luzes⁶² ficavam acesas era considerado muito curto pela maioria população – isso porque o horário de distribuição era de 18 horas às 21 horas.

Logo, não só o comércio se beneficiou com a energia elétrica, mas a casa também passou por profundas mutações, porquanto não eram todas as residências que contavam com luz elétrica, e apenas as que tinham puderam usufruir das mudanças proporcionadas pela luz, primordiais no sentido de conforto do lar, inaugurando novos costumes.

Incluem-se nesse universo alterações estruturais na casa, com a instalação de fiações, tomadas e interruptores visando a usufruir da luz noturna, chegando à aquisição de novos eletrodomésticos – quando as condições econômicas permitiam. Portanto, a introdução de iluminação noturna nos cômodos domésticos carregou consigo ideais e ideias de conforto antes não observados nas casas teresinenses.

Em função dos melhoramentos que sobrevieram com a energia elétrica – considerada um passo decisivo para o processo de modernização, muito relacionado ao distanciamento das características rurais –, se antes a escuridão pairava pelos currais e casas coloniais do Piauí, agora as luzes da iluminação elétrica traziam para a capital ares que outras cidades do Brasil e fora do país já respiravam.

⁶¹TAJRA, 2014, p. 63.

⁶²Este é o termo da época, a iluminação pública a gás, que nos postes apenas havia sido substituída pelas lâmpadas, e a população por certo tempo manteve o hábito de chamá-las assim.

2.5 Bailes, Carnaval, novenas, encontros: as sociabilidades teresinenses

A introdução de agentes modernizadores e que alteraram diretamente os aspectos físicos e estruturais da vida urbana teresinense, tais como água canalizada, energia elétrica, saneamento básico, entre outros melhoramentos citadinos no começo do século XX, impactou sensivelmente o comportamento de seus habitantes ou, melhor dizendo, incitou meios para que a conduta dos moradores da cidade também se modificasse.

Decerto, a sociedade teresinense passou a presenciar a chegada de novos costumes que, mesmo não substituindo totalmente os antigos, foram notáveis para a mudança cultural e social de uma sociedade que crescia e se renovava em um ritmo singular, articulando novidades mediante suas tradições.

Quanto às diversões teresinenses, presentes desde o século XIX, relacionadas ao cotidiano da cidade e à vida de seus moradores, Monsenhor Chaves proclamou que as festas de Teresina, na segunda metade do século XIX, relacionavam-se, basicamente, a três grandes grupos: religiosas, cívico-patrióticas e populares.⁶³

Essas festas populares, já imersas nas práticas teresinenses, assim como outras, que no fim do século XIX eram bastante recorrentes, passaram a ter de compartilhar espaços com os novos lugares de sociabilidades que emergiram no período noturno, no início do XX. Tais diversões poderiam acontecer tanto em comemorações de aniversários como de casamentos ou batizados, entre outras ocasiões, que muitas vezes não precisavam de motivos específicos para sua realização.

Esses eventos movimentavam a jovem cidade, além de bailes, festas e eventos religiosos – a Semana Santa, os festejos –, tais como os de santos (os mais concorridos eram os do mês de junho, Santo Antônio, São Pedro e São João, e da padroeira da cidade, Nossa Senhora do Amparo), e novenas – festividades que, do mesmo modo, faziam parte da vida social de Teresina. Além destes, havia os acontecimentos relativos aos ritos sacramentais, a exemplo de casamentos, batizados, primeira eucaristia, entre outros.

⁶³ CHAVES, 2013, p. 30.

Trata-se de práticas que se mantiveram no cotidiano teresinense por todo o período em análise, com presença significativa de residentes da cidade em diversos eventos do calendário religioso – nomeadamente aqueles vinculados à Igreja Católica –, uma vez que são compostos por momentos prescritos pela ritualística religiosa e por outros constituídos e demarcados pela convivência dos sujeitos sociais, os quais proporcionam o convívio, a interação e a integração social entre os participantes dessas celebrações.

Nesse contexto, as festividades religiosas estavam incluídas, até porque em uma cidade sem atrativos, onde o povo vivia à espera de algum acontecimento que quebrasse a rotina cotidiana, a devoção e a busca de lazer acabavam por se confundir.⁶⁴

Outros correspondem “aos banhos de rio, pescarias, caça e batuques diversos, comícios, bumba-meu-boi e até mesmo enterros faziam parte das formas de diversões dos teresinenses no início do século XX.”⁶⁵ Tais costumes perpassaram a temporalidade ora examinada, como visto no relato de ex-aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que fazia passeios com a turma e com as freiras do colégio – os quais correspondiam a esse tipo de diversão:

No Memorare. Ave Maria, eu achava ali[...], é um céu. A gente sai, cantava tanto, fazia tanto drama, ia pro Memorare, pra Pedra Mole. Era tão bom! A irmã mandava fazer um bocado de pirão e a gente pescava uns peixinhos com anzol.⁶⁶

Nos jornais, eram igualmente constantes os avisos de casamentos, aniversários, entre outros, como o anunciado no Jornal A Borboleta, de 1905, reproduzido a seguir:

Chegou no dia 20 da Capital Federal, onde tinha ido tomar parte nos trabalhos da Câmara dos Deputados o Exmo. Sr. Dr. Arlindo Nogueira. Sua Ex^a. foi recebido festivamente não só pelos amigos e admiradores, como também pela Exma. família. A noite houve esplendido baile, o qual foi muitíssimo concorrido pela fina flor da sociedade teresinense.⁶⁷

⁶⁴CASTELO BRANCO, 2013, p. 44.

⁶⁵QUEIROZ, 2006, p. 176.

⁶⁶SILVA, 2010, p. 318 apud CASTRO, 2010, p. 11.

⁶⁷NOTÍCIAS, **Jornal A Borboleta**, Theresina, Ano I, n. 15, p. 419, nov. 1905.

Não somente os noticiários contêm informações sobre a presença dos tipos de sociabilidades, mas a literatura ora analisada, precipuamente as obras ficcionais, estão repletas de descrições desses eventos (algumas vezes de forma crítica), onde aniversários e casamentos eram, ocasionalmente, palco de interações sociais, flertes, fofocas, denotando que quase tudo acontecia nesses eventos. Um exemplo plausível dessas interações sociais teresinenses eram os casamentos que movimentavam o viver citadino, desde o noivado até o dia evento propriamente dito.

Na obra *Um Manicaca*, de Abdias Neves,⁶⁸ por exemplo, é perceptível a descrição dessas sociabilidades, no casamento de Dr. Praxedes e Mundoca, que movimentou a cidade desde o noivado até o dia do casamento, trazendo à tona o modo de se relacionar das pessoas, onde a cerimônia nupcial passava a fazer parte da vida social daqueles que estavam ao redor do casal, ressaltando que a ideia de público e privado e, conseqüentemente, privacidade, era quase inexistente na recém-criada capital.

Isso leva o leitor a imaginar que as relações sociais de Teresina transpunham os limites do íntimo e, muitas vezes, caracterizavam-se por laços estreitos que surgiam com essa interação tão próxima entre as pessoas. Nos jornais, há, inclusive, notícias sobre determinados eventos.

No dia 17 teve lugar o enlace matrimonial da elegante senhorita Maria Luiza Beleza com o sr. Edmundo Genuino de Oliveira. No dia seguinte houve banquete e a noite baile, o qual deixou em muitos corações belas e fulgurantes impressões, pelo modo lano e expansivo com que os recém-casados trataram aos convivas.⁶⁹

Assim como o casamento, as festas de aniversário, batizados, eventos de cunho religioso e qualquer outra diversão de Teresina, nos primeiros anos do século XX, apresentavam as mesmas características, que dizem muito sobre os costumes rurais enraizados na sociedade teresinense: disse-disse, mexericos e conversas que extrapolavam os limites do que se entendia como ideal para os padrões que se

⁶⁸Abdias da Costa Neves nasceu em Teresina, no dia 19 de novembro de 1876, sendo filho de João da Costa Neves, modesto funcionário público, e de Delfina Maria de Oliveira Neves. Fez Faculdade de Direito em Recife e retornou a Teresina, onde foi Juiz de Direito interino em Piracuruca, de 1900 a 1902; juiz substituto federal de 1902 a 1914; e secretário do Governo, em 1914. [...] Foi grande Jornalista. O jornal era a sua arma predileta para comentar os fatos e orientar a opinião pública. CHAVES, 2013, p. 607-608.

⁶⁹NOIVOS. **Jornal A Borboleta**, Teresina, Ano I, n. 17, p. 4, 29 jan. 1906.

tentava instituir entre os moradores da capital, a partir de um novo conceito de civilidade, *importado* dos países europeus.

Por esse motivo, tornaram-se alvo de críticas sucessivas de alguns literatos e intelectuais que os viam como contrários à modernização que Teresina estava vivenciando. Em contrapartida, havia os bailes elegantes voltados às famílias mais abastadas, cujo objetivo era prestigiar acontecimentos que envolvessem alguém importante na sociedade piauiense, pois nesses bailes, os modos refinados eram postos em prática, onde as mulheres e os homens poderiam demonstrar todos os requintes de sua educação.⁷⁰

Sobre os bailes e as modificações que os permeavam, Pedro Vilarinho assentiu que

o baile era um dos momentos tradicionais do lazer teresinense. Com o passar dos anos, ele incorpora novidades, como as tocatas e mesmo ritmos musicais bem mais agitados e envolventes que a tradicional quadrilha ou as delicadas valsas. Mas o seu caráter privado, pois a grande maioria dos bailes acontecia nas casas de famílias, aproxima-o mais das formas de viver tradicionais da cidade do que as novas formas de lazer, que se ligarão mais fortemente aos espaços públicos.⁷¹

Ao longo das primeiras décadas do século XX, esses bailes, por serem frequentemente realizados, aderiram às transformações e inseriram novidades, até mesmo com a introdução de novas nomenclaturas para designar os apetrechos e utensílios utilizados, os quais remetiam à ideia de luxo e requinte, tornando-se cada vez mais requintados, incorporando novos ritmos dançantes e instrumentos musicais.⁷²

Outra forma de conjecturar as sociabilidades na capital piauiense é por meio das presenças habituais de moradores em festas cívicas – vinculadas ao cotidiano da sociedade teresinense desde o século XIX –, as quais passaram a fazer parte da rotina escolar para marcar datas comemorativas, com a realização de eventos destinados a aflorar o sentimento patriótico.

A respeito disso, Melo mencionou que “a cidade apresenta-se como o palco em que se tecem as tradições, era o lugar onde aconteciam as festas de toda

⁷⁰ CASTELO BRANCO, 2013, p. 46.

⁷¹ Ibid., pág. 47.

⁷² Ver mais em CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**: a condição feminina na Primeira República. 3. ed. Teresina: Edufpi, 2013.

natureza, as procissões católicas, as manifestações populares e os espetáculos cívicos.”⁷³

Portanto, esses acontecimentos formavam as sociabilidades de Teresina desde o seu princípio, e perduraram como centro das diversões cidadinas por muitos anos, e mesmo quando novas sociabilidades emergiam, as antigas renovavam-se e preservavam sua importância no contexto da cidade, enquanto formas e espaços de interação e integração dos sujeitos sociais.

Quanto aos objetivos básicos dos desfiles cívicos susoditos, no ambiente urbano teresinense, não era possível dissociar o caráter de sociabilidade e diversão desses eventos sociais. Isso porque os moradores dessa pacata cidade viam nesses “festejos cívicos” espaços e formas de *driblar* o sedento cotidiano com atrações e diversões que alteravam a mesmice das atividades da cidade.

O cotidiano da cidade é alterado com as festas, há uma suspensão da cotidianidade, uma fratura na mesmice da vida de quase todos os habitantes, os que direta ou indiretamente estão envolvidos com os eventos, tornando o viver diferente, o dia anterior ao do acontecimento já dá sinais de mudanças, com a arrumação das ruas, a montagem do palanque das autoridades. O tempo sofre alterações para dar lugar à festa e aos desfiles, tão rigorosamente ensaiados por vários dias.⁷⁴

Dessa maneira, ao meditar sobre o contexto das sociabilidades em Teresina, descobre-se que estas não ficavam restritas apenas às festividades, como erroneamente se imaginava, tendo em vista as opções reduzidas para encontros da população local.

Some-se a isso a aceção de Pedro Vilarinho sobre uma das principais marcas em relação às mudanças que estavam ocorrendo no Brasil no início do século XX, no tocante à valorização dos espaços urbanos promovidos mediante reformas urbanas que objetivavam mudar a feição das cidades e dar a elas um aspecto europeizado e, por isso mesmo, civilizado e pronto a receber as pessoas da elite, transformando-se em locais de convivência social.⁷⁵

Assim, com a modernização propiciando o contato ou exigindo-o cada vez de forma mais estreita, constante e intensa com o mundo exterior (entenda-se aqui por

⁷³ MELO, 2010, p. 104.

⁷⁴ Ibid., p. 105-106.

⁷⁵ CASTELO BRANCO, 2013, p. 41.

Europa, pois muitas vezes, era mais fácil manter contato regular com países do velho continente que com cidades brasileiras) e suas influências, novas formas de diversão chegaram a Teresina. O teatro, o Carnaval, o cinematógrafo, os passeios nos jardins públicos são exemplos desses meios de interação e relação social.

É interessante pontuar a meritória colocação de Teresinha Queiroz, ao discorrer sobre a ideia do novo que revestia essas sociabilidades.

Em sentido literal, nem todas essas formas de lazer eram novas. Novo é o sentido que lhes é atribuído, nova é a sua condição de veículo civilizador e modernizador, novos são os conteúdos culturais que elas incorporam.⁷⁶

Nesse âmbito, os novos meios de socialização tangem às modificações culturais presentes em Teresina, refletem novos comportamentos e novos meios de se relacionar, sendo, pois, divergentes das diversões populares. O que interessa nesse ponto é que se compreenda como essas sociabilidades contribuem para o processo modernizador de Teresina na transição do século XIX para o XX, e na reconfiguração de espaços públicos e privados da capital piauiense.

O teatro, que já existia desde a criação de Teresina, apenas se mudou, juntamente com a capital. Porém, a influência das transformações culturais na virada do século trouxeram para ele um novo tom, agora moderno, basicamente no sentido de profissionalismo e de espetáculo,⁷⁷ já que, embora os atores fossem, em sua maioria, da própria cidade, os espetáculos tornaram-se cada vez mais frequentes, contando, às vezes, com a presença de atores de fora do Estado, alguns até mesmo do exterior.⁷⁸

Em Teresina, os altos preços cobrados pela entrada e as exigências em relação à vestimenta adequada para frequentá-lo – padrões e parâmetros que não surgiram especificamente na cidade, mas foram implantadas por influência de outros locais onde estas se faziam presentes –, impediam a maioria da população da cidade de ter acesso às peças apresentadas tanto no Teatro Santa Tereza quanto no Teatro 4 de Setembro.

⁷⁶QUEIROZ, 2011, p. 34.

⁷⁷Levando em consideração que os teatros passaram a ser cada vez mais bem elaborados, com peças teatrais diversificadas.

⁷⁸Teresinha Queiroz (2011) narra a presença de atores estrangeiros, como a atriz Helena Balsemão, que era portuguesa.

Apesar disso, o teatro foi bastante presente na vida social, abalizado como fator de distinção social, sendo as classes mais abastadas detentoras de poder aquisitivo capaz de pagar o alto custo dos ingressos. Sobre essa realidade, Monsenhor Chaves ratificou que

as representações no Teatro Sta. Teresa eram exclusivas das classes abastadas, pois os preços de entrada eram elevados para a época. Basta dizer que um camarote custava 6 e 7 mil réis, e uma cadeira na plateia, 2 mil réis. A crítica dos jornais era muito severa para as companhias teatrais que aqui se exibiam. Vez por outra surgia molecagem nas torrinhas, mas eram os rapazes da família que faziam.⁷⁹

Essa situação foi determinante para que transgressões ocorressem dentro do teatro. Nessa conjuntura, Teresinha Queiroz acrescentou que estas se relacionavam a determinadas atitudes que se tornaram comuns naqueles espaços, correspondentes ao comportamento de alguns rapazes que conseguiam entrar no teatro sem permissão e acabavam fazendo badernas.

Moços de família e estudantes secundaristas envergonhavam aos parentes e chamavam a atenção das autoridades, adotando comportamentos não civilizados – gritos, vaias, aplausos fora do lugar e da hora, brigas, quebra-quebras, movimentos, gestos e frases indecorosos.⁸⁰

Ainda assim, o teatro movimentava a elite local, inserindo e proporcionando a esta formas e referenciais de distinções que iam de acordo com o poder aquisitivo e as formas como iam para o teatro, apresentavam-se e comportavam-se naquele recinto.

É oportuno frisar que ainda na primeira década do século XX, quando passava por transformações culturais, Teresina contava com poucos recursos financeiros, mas mesmo assim, o teatro passou a fazer parte do dia a dia da elite teresinense. Sua influência no comportamento e nas vestimentas da sociedade trouxe modos de viver contrários aos que eram comuns até então, inspirando, também, o modo de viver na casa, revelado pelo discurso e pela prática escriturística dos literatos da época.

⁷⁹ MONSENHOR CHAVES, 1998, p. 32.

⁸⁰ QUEIROZ, 2011, p. 38.

Sem embargo, o teatro passou a exercer forte intervenção cultural para os teresinenses, sendo considerado, nos dizeres de Teresinha Queiroz, como diversão familiar e uma longa tradição educativa,⁸¹ nomeadamente no modo de se comportar em público, de vestir-se bem, e quanto às etiquetas e a tudo o que fosse necessário para estar inserido nos padrões civilizatórios.

Ademais, no início do século XX, as peças teatrais ampliaram seu campo de produção para apresentações com maior diversidade de temáticas. Teresinha Queiroz citou que naquele período, no teatro, predominavam, além de comédias, que já aconteciam, as canções, operetas, além de revistas de costumes.

Outro espaço que anualmente oportunizava encontros, máxime entre os mais jovens, eram as festas que, via de regra, não eram benquistas pela sociedade local – fortemente determinada pelos preceitos religiosos. As festas mais criticadas eram as realizadas durante o Carnaval, mas nem por isso deixaram de integrar o cotidiano teresinense paulatinamente até se estabelecer no calendário festivo da cidade.

Similar ao teatro, o Carnaval trouxe consigo novas possibilidades de interação social, sobretudo entre jovens e adultos que promoviam as festas em suas residências: para aqueles, aumentavam as chances de flertes e namoros devido à maior liberdade que esse tipo de diversão proporcionava, mesmo que a vigilância ainda estivesse presente, ainda mais em relação à mulher; para estes, assegurava os elementos básicos para a manutenção do controle e da vigilância sobre as filhas e esposas nos momentos de descontração, posto que as festas eram realizadas em espaços “supostamente” supervisionados por estes.

Em oposição ao teatro que, de certo modo, era bem aceito socialmente, o Carnaval era visto pelos intelectuais e “homens cultos” da época como ameaça à moral e aos bons costumes, por permitir certas liberdades que em outras festividades não se permitiam, onde a vigilância era mais facilmente exercida.

As festas carnavalescas eram comumente associadas a períodos nos quais alguns exageros eram promovidos, e algumas críticas eram expostas, a exemplo das que remetiam à igreja.

No Jornal A Lanterna,⁸² ilustrado na Figura 8, é possível identificar a crítica à igreja e, ao mesmo tempo, ao Carnaval, onde os excessos eram exibidos na imagem

⁸¹QUEIROZ, 2011, p. 40.

⁸²Jornal criado para expor ideias contrárias às da igreja e criticá-la. Autointitulava-se *Jornal Anticlerical*.

que ostenta o comportamento da freira e do padre – totalmente contraditório às posturas esperadas de ocupantes de representações clericais.

Na imagem em apreço, é possível perceber como o uso de fantasias era uma maneira de criticar os representantes da Igreja Católica, aliado aos comportamentos.⁸³

Figura 6 – Viva o Carnaval



Fonte: Viva o Carnaval (1910).

Além de ser uma diversão onde os abusos são típicos e esperados dos participantes, no carnaval há a presença do desejo de transgressão, no sentido de fazer algo que se tem vontade mas não se tem liberdade, daí o porquê das críticas em torno dessa festividade, onde os bons comportamentos são deixados de lado, dando lugar aos que surgem a partir da emoção e ferem os *bons costumes*.

No início do século XX, o Carnaval passou por grandes modificações, deixando de promover mais eventos na rua, diminuindo as influências afros e nativas, e passando a ter mais comemorações privadas, sob influência europeia, sendo mais calmo e sem grandes exageros, semelhante aos bailes, permitindo à

⁸³ VIVA O CARNAVAL. *A Lanterna*, pág. 1, 5 fev. 1910.

família participar das festividades que envolviam os corsos e folguedos, que em Teresina se tornaram comuns no período carnavalesco do início do século XX.

O Carnaval até o ano de 1859 era muito modesto e consistia quase que exclusivamente no entrudo. Naquele ano, porém, a coisa mudou de feição. Logo em janeiro apareceu na imprensa o seguinte anúncio:

“Carnaval – José Gregório Perco, constando-lhe que haverá divertimento de carnaval este ano, à moda das grandes cidades do Império, oferece às pessoas que quiserem mandar fazer roupas para máscaras, de qualquer gosto, ou épocas, as quais prontificará com bom gosto e com o segredo, que é devido em tal regozijo”.

De fato os Srs. Capitão Sinfrônio, alferes Fonseca e Mesquita haviam fundado uma sociedade carnavalesca e tiveram a lembrança de promover, naquele ano, a primeira “mascarada” que se fez em Teresina. Foi um sucesso.

Acompanhemos o noticiário da época:

“os dias 5,6 e 8 do corrente (março) ofereceram algumas horas de entretenimentos aos habitantes de Teresina. A 5, às 8 horas da noite, ao melodioso som da música dos Educandos, teve lugar um grande baile de mascarados no teatro nacional Sta. Teresa. Cerca de 50 indivíduos apresentaram-se bela e variadamente vestidos, e perfeitamente caracterizados. A folia durou até as três horas da manhã quando, depois de muitas danças, passeios e decentes gracejos pelos camarotes e corredores, pôs termo a tudo a tudo um estouvado Cancam. No dia 6, às 4 horas da tarde, o terço da música do meio batalhão de 1ª linha percorreu as ruas da cidade, em frente de mais de mesmas horas, um número talvez superior a 80 pessoas percorria a pé todas as ruas com máscaras e vestimentas de diferentes gostos, e muitas bastantemente apuradas. Às 8 horas da noite principiou no teatro outro baile, onde a concorrência foi superior à capacidade do edifício, notando-se aí grande variedade e diversas transformações, tendo dado muito nas vistas, entre outras caricaturas, a de um *Pelicano* e a que se intitulava *Mr. Laemmert, autor das folhinhas*, e as do *bifronte de cão e cavalo*. durou a função até meia-noite.

A harmonia e decência presidiram a toda folgança. o respeito recíproco entre máscaras e espectadores foi bem notável. A pompa no vestuário sobressaiu no último das dia, observando-se muitos rapazes perfeitamente vestidos de damas.”

As representações no teatro Sta. Teresa era, exclusivas das exclusivas das classes abastadas, pois os preços de entrada eram elevados para a época. Basta dizer que um camarote custava 6 e 7 mil réis, e uma cadeira na platéia, 2 mil réis. A crítica dos jornais era muito severa para as companhias teatrais que aqui se exibiam. Vez por outra surgia molecagem nas torrinhas, mas eram os rapazes da família que faziam.⁸⁴

⁸⁴ MONSENHOR CHAVES, 1998, p. 32.

Dos foliões de rua, faziam parte grupos de classes sociais diversificadas, o que originou os bailes elegantes, cujo acesso era restrito a determinados grupos da elite local, manifestando-se como diferenciador das classes sociais mais elevadas.

Em Teresina, nos bailes que começavam à noite e se estendiam pela madrugada, homens e mulheres divertiam-se dançando ao som de orquestras que tocavam marchas e tangos, entre outros ritmos. Além das danças, o entrudo elegante, feito com lança perfume, confete e serpentina, também animava os foliões e dava vida aos festejos carnavalescos.⁸⁵

Mesmo sob nova face, o Carnaval continuou a ser muito criticado pela igreja, por ser uma festa da qual as mulheres de família participavam, colocando a ordem disciplinar imposta pelas normativas religiosas em risco, singularmente com relação ao Carnaval de rua, onde há ausência de diferenciação social, e apesar dos esforços da igreja, excessos de liberdade ainda perduravam, maiormente por meio do corso – desfile de carros que perdura na cidade até os dias atuais.

Ao contrário do Carnaval, havia o Cinematógrafo, instituído na década de 1900 como uma sociabilidade de cunho educativo e civilizador – assim como o teatro –, apesar de serem inicialmente bastante criticados em razão dos locais onde aconteciam as exhibições das produções, pois as salas eram escuras e, segundo os críticos, poderiam acarretar a vulnerabilidade da moral e dos bons costumes familiares.

Sobre isso, Fransuel assim se manifestou:

por oportuno, ressalte-se que pensar o papel do cinema apenas como forma de lazer, de divertimento é limitado. Alguns cronistas tinham a convicção de que ele instruía, moralizava, construía um imaginário coletivo em seu benefício, criava formas de enquadramento, de civilidade.⁸⁶

Assim, na perspectiva de alguns intelectuais piauienses do início do século XX, o cinema acabou tornando-se uma ameaça ao teatro, por ser considerado mais moderno, conquistando alguns e despertando em outros muitas críticas.

⁸⁵ CASTELO BRANCO, 2013, p. 58-59.

⁸⁶ BARROS, 2015, p. 48.

No mais, essas sociabilidades refletiam uma cidade ambígua⁸⁷ que mesmo em meio a tantas dificuldades financeiras, ainda conseguiu aderir a muitas modificações culturais e sociais que vinham de fora e que serviam de exemplo para a jovem cidade de Teresina – ainda que de forma aparente, e que por vezes, não ultrapassava suas margens ou era limitada a famílias mais abastadas.

Como visto, a rua educa a casa e vice-versa. Destarte, muitos dos costumes rurais foram lentamente deixados para trás, mas outros continuavam a influenciar o cotidiano citadino, já que os costumes dos moradores continuavam rurais, levando a crer que parcela significativa dos residentes em Teresina não se preocupava com essa questão, apenas certos integrantes mais intelectualizados, de classes mais abastadas.

De mais a mais, na virada do século, por influência europeia, a valorização do urbano tomou conta das cidades brasileiras mais desenvolvidas, com ideias modernizadoras tornando-se o centro dos objetivos de algumas cidades. Teresina, mesmo não integrando o rol das capitais mais desenvolvidas do país, não ficou imune a essas vicissitudes, pois como referido em outro momento, o investimento em obras públicas integrou o escopo para o desenvolvimento urbano moderno, com a implantação de praças e, por consequência, passeios públicos, por exemplo.

No cenário de urbanização e civilidade do século XX, os passeios públicos formam de suma importância no que tange às transformações culturais e sociais de Teresina na primeira década do século XX, possibilitando o encontro e contato entre as pessoas, além do fluxo de ideias e da difusão de comportamentos e hábitos novos.

Com a inauguração da energia elétrica, foram criadas circunstâncias propícias para a valorização do urbano. Nesse enquadramento, em 1914, foi construído o primeiro passeio público de Teresina, que remete à Praça Rio Branco.

A Figura 7, a seguir, ostenta, além das transformações que a praça experimentou ao longo do tempo, o cotidiano e a sua utilização como local de socialização, sendo palco de passeios, conversas e encontros.

⁸⁷Leva-se em consideração que em Teresina, esses hábitos modernizadores, mesmo que por vezes tenham sido postos como lei, nem sempre eram obedecidos. As transgressões e a multiface de Teresina são exemplos disso.

Figura 7 – Praça Rio Branco (1913)⁸⁸



Fonte: Barros (2015).

A partir de então, Teresina passou a contar com um tipo de diversão pública e elegante que particularizava o lugar como sendo de interação social, flertes e namoros, além de conversas e fuxicos dos mais diversificados. Para esses locais, consoante Pedro Vilarinho,

dirigiam-se rapazes e moças, senhoras e senhores de todas as classes sociais, que buscavam desfrutar da beleza e graça do jardim, como também apreciar toda a agitação das pessoas que o frequentavam e se deliciavam com as músicas tocadas pelas bandas.⁸⁹

No entorno dessas praças de passeio público, irrompiam estabelecimentos sofisticados de cunho social, a exemplo de cafés, destacando-se em Teresina o Café Internacional e o Café Avenida, situados na Praça Rio Branco. Merecem destaque, ainda, o Café Chic, em 1902, e o Café Familiar, em 1914, que

⁸⁸BARROS, Fransuel Lima de. **Teresina “moderna” e “civilizada”**: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930), pág.: 39.

⁸⁹CASTELO BRANCO, 2013, p. 60.

funcionavam como pontos de encontro das famílias, onde se tratava de tudo: política, negócios, mexericos, entre outros assuntos.⁹⁰

Esses passeios serviam, inclusive, como palco de distinção social, tendo em vista o “desfile” de trajes finos por moças e rapazes de famílias da elite local, bem como os cafés, que eram frequentados pelas famílias de alto poder aquisitivo e, por isso, eram considerados locais de elegância e requinte.

Dessa maneira, as sociabilidades teresinenses, juntamente com o investimento urbano, instauraram modificações profundas no modo de vivenciar a cidade. É plausível, porém, que se atente para o fato de que essas transformações são vinculadas sobremaneira a classes de família mais abastadas, com uma motivação clara: elas detinham meios financeiros e sociais para aderir e acompanhar as mudanças.

Com efeito, o processo civilizador requerido para Teresina acabou se tornando ambíguo, já que as classes menos favorecidas e mesmo uma parcela daqueles que usufruíam de capital econômico, continuavam a perpetuar costumes tradicionais vinculados ao mundo rural.

2.6 Mudanças e permanências na cidade

Graças às alterações em hábitos e comportamentos, com maior ênfase para os aspectos culturais – provenientes de mudanças econômicas e estruturais –, a cidade de Teresina começou a adquirir semelhanças com as demais capitais nordestinas do período, embora ainda carregasse em seu âmago marcantes características rurais.

Essa dicotomia entre mudanças e permanências presentes na nova capital foram pontos que distinguiram a dinâmica da cidade, tornando-a singular em seu processo de urbanização, aspecto que se buscou demarcar, material e imaterialmente, até esse ponto desse estudo, com o intuito de denotar as contradições latentes nas configurações sociais da sociedade teresinense, as quais ocorreram principalmente em razão das bases fundantes da própria cultura local, que carrega em seu íntimo notáveis traços rurais.

⁹⁰ BARROS, 2016, p. 37.

A casa – tanto sob aspectos materiais quanto nos imateriais – sem isenção, sofreu influências e distorções quanto a essas dicotomias, já que por um lado ganhou elementos modernizadores, mas por outro produziu combinações entre novidades e costumes já enraizados.

Monteiro tentou reproduzir, por meio de desenho, a imagem que guarda em suas lembranças da casa de seu avó, o Capitão Ludgero, localizada na antiga Rua da Glória, atual Rua Lisandro Nogueira, propriedade que resguardava atributos marcantes de ruralidade que foram transpostos para o espaço urbano, tanto física quanto culturalmente, sendo a construção da residência a materialização disso para a família do capitão.

Figura 8 – Casa do Capitão Ludgero⁹¹



Fonte: Monteiro (2015).

A referida casa, apesar de construída em área urbana, apresentava incontestáveis características rurais, porquanto na imagem é possível perceber, ao fundo, na área do quintal, a presença de canteiro suspenso, utilizado para o cultivo de vegetais e hortaliças, além de grande quantidade de plantas frutíferas – costume mantido até a contemporaneidade –, cuja produção é voltada para o consumo familiar e distribuição do excedente para amigos e demais conhecidos. Ademais, a área limítrofe ao fundo, entre a rua e a casa, é demarcada por cercas rústicas, construídas por materiais recolhidos, em geral, na propriedade; e na entrada principal da casa, não há barreiras físicas com a rua.

⁹¹Situada à Rua da Glória, essa casa, de adobes e palha, atravessou a história de Teresina, resistindo até cerca de 1935. MONTEIRO, 2015, p. 113.

A presença dessas peculiaridades demarca o contraponto ao ideal de modernização idealizado e fundamentado com base em modelos de outras capitais. É claro que não se daria exatamente como pensado, e a imagem anterior patenteia isso. Isso porque muitos moradores ainda estavam arraigados aos costumes da antiga sede (Oeiras), e embora vivessem em uma capital localizada em uma região que prometia franco desenvolvimento, resguardavam e reproduziam as práticas anteriores.

A explicação para isso pode dar-se por dois motivos, a saber: o diminuto poder aquisitivo das famílias que, por limitações financeiras, não podiam usufruir das mudanças que se projetavam para a modernização de Teresina; a falta de recursos por parte do poder público para investimentos urbanos, para a infraestrutura e o saneamento básico acabaram obrigando os moradores da nova sede provincial a perpetuarem características rurais – e mesmo depois das reformas urbanas, esses costumes permaneceram entre as classes menos favorecidas.

Carlos Augusto Figueiredo Monteiro descreveu muito bem essas características, ao narrar, por meio de suas lembranças e memórias herdadas de familiares, a casa de Ludgero Gonçalves Dias, seu avô, oportunizando depreender a relação de mudanças e permanências sobre a estruturação das casas na recém-fundada Teresina.

A casa foi construída bem na esquina, ao alinhamento das ruas, deixando o vasto terreno livre para a vacaria, o pomar e mesmo algum pequeno roçado para o milho verde, o feijão, chiqueiro de porcos e espaço para criar galinhas. A casa foi edificada em adobes – ou seja, paralelepípedos de argila amassada e secada ao sol – e suas paredes externas eram largas, posto que de dupla fila de adobes. Era uma morada “inteira”, isto é, com o corredor central e de cada lado os conjuntos de sala e quartos. A parte principal se terminava em alpendre aberto (avarandado) para o interior do terreno. Alpendrada era a cozinha, de fogão a lenha e forno de barro banheiro e sentina eram edículas esparsa, não muito longe de casa. Eram edificados em paredes e cobertura de palha. O pé direito da casa era relativamente alto, terminando-se as paredes das divisões internas sem forro, cobrindo-se num teto de caprichosa estrutura de troncos de carnaúba e coberto de palhas de babaçu, o que fazia, internamente, muito fresca. Era uma improvisação rústica de uma casa rural, que de urbano só possuía o fato de estar ao alinhamento das ruas de esquina e, assim, ter o alpendre ou avarandado voltado para trás para o interior.⁹²

⁹² MONTEIRO, 2015, p. 111-112.

O alpendre, posto aos fundos da casa, representava a tentativa de fugir de uma das características marcantes de uma sociedade rural, pois marca um papel importante no processo de setorização das casas rurais piauienses. De acordo com Olavo Pereira, a explicação para a importância dos alpendres dá-se, em especial, em termos sociológicos, já que corresponde a uma

antecâmara refrescante de ligação entre o interior e o exterior; o prótiro ou *protyrum* da casa romana; a frente social, lugar de descanso, sala de estar e de esperar, de receber, de jogar gamão com o proprietário vizinho; parlamento do patriarca que, em caças de linho branco, entronado numa preguiçosa ou espichado numa rede, exercia autoridade, sentenciando em gravidade monárquica os negócios da fazenda, os preparativos da vaquejada, a ferra do gado. O telheiro de vigiar os arredores da casa; de assuntar o badalar característico do chocalho de ovelha anunciando a aproximação do rebanho, cotidianamente cruzando o campo, aparando a relva. Nave de orações. Ornamento de redes coloridas e de tamboretas de couro de cabra, é a personificação de uma arquitetura vernacular, aberta, convidativa, de encontro e de uso diversificado. [...] ⁹³

Portanto, o alpendre caracterizava casas com um tipo de arquitetura marcada pelos costumes rurais, sem privacidade e distinção entre público e privado. “O alpendre é a mais forte expressão e principal característica que distingue a casa de campo da casa urbana.” ⁹⁴

Por esse motivo, era imperiosa a sua ausência nas casas da cidade, e quando presentes, que fosse construído para o interior da casa, a fim de definir casas mais voltadas ao viver citadino, diferenciadas das rurais.

⁹³FILHO, 2007, p. 94-95.

⁹⁴FILHO, 2007, p. 95.

Figura 9 – Casa com alpendre no interior do Piauí⁹⁵



Fonte: Silva Filho (2007).

Nessa perspectiva, era necessário dar vez à vida urbana, a partir de novas posturas e novos costumes, onde a arquitetura também passou a ser influenciada pelas inovações do início do século XX.

Na primeira metade do século XX, a arquitetura é associada ao desejo de novidade. A rigor, não há um momento exato, ou uma brusca mudança nos sistemas construtivos, na configuração formal na organização espacial da casa urbana, até porque a economia permanecia atrelada ao meio rural. A padronização do parcelamento do solo, com lotes de maior profundidade que as frentes, aliada aos afastamentos laterais e frontal, ocupados com jardins decorativos caracterizavam um novo tipo de implementação, com completa ruptura com as antigas fachadas alongadas. Com isso, as casas se tornam mais profundas. A setorização já nada mais tem a ver com a tipologia da moradia inteira. Desaparece a alcova escura e os quartos sucedem-se por todos os lados. Salas aristocráticas ainda se posicionam à frente e as cozinhas continuam nos fundos, agora mais isoladas das salas de refeições. As coberturas, afastadas dos vizinhos, deitam águas para as laterais, rematadas de empenas nos topos, ao contrário da casa colonial com cumieira paralela à rua. Nesse cenário, já nitidamente eclético, as residências, e mesmo os sobrados comerciais, herdaram uma preocupação nobiliária dos antigos soalres, buscando transmitir a posição social dos proprietários.⁹⁶

⁹⁵ O alpendre era uma característica marcante das casas rurais. SILVA FILHO, 2007, p. 94.

⁹⁶ FILHO, 2007, p. 32-33.

A Figura 10, abaixo, exemplifica esse modelo de casa, mais ligado ao conceito que se relacionava na época com a modernização, cujas características que marcam sua ruptura são as platibandas,⁹⁷ as quais escondem o telhado, dando mais beleza à construção, com o alinhamento em relação à rua e às outras casas, tornando as edificações semelhantes e alinhadas umas às outras.

Figura 10 – Casa localizada no centro de Teresina⁹⁸



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

A persistente restrição aos serviços básicos de urbanização fortaleceu a presença da cultura rural, tanto nas estruturas arquitetônicas como nos costumes, na forma de agir e pensar da sociedade piauiense, que por muitas vezes persistiu na manutenção de características rurais – nas construções e em suas práticas socioculturais. Nessa esfera, o intento desse estudo é compreender a permanência dessa dicotomia em uma cidade construída a partir de ideais urbanos.

Outro aspecto tem relação com as questões climáticas. Paulo Chaves explicou isso quando relatou as características com as quais a construção da cidade se deu: o que fez com que muitos moradores optassem por se manter morando em casas de adobe e palha foi que além de ser mais confortável, do ponto de vista climático, quando considerado o fator econômico, também é menos problemático.

⁹⁷O termo arquitetônico **Platibanda** designa uma faixa horizontal (muro ou grade) que emoldura a parte superior de uma construção, seja casa, igreja etc., tendo como função esconder o telhado.

⁹⁸ Localizada na atual Rua Senador Teodoro Pachêco, percebe-se que o número de portas e janelas é maior que o de casas rurais, onde se fazia uso apenas de uma porta.

Por sua vez, Chaves abordou as consequências de falhas quanto à construção da cidade, o que a colocou em posicionamento contrário às correntes de ar, pois em suas palavras,

não se levou em conta, talvez pela deficiência de certos ou maiores conhecimentos técnicos, elementos como a incidência dos raios solares, reserva de espaços adequados para parques e praças, além do mais grave – o fato de a cidade ser edificada em posição contrária à linha de ação dos ventos, agoniando ainda mais o desconforto térmico. O que no futuro foi parcialmente corrigido com a arborização das ruas e quintais.⁹⁹

Assim, a cidade não seguiu, via de regra, tudo o que havia sido pensado para o seu desenvolvimento – em alguns casos, por fatores sociais e econômicos, ou até mesmo os dois ao mesmo tempo. Por isso, a capital seguiu uma dinâmica própria em relação a outras capitais do país.

Embora tenha sido desenhada, projetada e organizada com base em ideais modernos, na prática, essa idealização ocorreu de forma diversificada ou em paralelo com uma realidade mais contundente e entranhada por uma ruralidade que teimava em se manter vívida no cotidiano da nova capital.

À vista disso, é válido destacar que era nas casas que se observavam as características da ruralidade que havia em Teresina, pois eram erigidas mantendo traços muito fortes do meio rural. Era comum, por exemplo, o uso de quintais para a criação de animais, como porcos, galinhas e outros que pudessem garantir a subsistência da família.

O conceito de modernização¹⁰⁰ nesse estudo toma o significado das mudanças ocorridas apenas por si mesmas, pois comparar as transformações sociais e econômicas da capital teresinense com as demais é praticamente impossível, visto que cada cidade tem sua própria dinâmica de desenvolvimento e os fatores de transformação também são diversificados.

Findada a contextualização de Teresina nas duas primeiras décadas do século XX, passar-se-á a trabalhar, especificamente, com a casa, lugar onde a

⁹⁹ CHAVES, 2009, p. 18.

¹⁰⁰ Nobert Elias considera que o processo de modernização de uma cidade se dá por diversos fatores que a permeiam. São eles: os costumes cotidianos, a religião, a política, a economia e a educação, entre outros. Dessa maneira, não há somente um tipo de modernização, mas sim uma varável dela, a qual vai de acordo com as circunstâncias da cidade em questão. ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

sociedade se abrigava, descansava, e demarcava lugar enquanto cidadãos e participantes da família que ali residia.

3 DA CASA COLONIAL À CASA MODERNA: ASPECTOS MATERIAIS E IMATERIAIS DAS MUDANÇAS EM TERESINA

Corroborando o que se descreveu até aqui, vê-se que o século XX introduziu transformações substanciais na sociedade, tanto sociais como culturais, e essa não é apenas uma assertiva recorrente dos historiadores fincada em generalizações aleatórias. No século em epígrafe, identificaram-se, no cenário teresinense e, por extensão, no piauiense, marcantes acontecimentos históricos que caracterizaram a ruptura de um mundo rural para a delimitação, embora dicotômica, de uma sociedade urbanizada.

Essa crescente urbanização das cidades provocou mudanças de hábitos e costumes que, até então, eram característicos do mundo rural. Teresina, mesmo não sofrendo modificações bruscas ou intensas, não ficou isenta delas.

Isso posto, ao tratar das modificações urbanas que mesmo não sendo de grandes proporções, notou-se que elas causaram, também, transformações culturais, mormente em relação à elite local, que pôde ter contato e acesso facilitado a tais mudanças e, dependendo das condições econômicas e sociais disponíveis, selecionar as transformações a aderir e desfrutar. Nesse contexto, a casa foi um dos primeiros lugares que sofreram transformações, tanto em termos estruturais quanto simbólicos na ocupação de seus espaços.

Nesse capítulo, será possível perceber o quanto as mutações materiais, culturais, sociais e econômicas concorreram para as modificações estruturais da casa, de modo que os seus espaços e a forma de construí-la voltaram-se para a sua adequação aos novos costumes citadinos.

Permeando as reflexões, apontam-se os ideais civilizadores disseminados na cidade na virada do século, os modelos de outras cidades que influenciavam a capital do Piauí, o acesso a uma quantidade maior e mais diversificada de materiais, e a presença de um número maior de novos e qualificados profissionais que, outrora, saíram de sua terra para estudar e agora, retornavam em busca de emprego, ainda mais no setor público, contribuindo fortemente para as construções de casas e edifícios públicos com novos padrões arquitetônicos em Teresina nas duas primeiras décadas do século XX.

De antemão, deve-se observar atentamente os aspectos arquitetônicos presentes nas casas construídas antes das novas influências embutidas nos

discursos civilizatórios e de modernização em voga em fins do século XIX e na transição para século XX. Para tanto, cabe retornar ao fim do século XIX, a fim de apreender como essas modificações se tornaram possíveis e quais os seus agentes transformadores.

3.1 As casas coloniais: heranças materiais de uma cultura que se mantém viva no cotidiano teresinense

A obrigação de que as ditas casas sejam sempre fabricadas na mesma figura uniforme, pela parte exterior, ainda que no interior as faça cada um conforme lhe parecer, para que d'esta sorte se conserve a mesma formosura das villas.¹⁰¹

Figura 11 – Casa de seu Gozozo¹⁰²



Fonte: Disponível em: <<http://teresinaantiga.com/>>. Acesso em: 8 de maio de 2018 as 20:09.

¹⁰¹C.R. de 19-06-1761. PEREIRA D'ALENCASTRE, José Martins. **Memória chronologica, história e iconographica da província do Piauhý**. SILVA FILHO, 2007, p. 31.

¹⁰²Localizada na Rua Areolino de Abreu, corresponde aos padrões definidos acima. Em dias atuais, acabou por desabar. Disponível em: <<http://teresinaantiga.com/>>. Acesso em: 8 de maio de 2018 as 20:09.

Esse tipo de casa, construído desde os tempos coloniais, teve seu auge na época que corresponde ao período pombalino e, no Piauí, permaneceu como parâmetro para as construções residenciais por todo o século XIX. Dessa maneira, Teresina foi construída sob forte influência portuguesa, cuja valorização do estilo barroco era evidente.

Por conseguinte, a construção de seus primeiros prédios, bem como o planejamento das ruas alinhadas, imitando um tabuleiro de xadrez, conforme testemunhado no capítulo *A cidade verde e sua mocidade*, e exposto mais claramente na Figura 3, tinham em si grande interferência desse estilo.

Nela persistem certos fundamentos da casa lusitana, como os paramentos de pedra, os beirais em boca de telha¹⁰³ ou planos de telhados com tacaniças, por vezes amortecidos de contrafeito no encontro dos beirais.¹⁰⁴ [...] com a política econômica orientada pelo comércio do boi, a capitania interiorizada, forçosamente, iria conferir um caráter rústico a casa da cidade.¹⁰⁵

Então, o erigir casas em Teresina, no século XIX, deu-se de forma relaxada e com características rústicas, seja por consequência da falta de recursos, pela localização geográfica ou por condições socioambientais, o que ofertava à província poucas possibilidades de recursos financeiros para a construção mais elaborada de casas, além do aspecto das motivações climáticas para alterar o estilo das edificações.

É oportuno sobrelevar que o estilo de vida dos próprios moradores também levou à construção de casas com características rurais. A respeito disso, Olavo Pereira afiançou que as casas da província do Piauí muito se pareciam com as da arquitetura mineira,¹⁰⁶ onde o clima é um fator diferenciador entre as duas províncias, sendo que nesta, o frio fez com que a casa fosse afastada das relações de trabalho, nomeadamente na relação senhor-escravo, ao passo que no Piauí, a relação senhor-vaqueiro era estreita, devido ao clima abrasivo de calor.

¹⁰³ Remate inferior do telhado para decoração, sendo de início destinada a afastar a queda de água do telhado das paredes. Disponível em: <<https://www.engenhariacivil.com/dicionario/?s=beirado>>. Acesso em: 07 de junho de 2018 as 10:31.

¹⁰⁴ Tacaniça é como se denomina o lance do telhado que cobre ou resguarda os lados da edificação e se apoia nas paredes laterais; partes laterais de um telhado de forma piramidal. Disponível em: <<https://www.ecivilnet.com/dicionario/o-que-e-tacanica.html>>. Acesso em: 07 de junho de 2018 as 10:45

¹⁰⁵ SILVA FILHO, 2007, p. 31.

¹⁰⁶ Ele discorre sobre a arquitetura mineira baseado na obra de Sylvio de Vasconcellos.

As casas contavam, portanto, com avarandados construídos para aliviar o clima e arejar a casa, e acabaram por favorecer as conversas de negócios ou apenas de amizade entre o vaqueiro e seu patrão, onde o distanciamento entre os dois era diminuto, caracterizado, às vezes, apenas por uma parede que dividia as duas casas, com apenas uma varanda para as duas famílias.

Assim, entende-se como a arquitetura da casa influenciou o estilo de vida de seus moradores, e vice-versa, fazendo com que os espaços ocupados na fazenda e sua setorização diminuíssem aparentemente as distâncias no trato das relações sociais entre os seus (con)viventes.

Essa característica ainda perdurou durante o século XX, dando luz a uma forma híbrida de arquitetura, onde as tradicionais casas coloniais se mesclariam com o ecletismo propagado no início do século XX. Até porque as casas fazem parte do escopo da cidade e não diferente de outros setores, passou por transformações gradativas, longe de rupturas bruscas ou repentinas. Um exemplo claro desse hibridismo corresponde à casa do Barão de Gurguéia, datada de 1870.¹⁰⁷

Figura 12 – Casa do Barão de Gurguéia¹⁰⁸



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

¹⁰⁷ SILVA FILHO, 2007, p. 32.

¹⁰⁸ Localizada na Praça Conselheiro Saraiva, nº 324 e 326. Foi construída na última metade do século XIX (1870), por João do Rêgo Monteiro, o Barão de Gurguéia, para sua residência. O imóvel foi cedido em comodato à Prefeitura de Teresina e restaurado em 1993, passando, em seguida, a sediar a Casa da Cultura de Teresina.

Onde possui características híbridas, formadas de arquitetura ligada às casas coloniais, quase toda a sua construção foi empreendida por meio de sistemas construtivos tradicionais – preservou o formato básico, com implantação sobre o alinhamento e limites laterais do lote, e a varanda interna aberta.¹⁰⁹

Na casa do Barão, além dos vãos do interior da residência, as janelas da fachada da edificação também foram coroadas por arcos ogivais, o que juntamente com o porão alto e o acabamento do telhado em cimalha conferiam à edificação uma aparência própria do ecletismo, que afinal começava a se estabelecer mais fortemente nas residências da cidade.¹¹⁰

Figura 13 – Varanda da casa do Barão de Gurguéia



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Há, também, características como o porão alto,¹¹¹ marcando a ruptura com o esquema colonial e dando ênfase ao ecletismo. Esse tipo de porão proporcionava um distanciamento com o espaço público, tornando a casa mais reservada.

A existência do porão na casa do Barão de Gurguéia representou uma série de implicações nas características dessa residência,

¹⁰⁹ SILVA FILHO, 2007, p. 32.

¹¹⁰ ANDRADE, 2016, p. 141.

¹¹¹ O porão alto representa uma transição entre os velhos sobrados e as casas térreas. Foi constituído principalmente para solucionar o problema de desnível entre o piso da habitação e o plano da rua, construindo-se uma pequena escada em seguida à porta de entrada, para caracterizar casas mais distanciadas dos comércios e voltadas para bairros mais residenciais.

dentre elas a existência de uma escadaria na fachada da edificação para vencer o desnível entre a rua e a residência, que era representativa do distanciamento que aos poucos se construía entre a casa e a rua, entre o social e o privado.¹¹²

O distanciamento da casa com a rua, por intermédio do porão alto, propiciava, além de maior privacidade à família, deixando a casa mais salubre,¹¹³ ao imprimir maior distanciamento, ainda a afastaria de eventuais sujeiras e reduziria a quantidade de contaminações e infestações, e portanto, as possibilidades de adoecimentos e mortalidades.

A presença desse estilo de casa com portas e janelas alinhadas e com mesmo formato são característicos da Teresina oitocentista, evidenciando, inclusive, influência portuguesa do período coonial. O alinhamento das casas em paralelo, unidas umas às outras, denotavam um formato pensado para maior controle social.

Figura 14 – Casas da Rua Paissandu, alinhadas e de aparência externa igual¹¹⁴



Fonte: Silva Filho (2007).

Essa arquitetura de casa era marcante na região central de Teresina, ainda mais quando se tratava de casas e comércios, sendo outra característica bastante difundida na capital piauiense a casa conjugada,¹¹⁵ no caso específico do centro de Teresina, casas residenciais agregadas a atividades de comércio,¹¹⁶ que definiam um estilo de vida, onde não havia distinção de privacidade ou esta era reduzida. Por

¹¹² ANDRADE, 2016, p. 135.

¹¹³ A questão da salubridade residencial foi forte fator para a adoção desse estilo de porão.

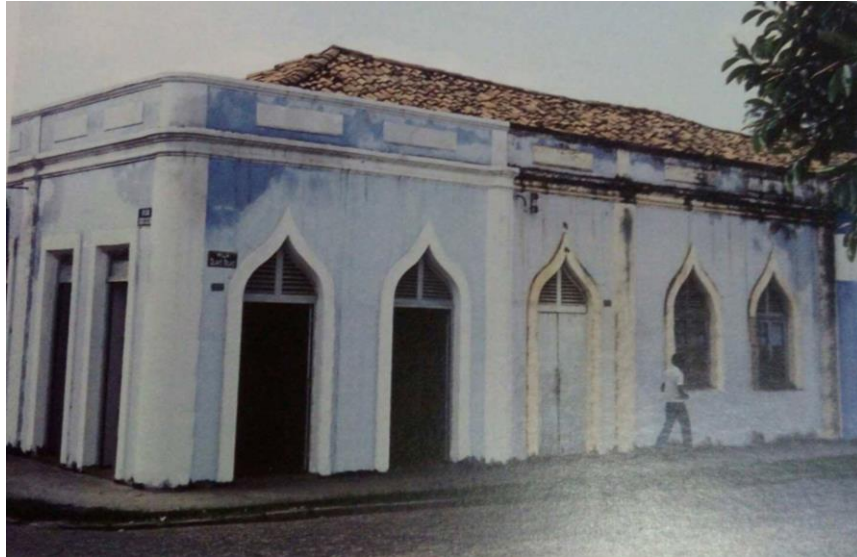
¹¹⁴ SILVA FILHO, 2007, p. 12.

¹¹⁵ Duas casas unidas por uma parede geralmente funcionavam de um lado para fins comerciais e do outro como residências.

¹¹⁶ SILVA FILHO, 2007.

vezes, o setor residencial do edifício era separado somente por uma parede ou corredor da parcela comercial, ou por um balcão entre o espaço público e o privado, dentro do prédio.

Figura 15 – Casa conjugada: residência e comércio em Teresina¹¹⁷



Fonte: Silva Filho (2007).

Em Teresina, nas casas de residência e comércio – levando em consideração os moldes europeus –, a privacidade praticamente inexistia. Aliás, esse foi um dos motivos para as duras críticas dos literatos em relação aos costumes citadinos e às mudanças na arquitetura, pelo menos no que diz respeito às casas de famílias mais abastadas.

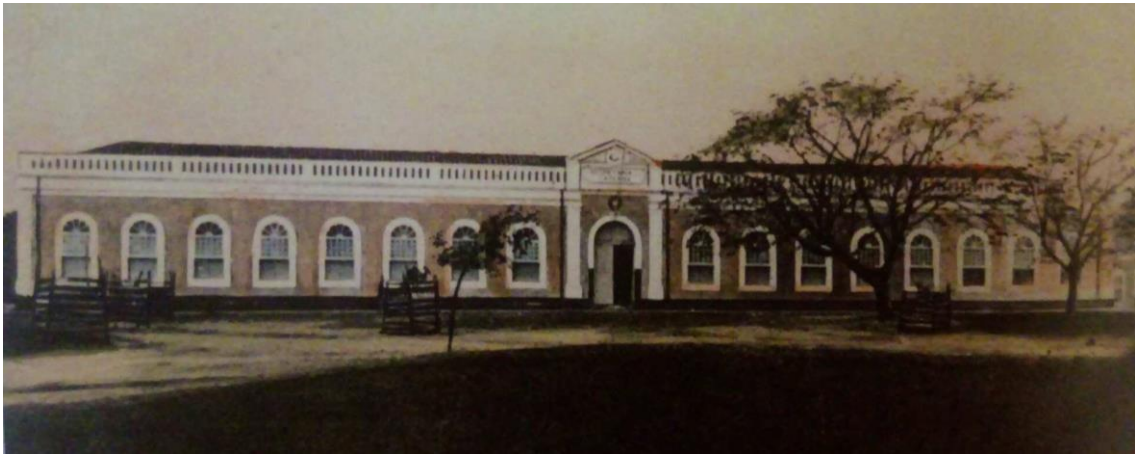
Outra característica peculiar às construções dos edifícios em Teresina, bem como no Piauí, refere-se à indistinção entre prédios de função pública e residências, tanto pela forma de construção quanto pelas matérias de uso. Ou seja, ao se comparar exclusivamente as plantas de prédios públicos e casas particulares, é quase indetectável a finalidade para a qual foram erguidos.

Nesse sentido, para identificar a utilidade de determinado imóvel, construído em meados do século XX, deve-se recorrer a outros documentos que informem a que fim serviram. Sobre esse aspecto das construções teresinenses, Olavo Pereira da Silva Filho assentiu que

¹¹⁷SILVA FILHO, 2007, p. 49.

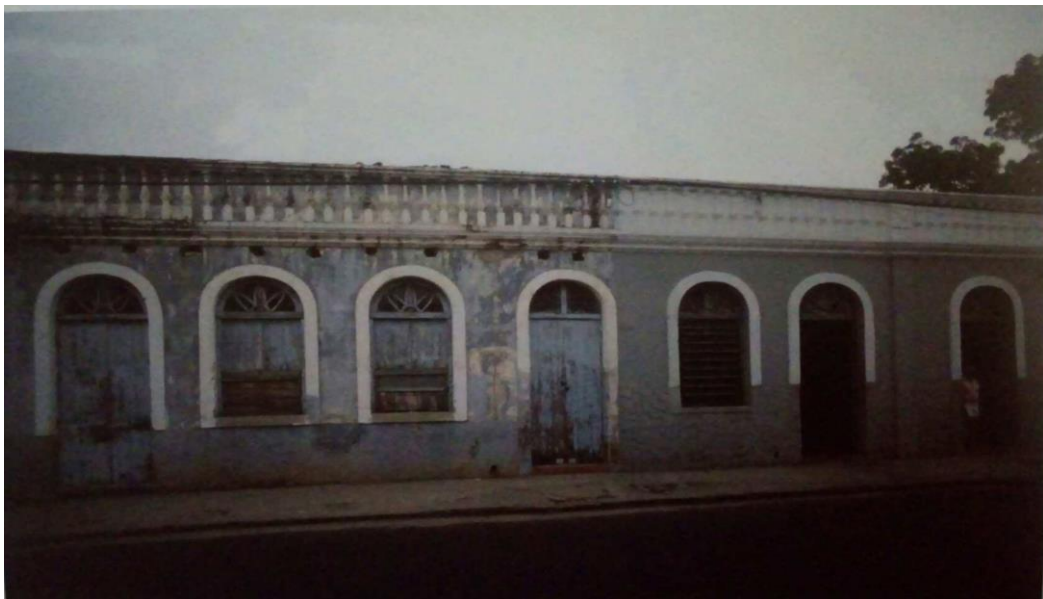
em muitos casos, os prédios de função pública como cadeias, intendências, escolas e até mesmo quartéis mostram fachadas e plantas que se confundem com a casa de moradia, como também se encontram plantas de residências repetindo o esquema de prédios públicos. Materiais e sistemas construtivos, vedações, ferragens, acabamentos e esquemas de cobertura são os mesmos.¹¹⁸

Figura 16 – Prédio do Tesouro em Teresina¹¹⁹



Fonte: Silva Filho (2007).

Figura 17 – Residência em Teresina¹²⁰



Fonte: Silva Filho (2007).

As figuras 16 e 17, extraídas da obra de Olavo Pereira Silva Filho, ajudam a visualizar as semelhanças que se constituíram entre edifícios públicos e residências, a exemplo da fachada dos edifícios, com a presença das platibandas empregadas

¹¹⁸ SILVA FILHO, 2007, p. 21.

¹¹⁹ Localizado na Praça Marechal Deodoro, onde hoje está o prédio da Receita Federal. Foi construído no fim do século XIX. No governo de Helvidio Nunes, foi demolido como parte do projeto de integração da Praça Marechal Deodoro à Rio Branco, projeto não executado por falta de verbas. *Ibid.*, p. 24.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 24.

para finalizar o teto e de arcos nas janelas frontais com detalhes em vitrais para que a luminosidade penetrasse no interior da construção.

Essa característica ocorreu, igualmente, pela falta de recursos e de maior variedade de materiais que pudessem tornar os prédios públicos diferenciados das residências, e vice-versa. Por isso, é um ponto comum em Teresina a aquisição de casas residenciais por parte do poder público para utilização administrativo-burocrática – prática que se perpetua até a contemporaneidade.

Exemplo disso é o prédio que hoje abriga o Museu do Piauí, inicialmente construído para uso como residência do Comendador Manoel Jacob de Almendra, atendendo às características que definiam o morar em Teresina, ligadas aos costumes da casa tradicional.

Tratando da parte interior das casas, era fortemente marcada por sua setorização hierárquica, herança da casa colonial. Gilberto Freyre as esclareceu ao narrar o interior da casa brasileira.

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo.¹²¹

Assim, a casa, na intimidade de seus espaços, denota toda a sociedade e os seus costumes a partir de seu viver diário. A família e a forma como está a disposição de seus móveis e utensílios domésticos, isto é, a distribuição de seus espaços – tudo reflete a sociedade na qual a casa foi construída.

Logo, a casa colonial mostrava a hierarquia pela qual a sociedade era respaldada: seus espaços indicavam demarcação de poder; as salas eram sempre centrais, por refletirem um lugar de sociabilidades exercidas principalmente pelo senhor de engenho, patriarca, dono de sua vida e da vontade de todos que o rodeavam. Antes, esses espaços correspondiam, ainda, às varandas.

O corredor definia o espaço que interliga o lugar social da casa, que é o mundo privado, ao espaço público, representado pela sala, pois somente até ali poderiam adentrar pessoas estranhas ao convívio familiar. O corredor representava, pois, a ponte entre o público e o privado, sendo o portal que resguardava os

¹²¹ FREYRE, 2004, p. 45.

espaços íntimos da casa e aqueles que expunham aos visitantes e estranhos a convivência do núcleo da família.

Enquanto isso, a cozinha era atrelada à ideia de serviços outrora atribuídos a atividades marginais, realizadas por escravos. Localizavam-se sempre nos fundos da casa-grande, mais próximas das senzalas (local de abrigo e controle de pessoas escravizadas). Com tal característica, a casa-grande acabou intervindo no modo de construir as casas tradicionais que marcaram Teresina oitocentista.

Ao sistema embrionário da casa brasileira se pode associar a hierarquia do uso, a proporcionalidade das partes, a implantação ajustada aos limites do lote, o partido retangular, a simetria com os quartos ladeando o corredor de entrada, a varanda dos fundos, o pátio de serviços e o quintal. Em grande parte, repete os partidos e a organização espacial da casa rural e, como aquela, a distribuição dos espaços revela a organização social da época. Embora sem desdobrar-se em repetições sistemáticas, esse tipo de organização espacial aponta para uma certa standardização do programa, em decorrência dos recursos técnicos e econômicos.¹²²

Isso posto, vê-se que a construção da casa passou por limitações e imitações, não somente quanto à organização social dos indivíduos que, ligados aos costumes rurais, acabavam por limitar a disposição dela, mas também em termos de materiais, que em conjunto com os percalços financeiros, trouxeram para as casas do século XIX traços atinentes à casa rural.

Em meio à persistência dessas características estruturais rurais, a casa foi, ao poucos, moldando-se às vicissitudes sociais, e passou a refletir os ideais modernizadores, a partir de mudanças inicialmente tímidas, sendo possível perceber reflexos em detalhes arquitetônicos das construções que se consolidaram ao longo do século XIX, tanto que no XX, presumia-se que sempre estiveram em uso, tal qual o uso de Platibandas, que passou a fazer parte enquanto especialidade das casas e de outras construções, como prédios públicos. Essa característica deu-se como meio de fuga às particularidades rurais, escondendo o telhado e dando um tom de modernidade às casas.

¹²²SILVA FILHO, 2007, p. 42.

3.2 Modernidade em mentes, comportamentos e construções: mudanças internas na casa teresinense

Alugou uma casinha na rua Paissandu. Muito modesta: a sala de visitas, a alcova e a varanda. Guarneceu a primeira com um sofá, doze cadeiras de cipó, arranjadas em hemicírculo, ao fundo, sob o espelho de moldura dourada. No mármore de duas consolas estavam porta-cartões e jarros. Nas paredes, manchando a cal, dois quadros. Junto ao sofá, um tapete estendido abria pinturas assombrosas de leões e tigres. Tudo muito barato.

Pela porta que comunicava a sala de visitas com a alcova, percebia-se a cama, quase oculta nas dobras do cortinado, que caía do sobrecéu enfeitado de flores artificiais de laranjeira. Um grande laço de fita azul prendia-o em cima. Na alcova, muito pequenina, afora o leito nupcial estavam um guarda-roupa de cedro, recentemente polido, tresandando cheiro de novo e um lavatório, também de cedro com a bacia, o jarro de louça, um candeeiro, púcaros, vidros de Skinè, sabonetes e escovas. [...] Nas janelas e portas escancaradas enfunavam-se cortinas, batidas pelo vento, mal-arranjadas dentro do laço de fita usada que as prendia.¹²³

Na descrição da casa de Dr. Praxedes e Mundoca, personagens ficticiais do romance do literato Abdias Neves, intencionalmente representa-se uma casa com características de mescla entre as tradições rurais e a intencionalidade de modernidade urbana nascente. Observa-se, pela disposição dos cômodos e dos móveis, a ausência da privacidade e intimidade da família, posto que a falta de corredores que pudessem separar a sala do quarto, fez com que o quarto do casal e, por consequência, sua intimidade, fossem prejudicadas.

As transformações em curso, na transição do século XIX para o XX, afetaram, também, a distribuição dos espaços internos da casa, os quais sofreram modificações, sobretudo em relação aos dormitórios que na virada do século deixaram de ser alcovas.¹²⁴

Embora utilizados com a mesma finalidade – local para recolhimento, descanso e dormir dos moradores da casa – alcovas e quartos contavam com características estruturais e arquitetônicas distintas, tanto que o progressivo desuso das alcovas foi influenciado pela nova proposta de construção das casas, levando

¹²³ NEVES, 2012, p. 88-89.

¹²⁴ A alcova caracteriza-se como um quarto pequeno sem abertura para o exterior, fazendo com que seja pobre de iluminação e ventilação, tornando-se mais úmido. Ainda tem como característica a comunicação com uma antessala. O dormitório passa a perder essas características, mormente pela adoção de janelas e separação com a antessala.

em consideração a iluminação dos cômodos, que passaram a ser mais arejados e higiênicos.

Da mesma maneira, os banheiros passaram a ser incorporados como parte integrante da casa, algo que só tornou possível com implantação do serviço de água encanada, pois até então, não havia esse cômodo nas casas. Ao contrário, eram recuados e o mais afastado possível das edificações, com o intuito de evitar tanto o fétido odor exalado dos excrementos quanto a contaminação e proliferação de doenças resultante destes.

A Figura 18, a seguir, foi extraída da obra de Olavo Pereira da Silva Filho, e corresponde a uma fossa sanitária (séptica) encontrada na cidade de Campo Maior. A imagem revela a realidade vivenciada pela população piauiense, não eximindo os residentes de Teresina por conta de suas características rústicas de se desfazerem diariamente dos excrementos humanos.

Esse receptáculo, popularmente denominado de sentina, casinha, entre outros termos, servia para o despejo de dejetos que eram depositados diretamente naquele espaço, sem qualquer forma de tratamento ou cuidados maiores.

Figura 18 – Fossa sanitária¹²⁵



Fonte: Silva Filho (2007).

Na tese de Amanda Moreira de Andrade, frisa-se essa modificação das casas, que passaram a incluir o banheiro como um novo cômodo, resultado do

¹²⁵ Em Teresina, essa foi uma realidade até a década de 1980, nos bairros periféricos da cidade. SILVA FILHO, 2007, p. 63.

contato dos piauienses com informações e outras cidades que transformavam seus hábitos de higiene pessoal e familiar e, conseqüentemente, adaptavam os espaços internos da casa para acomodar-se e facilitar a execução dessas novas práticas.

As memórias de Genu Moraes¹²⁶ corroboram essas assertivas, em entrevista concedida a Andrade, quando patenteou que

[...] era uma casa muito simples, como as casas aqui do Piauí. Não tinha nem banheiro dentro, o banheiro era lá no quintal, como eram as casas naquela época. [...] Aí depois mamãe fez ali um banheiro, mamãe era muito [...] tinha ideias, viajou, fez tudo de modo...Tinha ideias de progresso, construiu um banheiro bem aqui. Então deu certo conforto a casa porque naquela época todo quarto de dormir tinha uma cadeira com um urinolentão aqui você vai ver lá na frente tem um chamado retreta a cadeira com urinol. Então as pessoas faziam xixi era no urinol de manhã os serviçais pegavam aqueles urinóis pegavam e jogavam na sentina.¹²⁷

Mesmo ultrapassando um pouco a temporalidade estabelecida enquanto recorte temporal para essa análise histórica, mencionar as memórias de Genu Moraes, relativas à casa do Dr. Eurípedes Aguiar – seu pai – construída no ano de 1923, permite vislumbrar, por intermédio desse imóvel, todas as mudanças ocorridas nas duas primeiras décadas do século XX, justamente por agregar e resguardar em sua edificação a dicotomia entre urbano e rural, inerente às construções teresinenses do início daquele século.

A busca do conforto e da salubridade, entendidos precipuamente pela figura da mulher (mãe), pois como é de se esperar, acaba por tomar as responsabilidades do lar para si, e aos poucos modificou a estrutura e o jeito de vivenciar a casa.

3.3 Da idealização à realização: casas modernas em Teresina no início do século XX

Em meio a tantas dificuldades, a partir 1900, Teresina passou por muitas modificações, onde a intervenção do Estado tornou-se cada vez mais notável na vida das pessoas.

¹²⁶ Filha do Dr. Eurípedes Clementino Aguiar e de Dona Gracy, passou a cuidar da casa onde residiu sua família, logo após a morte de seu pai.

¹²⁷ MORAES, 2014 apud ANDRADE, 2016, p. 223.

Na arquitetura, essa interferência também foi perceptível e contundente, dado o objetivo de construir casas que facilitassem o viver citadino e deixassem mais bonito e elegante o espaço público, em consonância com os projetos de embelezamento da cidade (especialmente na região central), além de imprimir-lhes aspectos de privacidade oriundos dos contatos e ideias absorvidos do continente europeu, distanciando-se pouco a pouco dos modelos de casas coloniais. Todas essas mudanças intentavam um viver citadino moderno e civilizado, almejado por diversas cidades do Piauí, não somente em Teresina.

A intervenção do poder público, associada “às influências externas e a um contexto socioeconômico e cultural distinto do visto no século anterior, geraram uma série de transformações nas edificações residenciais construídas na cidade no período de 1900 a 1938”.¹²⁸

Essa distinção ocorreu especialmente em virtude do acesso a novos materiais de construção (mesmo que ainda em quantidade limitadas e qualidade nem sempre confiáveis), do esforço por parte do poder público para dar a Teresina ares urbanos e modernizados, além da própria transformação sociocultural da cidade e de seus habitantes.

A partir do século XX, com as alterações econômicas e sociais da província, novos meios de construir edificações residenciais tornaram-se possíveis. Nesse contexto, a disseminação do ecletismo tornou-se propícia nesse momento histórico, tendo em vista os novos materiais utilizados que deram abertura para que esse novo estilo de arquitetura fosse adotado.

Vemos assim que as residências construídas entre os anos de 1900 e 1938 foram o resultado da associação entre o desejo de construir edificações belas e sofisticadas e do contexto social e econômico existente. Como produto disso, estabeleceu-se na cidade uma arquitetura eclética que, com mudanças e permanências frente às décadas anteriores, imprimiu uma nova e peculiar roupagem à região central e nobre da cidade. A implantação dessas edificações é, sem dúvida, uma das mais importantes evidências das transformações sofridas por essa arquitetura, ainda que essas transformações tenham sido graduais e por vezes presas à tradição, mesmo quando o discurso mais disseminado era o de mudança, salubridade, higiene e progresso.¹²⁹

¹²⁸ MOREIRA, 2016, p. 210.

¹²⁹ ANDRADE, 2016, p. 156.

As casas de Teresina, singularmente na região central, foram palco desse tipo de inovação na arquitetura, como anunciado por Olavo Pereira:

A arquitetura é associada ao desejo de novidade. A rigor, não há um momento exato, ou uma brusca mudança nos sistemas construtivos, na configuração formal e na organização espacial da casa urbana, até porque a economia permanecia atrelada ao meio rural. A padronização do parcelamento do solo, com lotes de maior profundidade que as frentes, aliada aos afastamentos laterais e frontal, ocupados com jardins decorativos caracterizavam um novo tipo de implantação, em completa ruptura com as antigas fachadas alongadas.¹³⁰

Figura 19 – Jardim de entrada da casa de Dona Carlotinha¹³¹



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Esse desejo pelo “novo”, como visto anteriormente, tem a ver com o estilo de vida empregado na cidade teresinense. Porém, era necessário que a arquitetura das casas, sua maneira de construção, a divisão dos espaços, enfim, tudo, fosse

¹³⁰ SILVA FILHO, 2007, p. 32.

¹³¹ Localizada na Praça João Luís, no cruzamento das ruas 7 de setembro e Eliseu Martins, é exemplo desse novo modelo de casa, sendo recuados os lados, mantendo seu alinhamento com a afastada rua, por meio de um pequeno jardim, e do outro lado, por meio de corredor, além de possuir porão com altura discreta em relação à altura da rua, preservando a privacidade familiar e o conforto térmico.

apropriado para que essas transformações pudessem se fortalecer na cidade, cada vez mais.

Os Códigos de Posturas Municipais, de 1905 e de 1912, principalmente este último, representaram esforços por parte do governo visando à implementação de costumes civilizados, e a casa não estava isenta das normatizações impostas nesses códigos.

O de 1905 foi instituído com foco em duas questões centrais: a higienização da cidade e a sua modernização. Correspondeu a um importante difusor de ideais progressistas, até porque com a falta de recursos financeiros e a presença, mesmo que com mais variedade, de limitações quanto aos materiais de construção, não foi tarefa fácil para a elite local que buscava a modernização de Teresina.

Destarte, o Código de Posturas foi um instrumento relevante para a mudança de comportamento dos moradores da cidade. É evidente que isso não ocorreu rapidamente e nem com toda a população, mas configurou uma tentativa plausível de controle social visando ao bem-estar social e ao bem-viver cidadão.

Essas regras de civilidade que se buscavam disseminar tinham como uma de suas facetas o bom viver urbano em Teresina. Nesse sentido, um importante instrumento foi o código de posturas do município em 1905, que buscou o enfrentamento de uma série de problemas que a cidade precisava corrigir, especialmente esses hábitos da população, sendo decisivo na possibilidade de uma organização do ambiente urbano.¹³²

Assim, o Código de Posturas de 1905 passou a privilegiar como questões centrais o ordenamento da cidade e a convivência por parte de seus cidadãos, tendo sido elaborado em conformidade com os padrões de comportamento tidos como civilizados – para os piauienses, naquele momento, eram os europeus –, e de salubridade da cidade, que seria o melhor meio para prevenir doenças e de embelezá-la.

Sobre o controle social, prescreveu-se que:

Art. 101 é proibido sob pena de dez mil réis de multa:
 § 1º Proferir nas ruas e lugares públicos palavras obscenas;
 § 2º Escrever ou desenhar nos muros e paredes dos edifícios palavras ou figuras imorais ou obscenas;

¹³² ANDRADE, 2016, p. 161.

- § 3º Distribuir jornais ou qualquer impresso e gravuras de desenhos ofensivos à moral e à decência;
- § 4º Praticar em público atos ou gestos reputados imorais e indecentes;
- § 5º Andar em público em completa nudez ou com trajes indecentes;
- § 6º Tomar banhos nos portos e fontes públicas ou despidos na margem do rio Parnaíba, dentro dos limites da zona urbana, das seis horas da manhã às seis da noite.¹³³

Vale ressaltar que não bastava apenas investir na limpeza e higienização cidadina, era necessário que se buscasse o controle de atitudes que pudessem tornar o cotidiano difícil. Nessa lógica, esse tipo de ordem e de orientação demonstrava a preocupação do poder público quanto ao comportamento de seus habitantes.

A propósito, Nobert Elias afirmou que o indivíduo é ordenado por forças sociais – externas e internas (escolhas pessoais) – que lhe moldam ao longo de sua vida social e individual, transformando-o em ser social, quais sejam: a sociedade, que exprime e imprime a sociogênese (social) e psicogênese (individual) – ambas agem juntas e moldam todas as opções, obrigações, limitações e possibilidades do ser social que, dentro de sua realidade (palco social), atua para (re)constituir continuamente sua identidade enquanto ser social.

Então, as proibições e os controles eram impostos tanto por mecanismos internos quanto externos. Não obstante, na situação específica de Teresina, no início do século XX, os mecanismos de controle foram externos. Porém, é necessário mencionar que esses Códigos de Posturas foram, por vezes, infligidos, ainda mais entre as classes sociais mais humildes, que sentiam bem mais essas limitações do que as famílias mais abastadas.

Dessa maneira, o Código de Posturas de 1905 foi difundido mais fortemente entre as famílias mais abonadas, que passaram a implementar algumas de suas obrigações, seja pela disponibilidade de recursos econômicos, pelo fato de as regras inseridas no Código de Posturas estarem mais próximas do cotidianos dessas famílias, ou por elas disporem, em sua maioria, de certo nível de instrução formal, o que, via de regra, facilitaria o acesso à leitura de documentos oficiais e a aceitação dos ideais aspirados pelos autores dos susoditos instrumentos legais.

Por outro lado, entre as famílias mais humildes, esses Códigos eram mais difíceis de serem cumpridos, pelo fato de que eles confrontavam, por vezes, o estilo

¹³³TERESINA, 1905, p. 26.

de vida que aquela população dispunha e estava acostumada a ter. Acrescenta-se a isso as condições econômicas mínimas – outro fator que concorria para descumprimento dessas regras. Tais ordenamentos estavam aquém da realidade experienciada pelas famílias com renda precarizada, que tinham pouco acesso às idealizações de modernidade propaladas pelos intelectuais e literatos nas primeiras décadas do século XX.

Mesmo assim, com a dicotomia presente desde a sua publicização e imposição aos moradores de Teresina, o Código de Posturas de 1905 externava a preocupação em tornar a capital piauiense mais moderna. No que se refere à casa, as modificações eram mais tímidas, se comparadas às estipuladas pelo Código de Posturas de 1912, mas estavam igualmente presentes e significativas.

Art. 47. É proibido lançar nas vias públicas águas servidas, matérias fecais, animais mortos, entulho, lixo, ou quaisquer imundícies. Ao infrator, a multa de dez a vinte mil réis.

§Único. A Intendência designará os lugares onde poderão ser lançados o lixo e os entulhos, os animais mortos e demais imundícies, que não poderem servir para aterro dentro da cidade.

Art. 48. Ninguém deve consentir que defronte da sua morada fique animal morto ou outro qualquer objeto imundo; devendo comunicar o fato, quando não lhe for imputável, ao encarregado da limpeza pública.

Art. 49. Os canos das casas só poderão despejar para as ruas as águas pluviais, e nunca imundície de qualquer natureza. Ao infrator, a multa de dez mil réis.

Art. 50. É proibido embarcar por qualquer modo o escoamento das águas pluviais, assim como tapar ou entulhar os esgotos públicos e edificar sobre eles, destruindo-os. Ao infrator, a multa de dez a vinte mil réis, além das despesas da reparação do dano.

Art. 51. É proibido conservar nos quintais animais mortos, águas estagnadas, monturos e cloacas abertas. Ao infrator, a multa de dez mil réis e a obrigação de sanar o mal.¹³⁴

Os artigos supracitados do Código de Posturas de 1912 atestavam um cuidado com a higiene da cidade, particularmente pelo risco de doenças que a sujeira poderia provocar, além do que a limpeza proporcionaria o embelezamento da cidade, fazendo com que se tornasse um ambiente profícuo para um viver social civilizado.

O Código de Posturas de 1905 foi substituído após sete anos por um novo Código de Posturas, instituído em 1912, quando a questão do controle citadino de

¹³⁴ CÓDIGO DE POSTURAS. Lei n. 69, de 2 set. 1905. Capítulo IV. p. 17-18.

comportamentos de seus habitantes tornou-se mais enérgico, basicamente pelas mudanças estruturais da cidade e pelo advento de novos serviços que aos poucos fizeram com que Teresina se modernizasse, em seu ritmo.

Nesse ensejo, a arquitetura também fez parte de uma série de ordenamentos, os quais tinham o desígnio de caucionar um ambiente ideal para que a modernidade e os meios civilizados pudessem se propagar sem muita delonga.

Os Códigos de Posturas de 1905 e 1912 deram alusão justamente a esse aspecto, porquanto há neles todo um direcionamento sobre como as casas deveriam ser construídas, particularmente o de 1912, que dispôs em seus artigos:

§ 3º Os prédios construídos ou reconstruídos nos ângulos das ruas e praças compreendidos os muros, terão uma terceira face, com o desenvolvimento no mínimo de dois metros.

§ 4º As casas construídas fora do alinhamento da rua devem ter neste muro um gradil, de bela aparência, e deixando uma área ajardinada de, pelo menos três metros de largura, entre o muro e a casa. Espaço igual devem ter, no mínimo, as casas entre si, quando separadas umas das outras, ou dos muros laterais.¹³⁵

Essa distância de dois metros de que trata a súmula 3º corresponde ao espaço conveniente para a construção de jardins que tornassem as casas mais reservadas à família e mais cômodas no que tange à temperatura, além de embelezar as ruas.

Um exemplo clássico dessa mudança na construção das casas pôde ser visualizado na casa de Dona Carlotinha,¹³⁶ localizada no cruzamento entre as ruas Eliseu Martins e Sete de Setembro, construída na década de 1920, como resultado da arquitetura eclética e dos ideais civilizacionais. Era cercada por jardins que traziam mais conforto térmico e passaram a ser cada vez mais almejados, pois além de privacidade, embelezavam a cidade.

¹³⁵ PIAUHY, 1912, p. 17.

¹³⁶ Carlota de Moraes Britto Melo, mais conhecida como Dona Carlotinha, nasceu em Piracuruca, no dia 3 de junho de 1986, e faleceu em Teresina, em 4 de novembro de 1989. Foi casada com Anísio Britto de Mello, que além de cirurgião dentista, foi um importante historiador do Estado, sócio fundador e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, e membro de várias entidades culturais brasileiras. ANDRADE, 2016, p. 203.

Figura 20 – Casa de Dona Carlotinha¹³⁷

Fonte: Andrade (2016).

As características da casa de Dona Carlotinha assinalaram os novos ideais modernos, os quais traziam para o centro de suas preocupações o embelezamento da cidade e a construção de casas com mais privacidade, reservadas à família, onde o jardim frontal e o porão alto distanciavam seus moradores da rua e, por conseguinte, do espaço público. Isso sem falar da distância entre os vizinhos, que assegurava uma distância entre as famílias, preservando a intimidade de cada uma.

De acordo com os estilos de plantas de casas construídas, os espaços entre estas e a rua tornavam-se cada vez mais afastados e preenchidos com adereços arquitetônicos, ou seja, não ficavam vazios, sendo progressivamente mais comuns o uso de jardins como barreiras vivas entre a rua e a casa, com muros de vários materiais e alturas erguidos entre elas, levantados para impedir que transeuntes tivessem uma visão clara do que ocorria no interior das residências.

A sala, considerada o espaço exclusivo para o exercício das sociabilidades no espaço doméstico, onde se recebiam as visitas, passou a ser separada dos outros cômodos por meio de corredores, que se tornaram espaços significativos para circulação; e os quartos, sempre ou quase sempre dispostos a um lado da casa, eram limitados ao acesso de seus donos – pelo menos era o que se esperava.¹³⁸

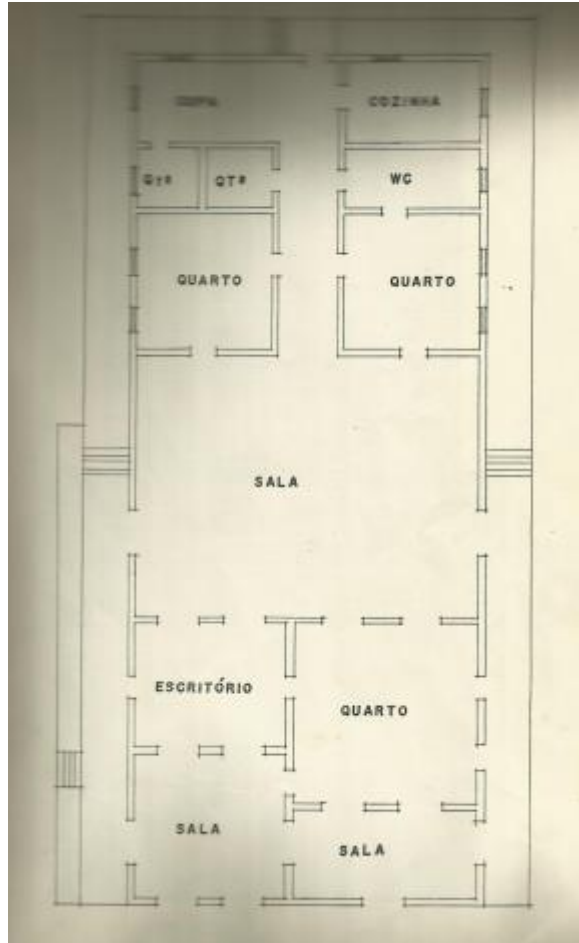
A casa, demarcada pelo uso e aplicação de conceitos étnicos, acomodou espaços resultantes dessa hierarquia de cômodos

¹³⁷ ANDRADE, 2016, p. 218.

¹³⁸ Uma das críticas dos escritores da época era justamente o “mau uso” dos espaços da casa, que proporcionavam, por diversas vezes, a falta de privacidade que se tornou característica contrária aos ideais modernizadores.

principais à frente, configurando o setor formal e reservado da moradia, e secundários aos fundos, ajustados aos primeiros.¹³⁹

Figura 21 – Planta baixa da Casa de Dona Carlotinha¹⁴⁰



Fonte: Disponível em: <<https://crfundacpiaui.wordpress.com/2017/01/23/casaro-es-e-suas-historias/>>. Acesso em: 18 de Junho de 2018 as 15:35

Os cômodos secundários eram justamente os quartos, a cozinha, em alguns casos, os quartos de empregados, os banheiros e as varandas internas. Esses espaços interligavam-se por corredores, conforme adiantado. Para Olavo Pereira,

O corredor de entrada é elemento típico da casa urbana, situado na lateral ou centralizado entre os aposentos frontais. Ausente do alpendre rural, a casa tradicional fez do corredor de entrada, dividido ao meio, uma espécie de antecâmara ou vestíbulo, separando física e visivelmente o setor íntimo do espaço de receber.¹⁴¹

¹³⁹ SILVA FILHO, 2007, p. 54.

¹⁴⁰ Os cômodos ligados à rua são as salas e o escritório, tendo seus quartos mais ao fundo e afastados, bem como a cozinha e o banheiro. FUNDAC. Disponível em: <<https://crfundacpiaui.wordpress.com/2017/01/23/casaro-es-e-suas-historias/>>. Acesso em: 18 de Junho de 2018 as 15:35

¹⁴¹ SILVA FILHO, 2007, p. 54.

Assim, esse espaço de circulação era um importante setor que interligava os espaços da casa e a rua. É possível encontrar, principalmente no interior do Estado, corredores com a presença de cancelas,¹⁴² oportunizando mais privacidade aos moradores; em outras casas, essas cancelas inexistem, causando efeito contrário – dar ao visitante mais intimidade. Em alguns casos, quando esses corredores tinham um espaço razoável de largura, eram utilizados com uma minissala de estar.

Figura 22 – Corredor de uma casa localizada na Rua Senador Teodoro Pacheco, no centro de Teresina¹⁴³



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Outro espaço relevante eram as varandas, que representam uma característica rural que permaneceu nas casas urbanas modernas. Eram, segundo Olavo Pereira,

Localizadas entre o setor formal dos dormitórios e a sala de visitas e o informal da cozinha e serviços, o varandão se converte em

¹⁴² Pequena porta de madeira.

¹⁴³ Possui características semelhantes às citadas, tendo seu acesso limitado apenas por um portão. Funciona como uma sala de estar.

necessária conexão setorial. O calor moldou esses espaços abertos, limitado do quintal tão somente por um peitoril de alvenaria.¹⁴⁴

Em diversas casas em Teresina, essas varandas internas eram reforços de uma configuração da casa rural, presentes também na frente da casa, tornando-se um setor onde as visitas eram recebidas. Todavia, seu deslocamento para a parte interna da casa não mudou essa utilidade, pois ali eram exercidas as relações informais entre patrões e empregados, sendo empregada, também, como sala de jantar e almoçar, além de receber as visitas, o que fez com que o uso da sala ficasse restrito apenas a ocasiões informais.

Embora com alterações na estrutura, as edificações residenciais (casa urbana) em Teresina foram resultantes da mescla e convivência nem sempre harmônicas entre artefatos e elementos rurais e urbanos, acomodados nos séculos XIX e XX, e por esse motivo, as construções da capital resguardam essas características até a contemporaneidade.

3.4 Casas equipadas e confortáveis: móveis e utensílios domésticos modernos?

As transformações no espaço urbano da capital repercutiram nas formas de construir as habitações dos moradores, como se ordenavam e como organizavam o espaço interno de suas moradias, incluindo os objetos utilizados no cotidiano das famílias para facilitar a realização de tarefas domésticas ou proporcionar conforto e comodidade aos residentes dos lares.

Nesse contexto, vale observar o interior dos lares teresinenses, averiguando quais itens são mantidos e quais são “descartados” pelos residentes da capital no afã de seguir o ideário de modernidade difuso e proposto pela intelectualidade e pelo poder governamental, posto que esses objetos domésticos refletem tanto a materialidade quanto a imaterialidade das práticas sociais e culturais presentes na sociedade, permitindo entrever costumes, vínculos emocionais, fragmentos de memórias, entre outros aspectos da vida daqueles que compartilharam o uso de tais artefatos.

Quanto aos utensílios domésticos das casas teresinenses no início do século XX, muitos ainda eram os mesmos da casa rural – oratórios, baús, escrivaninhas,

¹⁴⁴SILVA FILHO, 2007, p. 59.

bileira, rede, potes e outros¹⁴⁵ – embora progressivamente passassem a ser aferidos pelos sujeitos sociais também quanto às suas origens, materiais e formas de aquisição, enquanto sinônimos de transformação social e agentes difusores dos ideais de modernidade, precipuamente por sofreram em sua produção influência industrial, tornando-se mais requintados.

Desde o período colonial, a cidade de Parnaíba havia se tornado um centro comercial propagador de produtos industrializados importados diretamente da Europa, e desde a ampliação da navegação a vapor por intermédio do Rio Parnaíba, no século XIX, o acesso aos produtos oriundos do mercado comercial externo tornou-se possível a praticamente todo o Estado, fato mais íncrito na cidade de Teresina e naquelas que contavam com recursos econômicos fartos.

Entre os produtos domésticos que tiveram alargamento de consumo, pode-se destacar a enorme variedade tanto de utensílios domésticos quanto de móveis, que quanto mais sofisticados, permitiam deduzir que as famílias que o adquiriam eram detentoras de maior poder aquisitivo.

Essa crescente busca por produtos domésticos, notabilizada em razão da presença de propagandas e anúncios tratando deles com maior frequência nos jornais, além da ampliação da variedade de utilidades do lar, tornaram-se cada vez mais comuns nas duas primeiras décadas do século XX, tal qual em 1908, conforme exemplificado a seguir:

LONDRES N'AMERICA

Neste estabelecimento vende-se mercadorias nacionais e estrangeiras por preços baratíssimos e compra-se todos os gêneros de produção do país. Aceita-se encomendas de qualquer mercadoria para vir do estrangeiro ou das praças do Brasil. [...]Te - 1903. Os proprietários Manoel Thomaz, irmão e C.¹⁴⁶

Em publicação no jornal *O Comércio*, em 1906, viam-se propagandas de materiais de diversificadas utilidades para o consumo doméstico:

Em casa de Totó Rodrigues encontra-se, com fartura sob vista, os seguintes artigos: bacias estanhadas e de pó de pedra, jarros para lavatório [...] última novidade, bolsas para fumo, imagens de celluloi de diversas qualidades de verônicas, [...] sabonetes finos, espelhos de chistal e muitos outros artigos.

¹⁴⁵SILVA FILHO, 2007, p. 140.

¹⁴⁶ANNUNCIOS. **O norte**. Theresina, Piauhy, n. 198, p. 4, 22 nov. 1908.

Em casa de Totó Rodrigues, encontra-se grande e variado sortimento de louças.¹⁴⁷

Com relação à aquisição dos móveis, pode-se ilustrar esse aspecto a partir da fala de Genu Moraes, extraída da tese de doutoramento de Amanda Moreira, onde Genu caracterizou os móveis de sua casa como elegantes, aduzindo que

sem nenhuma dúvida, os móveis são especiais! [...] Os móveis da mamãe são muito bonitos, são Leandro Martins, que era a maior casa do Rio de Janeiro, ela comprou esses móveis no Rio e trouxe, cristal Bizotê¹⁴⁸[...] Aquele ali da cristaleira [...]. Então os móveis da mamãe são Leandro Martins e toda a vida ela teve muito cuidado [...]¹⁴⁹

Há na fala de Genu Moraes clara evidência de um fator que diferencia sua família das demais: eles tinham condições de adquirir seus móveis nas melhores lojas, que inclusive se localizavam fora do Estado. A aquisição de móveis modernos e de boa qualidade atuava como fator diferenciador, sendo os mais requintados presentes apenas nas casas de famílias mais abastadas.

Com as mudanças estruturais da casa e dos objetos que a estabeleciam como lar, depreendidas em Teresina no início do século XX, a casa passou a modificar, ainda, os costumes e as práticas no dia a dia de seus habitantes. Os discursos modernizadores não se limitaram à questão estética da cidade, pois era necessário investir no modo como seus habitantes viviam dentro e fora dela. Por isso, novos hábitos foram firmados, tanto no sentido de ocupação dos espaços como de sua representação.

Como relatado no capítulo primeiro, com as transformações pelas quais Teresina passava, vieram à tona novos meios de se relacionar, os quais, junto com as modificações estruturais da casa e de seus espaços, tomaram as alterações apreendidas das relações no lar.

Nesse cenário, os ideais modernizadores fizeram com que emergissem novos padrões de comportamento que influenciaram diretamente o modo de vivenciar a casa, tomando novos significados, ainda que fossem idealizados na prática

¹⁴⁷ANNUNCIO. **O comércio**. Theresina, anno I, n. 22, p. 4, 25 nov. 1906.

¹⁴⁸Tipo de acabamento dado ao cristal, por meio da lapidação, considerado elegante.

¹⁴⁹MORAES, 2014 apud MOREIRA, 2016, p. 250.

escriturística¹⁵⁰ de alguns escritores e intelectuais do início do século XX (período reportado nesse estudo).

À vista disso, os espaços da casa tomaram novos rumos e novas definições, não somente na questão de sua construção – posto que novos materiais de construção foram incorporados e novos estilos de casa, implantados –, mas também no modo como as pessoas se apropriavam desses espaços à medida que eles iam se (re)significando com as transformações culturais.

Dadas as informações necessárias sobre as modificações estruturais da casa e de seus espaços, considera-se indispensável retratar se elas realmente foram incorporadas pela sociedade, e em caso afirmativo, como se deu essa incorporação.

Tais questionamentos serão elucidados no próximo capítulo, onde, por meio dos escritos literários publicados à época em estudo, foi possível conceber como essas transformações foram possíveis, em termos sociais e culturais.

¹⁵⁰ Para conceituar a prática escriturística, levou-se em conta as ideias de Pedro Vilarinho (2009) que, apoiado em Certeau (1996), utiliza-a com o intuito de evidenciar as formas de controle social praticadas por meio da escrita de determinados escritores do início do século XX, com o fito de propagar ideais de controle do corpo e comportamento.

4 A CASA E SEUS AFETOS: NOS ESCRITOS LITERÁRIOS A MODERNIDADE DO LAR DO SÉCULO XX

A palavra “*home*” (lar) reuniu os significados de casa e família, de moradia e abrigo, de propriedade e afeição. “*Home*” significava a casa, mas também tudo que estivesse dentro ou em torno dela, assim como as pessoas e a sensação de satisfação e contentamento que emanava de tudo isto. Podia-se sair de casa, mas sempre se retornava ao lar.¹⁵¹

Durante todo o desenvolvimento desse trabalho, verificaram-se mudanças substanciais na capital teresinense, desde a sua transferência, ainda no século XIX. Porém, essas modificações não foram drásticas nem rápidas. Pelo contrário: Teresina caminhou a passos lentos rumo à consolidação de seu desenvolvimento enquanto espaço urbano moderno.

Nesse contexto, observou-se que por conta das dificuldades financeiras e resistências socioculturais, a cidade acabou presenciando forte ambiguidade entre os costumes tradicionais e as mudanças pretendidas e/ou idealizadas. As modificações sociais e culturais ocasionaram, por um lado, mudanças de comportamento, e por outro, acabaram reforçando ainda mais os costumes enraizados e as práticas culturais na cidade, além da distinção social e econômica entre os moradores da capital.

Dentro desse cenário histórico, notou-se como a casa e a ocupação de seus espaços foram experimentadas, ainda mais no que tange aos novos ideais de comportamento propostos pela modernidade aflorada no século XX. Nessa esfera, é conveniente conceituar a concepção de apropriação de espaços. Para tanto, encontrou-se apoio nos escritos de Certeau, ao referir que o espaço é o resultado de um lugar praticado, em suas palavras,

um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço, sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. Diversamente do

¹⁵¹RYBCZYNSKI, 1996, p. 72.

lugar, não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. Em suma, o espaço é um lugar praticado.¹⁵²

Depreende-se, pois, como os espaços da casa – não sendo eles estáveis e por consequência, passíveis de mudança – tomaram novos significados com as transformações culturais e sociais pelas quais Teresina passou nas duas primeiras décadas do século XX.

Por conseguinte, a cultura material ganhou dimensão nesse sentido, já que é por intermédio dela que as pessoas descarregam cargas simbólicas de sentidos e sentimentos em meio aos espaços da casa e aos objetos que fazem parte destes.

A cultura material está sempre presente na vida humana. Nascemos, crescemos e morremos interagindo com as mais diversas materialidades, criadas dentro de diferentes propósitos: são estruturas, objetos e modificações que compõem os nossos espaços de lazer, trabalho, moradia, entre inúmeras outras possibilidades. A cultura material é tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independentemente do tempo ou mesmo do espaço.¹⁵³

Dessa maneira, esse capítulo está pautado nesses dois conceitos, a fim de compreender como as modificações sociais e culturais transformaram a maneira de ver e viver na casa, e de apropriação dos espaços externos e internos pela família teresinense nas duas primeiras décadas do século XX.

Para Teresina, essa conveniência muitas vezes ocorreu de maneira diversa ao que era esperado por seus propositores – os intelectuais, os literatos e o próprio governo. Por isso, inicia-se questionando e procurando responder às seguintes indagações:

- como, em uma cidade ambígua, onde o discurso modernizador se tornava cada vez mais forte, por um lado, e por outro, os costumes ainda continuavam muito rudimentares, a casa é apresentada como espaço também de transformação?
- quais eram as opiniões dos escritores da elite local – que por sua vez, eram alvos diretos das transformações – com relação a essas mudanças de comportamento que acabaram influenciando a casa?

¹⁵² CERTEAU, 1990, p. 201-202.

¹⁵³ FUNARI, 2009, p. 4.

Como visto, as transformações pelas quais a cidade de Teresina passava revelaram novos meios de se relacionar, daí porque as relações no lar também sofreram mudanças. Nesse universo, os ideais modernizadores fizeram com que se manifestassem novos padrões de comportamento que influenciaram diretamente o modo de vivenciar a casa, atribuindo a ela novos significados, mesmo que fossem idealizados na prática escriturística de alguns pensadores da época.

As obras perscrutadas no ensejo de assimilar informações sobre a realidade histórica da capital piauiense foram, basicamente, as produzidas por Abdias Neves, Lili Castelo Branco, Lilizinha Castelo Branco e Clodoaldo Freitas,¹⁵⁴ para quem a casa corresponde a um espaço privilegiado como principal *palco* social – consoante descreveu Norbert Elias – das diversas relações sociais que nele são travadas.

Como ratificado por Pedro Vilarinho, a literatura surgiu como um meio, uma estratégia de ação que seria utilizada pelos literatos para entreter, para ser consumida com prazer, mas também para educar.¹⁵⁵

Para a história, ela pode ser empregada como fonte para a análise de determinada realidade e período histórico, por conter fragmentos e elementos dessa realidade nos escritos literários, uma vez que é a partir dela que os literatos recolhem “material” – além de eles mesmos serem sujeitos históricos – para compor e elaborar as personagens e suas criações literárias. Isso permite ao historiador analisar essas obras enquanto *documentos datados historicamente* por seus autores, leitores, editores etc., enfim, tornam-se fontes históricas inestimáveis para a compreensão de mais de um aspecto da sociedade.

Para dar continuidade a ideia apresentada é necessário uma breve apresentação das obras que utilizamos. A começar pela obra de Abdias Neves “Um Manicaca” onde este literato nos traz a história do casamento de Dona Júlia e seu Antônio Araújo. Casamento ao qual esteve fadado ao insucesso desde sua concepção, já que Antônio Araújo era bem mais velho que Dona Júlia. Além da diferença de idade, havia outro fator que tornou o casamento ainda mais infeliz: Dona Júlia era apaixonada por outro homem e foi obrigada a casar com Antônio Araújo para satisfazer interesses financeiros de seu pai. Com seu casamento ela passou a trair seu marido com o homem ao qual amava, que por ventura passou a

¹⁵⁴ Obras, respectivamente: Um manicaca, A misteriosa passageira, Qual será afinal nosso fim e A mendiga do Amparo.

¹⁵⁵ CASTELO BRANCO, 2009, p. 154.

ser sócio de seu marido. Abdias Neves evidencia, através da história de um casamento infeliz, o cotidiano da cidade e os costumes do povo que nela vivia, demonstrando por diversas vezes seu próprio descontentamento ao mostrar que a privacidade familiar era desrespeitada.

Já no romance “A misteriosa passageira” a autora Lili Castelo Branco por meio de sua personagem que durante toda sua trama é desconhecida e misteriosa, nos mostra as mudanças citadinas e a evolução da capital Piauiense, ressaltando suas ruas e construções arquitetônicas.

Lilizinha Castelo Branco em sua obra “Qual será afinal o nosso fim”, faz de seus personagens exemplos para uma vida familiar fecunda e feliz. Através da história de vida de Ladice. Ela narra princípios de vida e de comportamento aos quais levaram os personagens envolvidos a uma vida feliz e bem sucedida. A autora demonstra pontos e comportamentos dentro do ambiente familiar (casa) que contribuem direta e indiretamente para a construção de uma família feliz em seus diferentes aspectos (sentimental e financeiro por exemplo).

Por fim, na obra “A mendiga do Amparo” o autor Clodoaldo Freitas relata a história de uma mulher que criou sua querida neta mendigando em frente à Igreja do Amparo. Sua história muda quando por consciência, encontra o pai de sua neta que havia desaparecido a anos. Durante a trama o autor destaca como os espaços da casa influenciam diretamente no comportamento de quem os ocupa, mostrando a sua importância no desdobramento da história narrada.

4.1 A casa transformada em lar pela família: alterações descritas nos escritos literários

A leitura de romances, poesias e crônicas de autores piauienses do início do século XX descortinaram uma miríade de interrogações sobre os acontecimentos que transcorreram na cidade de Teresina e em todo o Estado do Piauí naquelas décadas iniciais do século XX.

Nessas obras, havia recorrente conclamação à mudança de comportamentos e hábitos, ao passo que se reclamava e desprestigiava o avanço das “modernidades” e “novidades” “adotadas” pelas mulheres, inspiradas pelo feminismo.

Uma das novidades modernas, celebradas pela literatura teresinense com bastante afinco nos idos de 1900, interligava a família à casa, visando a fortalecer os laços fraternos e emocionais, e mesmo econômicos entre os membros familiares.

Tal discurso estava presente não somente na literatura ficcional, mas na acadêmico-científica e política da época, as quais procuravam estabelecer uma ponte bastante estreita para interligar a família à casa, demonstrando que uma depende da outra, e vice-versa. Isso a ponto de na atualidade considerar-se que sem a família a casa não pode se tornar um lar, da mesma maneira que sem um lar, a família é incompleta.

Essa dependência teve origem nas modificações culturais proporcionadas pela modernização das cidades e pela valorização da família, as quais refletiram sobremaneira na valorização da privacidade, do conforto e da domesticidade como preceitos básicos para a formação de um lar.

A família do início do século XX era patriarcal – e manter-se-ia nesses parâmetros. Contudo, em função das transformações progressivas em curso, perpetradas em diferentes campos da vida social, já carregavam algumas diferenças daquela de outrora, nos tempos coloniais. A principal delas seria que o casamento e a família se estabeleceriam não mais por dotes, mas pelo “amor”.

É a partir do século XIX, na Europa Ocidental, e das primeiras décadas no século XX, no Brasil, que mudanças sociais começam a influir de forma significativa na ordem familiar e, conseqüentemente, no sistema de alianças. As ideologias individualistas começam a dominar e “no momento em que o indivíduo, agente empírico, é promovido à categoria de sujeito moral e psicológico, isto é, passa a pensar e ser pensado como um ser mais liberto, a escolha de um parceiro amoroso passa a ser a união entre um homem e uma mulher”.¹⁵⁶

Os candidatos a contrair núpcias passaram a ter o direito de opinar e/ou ser consultados – ainda que sutilmente – durante o processo de escolha de seus pretendentes, embora os interesses financeiros ainda moldassem muitos casamentos. Assim, só seriam aceitos como bons candidatos a maridos homens que tivessem condições financeiras para garantir uma boa vida à sua família, e *status* social. As moças mais aptas a casar-se seriam as mais recatadas e honradas.

¹⁵⁶ D'INCAO, 1989, p. 89.

Tal situação pode ser observada distintamente na obra *Um manicaca*, onde Abdias Neves discorreu sobre esse modelo de família constituída pelo amor recíproco entre as partes. O casal Mundoca e Dr. Praxedes é um exemplo de união conjugal ideal. Ambos jovens e de poder aquisitivo próximo, assim como a idade. Mundoca era uma moça tranquila, não andava em festa e nas raras vezes em que andava, comportava-se com melhores maneiras e demorava-se pouco; era boa filha e cuidava com prazer dos afazeres de casa; e ainda era filha de um comerciante influente da cidade. Por sua vez, Dr. Praxedes era formado e com boas condições financeiras, podendo garantir à esposa uma boa vida. O amor entre os dois era aquele também desejado pelos literatos que narravam um amor terno, tranquilo, sem exageros.

Assim,

o verdadeiro amor é escriturado como algo que não busca apenas saciar os instintos carnis, é coisa de pessoas de espírito íntegro, que amam o corpo, mas, também, o espírito, são pessoas que sabem cuidar, proteger, compreender, perdoar e espera.¹⁵⁷

Dentro desse ideal de amor, o conceito de família assumiu novos rumos no início do século XX. A família do passado, patriarcal e extensa, mudou com o distanciamento cada vez maior do mundo rural, para transformar-se no que se conhece como família nuclear ou família moderna.

Os casamentos que se davam contrários a esse paradigma eram reputados como findos e propensos à infelicidade, assim como casais que se uniam envoltos por interesses de ordem financeira, e aqueles que tinham grande diferença de idade entre os pretendentes passaram a ser inapropriados para a concepção de um amor ideal.

Em *Um Manicaca*, Abdias Neves demonstrou, com a história de D. Julia e Antônio Araújo, que um amor baseado em jogo de interesses, muitas vezes por parte dos pais, acabava por seguir rumo ao desastre. D. Julia era apaixonada pelo guarda-livros de sua casa, que respondia pelo nome de Luís Borges, mas seu pai não aceitou o namoro e a obrigou a se casar com Araújo. Bem mais velho que D. Júlia e sem o amor dela, o casamento iniciou-se já fadado ao fim.

¹⁵⁷ CASTELO BRANCO, 2009, p. 162.

No martírio em que vivia, nas labaredas do ciúme em que se abrasava, sentia-se bem, fruía um gozo do céu, assistindo aos sofrimentos de Araújo: era uma derivante para as suas dores a agonia do homem a quem desposara para satisfazer um capricho mal-entendido do pai. Jamais lhe tivera amor. Cedia-lhe o corpo, aceitava-lhe os beijos, porque sua carne moça e forte sentia necessidades inadiáveis e imperiosas.¹⁵⁸

As consequências desse enlace matrimonial foram dias de brigas e desentendimentos entre os dois, acompanhados de traição por parte de D. Júlia, que não encerrou seu encantamento por Luís Borges. Assim, a traição é explicada pela situação em que o casamento se deu, pois D. Julia

precisava de um marido de vinte anos, e o que lhe fora imposto pela vontade paterna estava em condições de adotá-la como filha. Precisava de um homem são, e o pai, que não quisera atendê-la, havia lhe dado um moribundo, para quem a sepultura escancarava [...] Precisava de um marido que lhe fizesse conhecer as doçuras e as tristezas, os prantos e os risos, as alegrias e as desventuras da maternidade, e o seu quase reduzido à impotência pela moléstia. [...] ¹⁵⁹

Dessa forma, Abdias Neves vai moldando o desejo pela formação de uma família ideal, onde os pais fossem unidos por meio do amor, constituindo um ninho igual, em que os filhos seriam, nesse ambiente, tratados igualmente com amor e paciência, educados com os mais dedicados cuidados.

Em Teresina, esse modelo também seria desejável e presente nas obras literárias, algumas vezes representando anseios, sem que na prática fossem efetivados, pois a casa não parecia ser significada pelas pessoas como lugar de privacidade dos membros da família. De portas e janelas abertas para a rua, elas aparentavam manter com os espaços públicos uma relação interativa.¹⁶⁰

Sobre essa questão, Pedro Vilarinho asseverou que

Na prática escriturística dos literatos, a família deveria ganhar ainda outros significados, ao incorporar novas sensibilidades. Deveria se tornar um lugar quente de afetos, onde o pai, mãe e filhos deveriam vivenciar a troca de carinhos e atenção. Não significa dizer que essas sensibilidades só passaram a existir no período em estudo,

¹⁵⁸ NEVES, 2012, p. 66.

¹⁵⁹ Ibid., p. 66.

¹⁶⁰ CASTELO BRANCO, 2009, p. 154.

mas que as novas sensibilidades se impunham no discurso dos literatos como norma social pela qual as pessoas seriam cobradas.¹⁶¹

No livro de Lili Castelo Branco, *Qual será afinal o nosso fim?*,¹⁶² a história de uma família narrada pelo olhar da filha é exemplo disso. A família é constituída pelo casal e por uma filha, e mesmo sendo narrada, em sua maioria, na cidade de Belém, a autora acaba por relacionar a trama com a casa na cidade de Teresina. Dessa maneira, há em toda a sua extensão o reforço do que seria uma família ideal, onde o amor, o carinho, o companheirismo, o respeito e a obediência significariam a base do sucesso familiar.

Em um trecho da trama, uma conversa entre pai (Frederico) e a filha (Ladice), é perceptível como essa relação se manifesta:

[...] E olhando-me nos olhos:

– Amadureceste em poucos dias. Nota-se que já não tens aquela tranquilidade que usufruías. Vai devagar, filha, recebe as determinações de Deus com calma, lembra-te que és a menina mais feliz deste mundo, tens de tudo, principalmente uns pais que te adoram.

– Tem razão, pai, por isso julgo que se me tirarem de sua companhia irei fenecer, morrer como morrerão essas rosas que tem na mão, se não as puser na jarra com água[...]¹⁶³

Na obra, esse tipo de relacionamento dava-se em um ambiente favorável, a fim de que pudesse fluir. Nele, a casa tinha seus espaços adequados para esse fim, onde os recintos que a compunham eram muitas vezes descritos como lugares confortáveis que podiam, com mais facilidade, fazer com que o sentimento de família e amor emanassem.

[...] Sentou-se ali. Adorava meditar, agora que vivia só, e chovia. Espiou o jardim através das vidraças. Era lindo, sempre cheio de flores, receptor daqueles que os visitavam mais adiante, através das grades, na rua, a arborização que a sombreava, o caneleiro, galhos, folhudos, forma bem lançada e sempre cheia de cachos e flores amarelinhas que agora ensopadas pela chuva, a se balançarem, pesadas, pareciam de ouro.

Que beleza[...]¹⁶⁴

¹⁶¹ CASTELO BRANCO, 2009, p. 159.

¹⁶² Obra publicada em 1981.

¹⁶³ CASTELO BRANCO, 1981, p. 159.

¹⁶⁴ CASTELO BRANCO, 1981, p. 20.

Assim, a casa pode ser entendida, mesmo que em segundo plano na obra, como agente proporcionador de união familiar e sentimentos – tanto de ordem privada, correspondente apenas à família, como de amizades e negócios, que também se estabeleciam nela.

Nesse caso, os costumes de Teresina se relacionavam, pois era comum visitas sem aviso, entrada de pessoas desconhecidas e acesso a áreas que eram pensadas como espaços de privacidade. Isso foi provocado pela própria indiferença entre público e privado, cuja integração de espaço entre a casa e a rua, como as casas conjugadas, foi anteriormente explicitada nesse estudo.

Nesses espaços privados, estimulavam-se, ainda, sentimentos que transcendem o físico e proporcionam lembranças de momentos que já passaram e que fazem parte da afirmação, enquanto indivíduos, das pessoas que deles fizeram parte.

[..] Pode-se vir de uma grande cidade, habitado um palácio cheio de recordações da infância, mas não há nada que se compare ao nosso lar, aquele que construímos com o nosso próprio trabalho e economia. É como o sangue que nos corre nas veias[...] Por isso, Ladice, é que eu jamais impediria que te casasses, tivesses teu próprio lar, teus filhos.

Ao averiguar esse arranjo social, é necessário investigar os sentimentos para determinar a qualidade das mudanças ocorridas, refletindo na transformação do mundo tradicional para o mundo moderno. No Brasil do século XIX, percebeu-se uma modificação na sensibilidade em relação ao que se chama *hora de amor*, *hora de sexualidade*, pois tanto um como outro teriam propiciado o afastamento dos corpos daqueles que se amam, já que estes eram mediados por um conjunto de regras prescritas pelo amor romântico e que, de forma geral, provocaram um desligamento do homem moderno em relação à comunidade e aos grupos com quem convivia.

O casamento e a formação de uma família feliz seriam, portanto, o ideal de vida aconselhado para os homens, visto que na ausência desses, o homem seria incompleto.

[...] Aparentemente, o que angustiava o personagem de Clodoaldo era a sua incapacidade para a construção de uma família, um lar, uma casa confortável, onde o carinho da esposa e dos filhos lhe

traria o descanso, a paz de espírito, a confiança de sentir-se querido, confortável, aconchegado no meio dos seus. Uma família onde os laços de afetividade e de respeito unissem pais e filhos.¹⁶⁵

O trecho acima, é parte de umas das obras de Pedro Vilarinho, onde o autor faz uma análise da obra de Clodoaldo Freitas,¹⁶⁶ sob a ótica da casa como lugar que vai além do espaço físico: um lugar de afetos e de afagos, como Vilarinho mencionou na nomenclatura do seu trabalho. Nele, lançou a ideia de que esse lugar de afetos se caracterizaria, sobretudo, pela formação de uma família feliz, com a presença de uma mulher, esposa dedicada e amável, e dos filhos, que seriam a base familiar, a quem pertenceriam todas as atenções e os cuidados por parte dos pais.

O personagem era poderoso, tinha muitos escravos, satisfazia seus desejos sexuais com várias escravas, havia gerado filhos bastardos e era possuidor de muitos bens, mas não era feliz, justamente pelo sentido contrário que sua vida havia tomado em relação ao que se esperava de um homem honrado: a formação de uma família. Até porque todo o incentivo social estava voltado para a ideia de um homem que trabalhasse para garantir o sustento familiar, pois esse era o seu papel – então, de nada adiantaria ser detentor de tanta riqueza e não ter a quem dedicar essa fortuna.

Para essa família tornar-se, dentro da casa, um agrupamento de pessoas que se encontravam em determinado local para a busca de afetos e segurança, tanto física quanto emocional, seria necessária a domesticidade, que apareceu aqui como um ponto crucial desses sentimentos. É no lar doméstico, aconchegante, privado e confortável que se renovam as energias, e alimentam-se sentimentos, partilhando-os, repreendendo e punindo os corpos. Então, é compreensível toda forma de investimento para garantir a ordem familiar, a fim de reproduzir a mesma coisa com a sociedade como um todo.

Mas é claro que a propagação dessas ideias surgiu em meio aos seguimentos mais altos da sociedade, por intermédio de jornais e trabalhos literários onde eram demonstrados exemplos de bons cidadãos e daquilo que seria aconselhável seguir. Pedro Vilarinho utilizou a prática escriturística de Certeau para reiterar como as

¹⁶⁵ CASTELO BRANCO, 2009, p. 152.

¹⁶⁶ Ver mais em: FREITAS, Clodoaldo. **O palácio das lágrimas**. São Luís: AML/EDUEMA.

obras de Abdias Neves e Clodoaldo Freitas indicam a intenção de influenciar a sociedade com os exemplos trabalhados nelas.

Clodoaldo Freitas coloca nas aspirações de Jerônimo de Pádua o padrão familiar moderno. Pode-se, a partir dos da personagem, mapear a cartografia desejante do próprio autor. Ele almejava uma família nuclear, onde a casa representasse o espaço de convivência reservada, separada do resto do corpo social, onde a família, formada por pai, mãe e filhos, pudessem conviver intimamente; onde a esposa fosse a companheira legítima por uma relação, moldada na livre escolha dos cônjuges, onde o amor, o afeto e o respeito se fizessem presentes, onde os filhos completassem esse cenário familiar ocupando espaço central na vida dos pais, e ainda, onde os homens e mulheres pudessem exercer a paternidade e a maternidade com desvelo e atenção.¹⁶⁷

Atitudes adversas a esse tipo de orientação eram malvistas, especialmente em relação à figura feminina. Às mulheres respondonas que não seguiam regras de etiquetas eram direcionadas pesadas críticas, sendo por vezes singularizadas na obra como irritadiças, tendo como destino a inclinação a não casarem e a ficarem “solteironas”.

Abdias Neves, com a sua forte influência e o seu posicionamento contra a igreja e os vícios que ela provocava, máxime as mulheres que acabavam por esquecer a família, criticou veementemente esses comportamentos a partir da figura de Candoca, que não havia se casado e cuja personalidade condizia com as características referidas, levando uma vida extremamente dedicada à igreja e a tudo o que a envolvesse. Chegou a falecer, e por conta de sua morte, comentários surgiram – é claro que a crítica à igreja também estaria presente.

– É muito simples, explicou Praxedes. O atestado acusa como causa *mortis* uma meningite. Pois bem. É moléstia dos místicos. A exaltação religiosa os predispõe, a causa mais simples, um traumatismo, uma infecção a motiva. São os místicos, você não ignoram, verdadeiros doentes, vivem numa excitação cerebral perigosa; têm um cortejo de desordens orgânicas observadas e registradas pelas clínicas médicas. Vocês recordam-se? Essa rapariga era um caráter irritado, cheio de esquisitices, intolerante, opinioso e, ao mesmo tempo, infantil e instável. Não era ainda uma contemplativa, no rigor do termo. Caminhava para isso. Em cumprimento a uma promessa, jejuava dois dias na semana. Sei que passava até tarde de joelhos, em orações. Os jejuns, portanto, as insônias provocadas a enfraqueciam e exaltavam predispondo-a para o êxtase, para as alucinações, para o delírio [...] Foi assim que

¹⁶⁷ CASTELO BRANCO, 2009, p. 152.

nasceram as santas. O jejum, a insônia, o isolamento, as macerações, ou seja, em duas palavras, o desprezo da carne, a subordinação de todos os sentimentos ao sentimento religioso – é esse o cadinho de onde saíram as santas Teresas e os Vicentes de Paula.¹⁶⁸

O personagem Dr. Praxedes era um simples transmissor de ideais que correspondiam às de Abdias Neves. Mulheres como Candoca acabariam com seu futuro ao negarem suas funções, ditas naturais, para dedicar-se a outras atividades, a exemplo da religião, fazendo seu futuro sucumbir, assim como fez Candoca.

Tomando como base o fato de que Teresina foi muito ligada à Igreja Católica, precipuamente na vida social de seus moradores, Abdias Neves evidenciou, por intermédio do personagem Miguel Barros, estudante de Direito, que

a religião da mulher é a família. Sustentava que, se ela se desvela pelo culto da igreja, esquece as suas obrigações domésticas. Ainda ia mais longe. Entendia que a religiosidade é uma moléstia que se agrava e acaba por invadir todo organismo, dominando-o, abatendo-o, lançando o doente para um misticismo que só adormece na adoração constante, nas sensações embriagadoras da música sagrada.¹⁶⁹

Por esse motivo, era necessário que a mulher deixasse de lado paixões que a fizessem se afastar da família. E para garantir um futuro promissor, era preciso levar em conta o amor romântico, que se deu principalmente pela preocupação com a formação de uma sociedade pura e civilizada, imprimindo novas formas de se relacionar para essa família e, em consequência, trazendo transformações no modo de esta se constituir – posto que agora seria um lar e não apenas uma casa.

O LAR

O que pode se comparar com as felicidades e gosos do lar?

Talvez seja impossível haver coisa alguma que se compare. Seria difícil descrever verdadeiramente tudo que ali gosamos.

Nada temos a recluir, pois é bastante lembrarmos-nos que estamos ao lado de nossos bons progenitores, que não poupam meios para nos ser agradáveis em tudo que estiver no seu alcance.

E com que poderíamos recompensá-los? Apenas satisfazê-los; não desgostá-los em nada; ouvirmos sempre os seus judiciosos conselhos, sermos dóceis e amáveis.

Se não praticarmos assim teremos mais tarde remorsos de não termos dispensado a eles o que era da nossa inteira obrigação.

¹⁶⁸ NEVES, 2012, p. 176.

¹⁶⁹ Ibid., p. 27.

Devemos, pois, sempre que pudermos, empregar todos os esforços para não contrariar-lhes, pois assim poderemos ser felizes no mundo D.R.¹⁷⁰

Os intelectuais de Teresina – incluindo os literatos – empenharam-se na campanha do anticlericalismo e pela diminuição da influência da Igreja Católica nos “negócios” de Estado. Isso aconteceu logo após a Proclamação da República (1889), fortalecendo-se durante a Primeira República. No Piauí, foi mais um movimento contraditório, pois em 1906, na instalação do bispado do Piauí, considerado um grande avanço para o Estado, foi justamente um intelectual anticlerical que faz o discurso de recepção do primeiro bispo do Estado.

Ao examinar a crônica acima, é possível perceber, assim como na obra já citada de Lili Castelo Branco, que a relação entre pais e filhos era definidora de futuro. Aliás, a renovação dessa relação, carregada de afeto e amor, também eram produtos de mudança, onde antes imperava um sistema hierárquico muito forte – em função do patriarcalismo colonial –, inclusive com o uso de força física, agora se abria espaço, paulatinamente, para o afloramento de sentimentos que moldariam as novas formas de se relacionar.

Portanto, para o sucesso familiar, seria necessário que dentro do ambiente do lar, relações de respeito e carinho pudessem surgir, tanto em relação aos pais – que devem educar os filhos da melhor maneira, permeada por cuidados e carinhos – quanto para os filhos, que devem aos pais respeito e obediência.

A casa toma, nesse âmbito, papel indubitável, visto que passou a ser vista como lugar de privacidade, onde os familiares poderiam se sentir seguros e partilhar de uma vida fechada – algo totalmente diferente do espaço público.

Em Teresina, havia um esforço maior no sentido de preservar a família para manter a moral e os bons costumes, fato percebido com mais intensidade nas obras literárias e nos jornais, a partir de crônicas, como a referida anteriormente, evidenciando de duas formas essa preocupação: a primeira corresponde ao direcionamento, à instrução de bons costumes; e a segunda, às críticas relacionadas aos maus comportamentos que afastam as pessoas do ideal de família feliz.

Nessas produções, apreende-se o empenho dos escritores para que as pessoas tenham consciência da importância de ter um lar e uma família. Isso porque com a ambiguidade presente entre costumes rurais e modernos, envida-se grande

¹⁷⁰ O LAR. D.R. **Jornal A Borboleta**, Teresina, Anno I, n. 16, pág. 3, 29 dez. 1905.

esforço quanto à valorização da casa e da família como agentes civilizadores e modernos.

Esses ideais de lar e de família como base social partiam das acepções de privacidade presentes mundo afora. Em Teresina, eles só passaram a ser tidos como importantes e vislumbrados com mais intensidade no início do século XX, por se relacionarem diretamente com as transformações que a cidade atravessava, sendo ilustrados por meio de crônicas nos jornais e nas obras literárias.

Assim, em conjunto com as modificações estruturais, era necessário falar desses conceitos que giravam em torno do lar, quais sejam os de privacidade, domesticidade e conforto. A partir deles, pode-se verificar nas obras sob análise, como eles eram entendidos, vivenciados e almejados. O advento das principais ideias, centrais na constituição do lar no século XX correspondem ao

surgimento da intimidade e da privacidade na Europa é uma consequência das transformações da vida urbana. Foi na cidade, a partir do século XV que emergiu, progressivamente, a família moderna, formada apenas pelo casal e seus filhos e onde se deu o início do individualismo. Na cidade da Renascença a formação desse núcleo familiar fomentou a construção de um espaço doméstico mais íntimo. Domesticidade, privacidade, conforto e os conceitos de lar e família são a maior conquista da era burguesa. A consciência da casa de família não se iniciou em um único lugar, foi um acontecimento que se manifestou em várias partes da Europa em épocas próximas.¹⁷¹

Essa explicação foi dada para a privacidade na Europa, que se estendeu para outros lugares. Em Teresina, os imaginários de privacidade e intimidade surgiram da mesma maneira, por meio de transformações de vidas na cidade. Entretanto, estas ocorreram de acordo com o contexto citadino, discretas e demoradas, e às vezes não passavam de imaginação, sem passar para o campo prático, principalmente pela população mais humilde da cidade.

Essas novas ideias sobre a família e sobre a casa mostram que o discurso dos literatos estava ligado a toda uma teorização, desenvolvida por filósofos europeus nos séculos XVII e XIX. Nesse período o grupo familiar foi alçado à condição de célula base da sociedade, sendo percebida como centro irradiador do novo ordenamento social, tornando-se para pensadores ocidentais objeto de saber e poder.¹⁷²

¹⁷¹ JUNQUEIRA SCHETTINO, 2012, p. 42.

¹⁷² CASTELO BRANCO, 2009, p. 152-153.

A casa, mesmo “transformada” em um lugar novo, agora denominado “lar”, possuía ambiguidades. Tal qual o espaço externo, que passou pela urbanização, teve influência para tornar-se igualmente moderna, desde os materiais e as formas de construção até o mobiliário e os utensílios domésticos, como consequência da vivência e transição entre o mundo rural e a modernidade. Ao mesmo tempo, fatores internos, costumes e condições financeiras, por exemplo, fizeram com que costumes rurais permanecessem, ainda que em algumas circunstâncias tomassem novos significados e novas utilidades.

A experiência entre o patriarcado e a modernidade marcou uma característica da casa piauiense que, assim como a sua sociedade, passou por inúmeras transformações ao tempo em que reforçou os costumes de outrora.

4.2 As obras literárias e o bom direcionamento das vidas dos moradores da cidade de Teresina

Como referido, as obras literárias abordavam a família e a casa sob duas óticas. A primeira referindo-se aos bons exemplos, às histórias de pessoas que pudessem instigar nos leitores a vontade de seguir seu modelo. De forma didática, os assuntos e direcionamentos dados relacionavam-se aos bons costumes e à acuidade social, como um todo.

A segunda pautando-se nas críticas enfáticas aos comportamentos considerados desaconselháveis, pouco ou nada aceitáveis socialmente – seja em público ou mesmo no espaço privado. Nesse cenário, os literatos utilizam suas “penas” para “educar” e moldar os comportamentos da população, especialmente da mais abastada, pois esta teria, por seu capital econômico e cultural, acesso à instrução formal e condições de adquirir exemplares de obras literárias ou jornais.

Em se tratando dos bons exemplos a serem seguidos pelos leitores, ao fazer a exegese da obra de Lili Castelo Branco, reportada anteriormente, encontrou-se maior ênfase da figura paterna, o principal personagem, responsável pelo sucesso familiar, indivíduo que tudo decidia e que era visto pelos demais integrantes da família como protetor e porto seguro.

Minha mãe era cuidadosa, dava-se toda a meu pai e a mim, mas não tinha a perspicácia de meu pai, fazia as cousas de relance sem as observar devidamente, enquanto que ele era o herói, a máquina que nos fazia girar para o presente e o futuro. Sem ele, tenho certeza, nem eu nem ela seríamos o que éramos.¹⁷³

Aí está a explicação para a infelicidade do personagem de Jerônimo de Pádua, pois havia em sua vida a falta de alguém para cuidar, dar amor, para sentir-se amado e dele ser dependente. Ao contrário de Jerônimo de Pádua, Frederico era feliz tendo ao seu redor pessoas que o amavam e a quem dedicava a vida. – “Que felicidade tive eu em encontrar esta paraense bonita. Só para tê-la nos braços, bendigo tudo quanto sofri em trabalhos e humilhações[...]¹⁷⁴

Nesse sentido, a domesticidade seria a junção do espaço físico da casa com o espaço e a atmosfera sentimental que nele surgiam. A afeição por esse ambiente, agora doméstico, era pertencente principalmente à figura feminina.

Eu era a mulher mais feliz deste mundo, trabalhava fora e fazia todo o serviço de casa mas o amor que me enchia o peito, a esperança que ambos tínhamos de melhores dias, eram o maior atenuante para minha canseira. Nós nos amávamos e nos compreendíamos muito, eu nunca pude contestar o que Frederico fazia, era meu guia e tão bem orientava que não podia fazer outra coisa que seguir o que ele ia empreendendo para nossa felicidade futura.¹⁷⁵

A mulher era a principal personagem desse mundo doméstico – agente precursor dos ideais de domesticidade –, sobretudo pelos seus cuidados com a casa, que iam desde a decoração à mobília, demonstrando o apreço por esse espaço. E quanto maiores os cuidados decorativos, mais demonstrava interesse por conservar um ambiente bonito e limpo,

Assim, entendemos por domesticidade o conjunto de emoções sentidas, e não um único atributo. Ela está relacionada à família, à intimidade, à devoção ao lar, assim como uma sensação da casa como incorporadora – e não somente abrigo – destes sentimentos.¹⁷⁶

Ao lar eram remetidos todos os cuidados e as atenções por ser um espaço onde a família, reputada como o centro, vivia. Trata-se de algo que vai além de

¹⁷³ CASTELO BRANCO, 1981, p. 137.

¹⁷⁴ Ibid., p. 65.

¹⁷⁵ Ibid., p. 61.

¹⁷⁶ RYBCZYNSKI, 1996, p. 85.

sobreviver, ideia antes remetida para a sua criação. Viver é justamente isso: sentir, partilhar, aproveitar os espaços, significá-los e defini-los de acordo com o estilo que mais determine aqueles que os ocupam.

Essa domesticidade era praticada, em especial, pela burguesia, que se tornava referência nas questões arquitetônicas e de decoração desses lares, já que eram eles que detinham meios para aquisição de mais materiais e construção de melhores casas.

Como mencionado em linhas passadas, a privacidade apareceu como uma consequência da vida moderna, de mudanças culturais e sociais, assim como de três fatores cruciais para a constituição de um lar cada vez mais doméstico e privado, reservado à família, que poderia se tornar referência.

Primeiro, pelas modificações estruturais da casa, que favoreceram ambientes onde a privacidade seria o seu parâmetro. Segundo, pelas modificações na forma de escolher o cônjuge, onde a liberdade do amor traria mais felicidade ao casal e o sucesso familiar. O terceiro corresponde às mudanças no relacionamento entre pais e filhos, que passou a ser mais centrado no amor e no carinho, sem ênfase aos castigos do corpo, por meio de agressões. Isso posto, essas três características integraram um ambiente benéfico para a vivência da privacidade do lar.

Com o surgimento da domesticidade, entende-se melhor o conforto que se instalou com os sentidos relacionados aos sentimentos e às sensações das pessoas dentro da casa. A primeira ideia de conforto dava-se por vias espirituais e não físicas, justamente com a domesticidade que veio a total separação entre casa e rua, além da valorização do bem-estar e a busca dele. Essa domesticidade emergiu especialmente pela valorização da família como centro formador dos indivíduos e como fonte primeira e eficaz de controle social.

A família também mudou de significação, deixou de ser uma unidade econômica, uma prisão para as pessoas como o era na Idade Média. A casa tornou-se um refúgio, longe dos olhares de fora, local para externar a afetividade entre os membros da família, pais e filhos. É nesse momento que ocorre uma separação mais nítida entre o espaço privado e o espaço público, passagem de uma sociabilidade em que o público e o privado se confundem para uma sociabilidade onde o privado é separado do público.¹⁷⁷

¹⁷⁷ JUNQUEIRA SCHETTINO, 2012, p. 41.

Dentro da família, que ocupava os espaços da casa, é que se dá a ideia de domesticidade, a valorização dos sentimentos, da romantização, do amor familiar. É nesse espaço doméstico e fechado ao público que as pessoas podem expressar sentimentos, e é justamente para isso (agora) que serviriam esses espaços.

Não mais unicamente para a sua função primeira. Pelo contrário: parece que à medida que a domesticidade se tornava cada vez mais referência de lar, mais a casa se distanciava da acepção de sua função primeira, qual seja a de abrigo – pelo menos como única e principal função, não deixando de ser importante.

Ainda se concebe a necessidade de proteger-se e usar a casa para isso, mas ao considerar o sentido mais romantizado da palavra, *abrigo* estaria muito além da preservação física. Poder-se-ia falar de abrigo da alma, das angústias, dos sofrimentos, das alegrias e de todo tipo de sentimento que se poderia experimentar nesses espaços.

No século XX, em Teresina, essa ideia romantizada permaneceria cada vez mais forte nos discursos e nas obras dos escritores piauienses.

A casa deixará de ser meramente um abrigo perante os elementos da natureza, uma proteção contra o invasor – apesar destes terem continuado sendo funções importantes –, e tornara-se o ambiente para uma unidade social nova e compacta: a família. Junto com a família veio o isolamento, mas também a vida familiar e a domesticidade, o palco estava armado para a terceira descoberta: a noção de conforto.¹⁷⁸

Outro fator que contribuiu, mesmo que de forma lenta, para a valorização do conforto doméstico foram as novas tecnologias que, ainda que insuficientemente, tornou-se progressivamente fator de transformações para o lar no século XVIII. Para que essa domesticidade pudesse vir à tona dentro do lar, era necessário que houvesse agentes promotores, começando-se por meio da devoção ao lar, com instruções, métodos e objetos que aos poucos tornaram esse ambiente cada vez mais confortável.

A princípio, os métodos de cuidado com a casa aprimoraram cada vez mais esse ambiente por meio da valorização do lar. Esses artifícios correspondem desde os cuidados da casa, por meio da criação de prendas e etiquetas domésticas, até a organização dos móveis e a especificação de suas funções, além de maior utilização

¹⁷⁸ RYBCZYNSKI, 1996, p. 487.

desses espaços, que passaram a ser compartilhadas pela família. Ademais, os móveis passaram a ser valiosos e cada vez mais procurados pelos proprietários, o que denotava uma atitude diferente, pois se valorizava o conforto.

Assim, o exemplo dos móveis para o crescente fortalecimento do conforto doméstico era fator crucial, isso porque com eles que se aumentava o apreço pelo lar, a partir de maior higienização e manutenção da casa. Os móveis refletiriam a imagem de um lar encantador se fossem bem cuidados e decorados pela mulher.

Por isso, os móveis passariam de simples objetos utilitários na execução de determinadas atividades para instrumentos que traziam consigo contribuições para a definição da família e da casa a que pertenciam, mediante a valorização da domesticidade, patenteando a necessidade de tornar esse lar mais fechado e íntimo e, ao mesmo tempo, capaz de envolver os indivíduos constituintes dessa família em uma teia de sentimentos criados dentro e por esse espaço do lar.

Em todas as obras utilizadas nesse estudo, eram descritas ocasiões que ocorreram em certos ambientes mais confortáveis, proporcionados pela disposição dos móveis e pelo nível de qualidade destes. No romance *A mendiga do Amparo*, de Lilizinha Castelo Branco de Carvalho, há sempre a relação de conforto dos móveis para demonstrar o bem-estar físico e espiritual das personagens.

[...] Arrancava do corpo aqueles molambos, tomava banho, penteava-se, empoava-se e ia sentar-se na confortável cadeira de balanço à porta da casa, fumando cachimbo. Ninguém que a visse, pensaria ser ela a velha mendiga. Gozava de bom conceito no bairro em que morava, apesar de acharem esquisito nunca se encontrar em casa durante o dia.¹⁷⁹

¹⁷⁹ CARVALHO, [s.d.], p. 3.

Figura 23 – Cadeira de Balanço¹⁸⁰

Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Ao dizer que a velha Francisca não parecia uma mendiga, a autora demonstrou que a população mais pobre não usufruía daquela vida, da casa e muito menos do conforto no qual Francisca vivia, mesmo experimentando a pobreza de perto, vestindo-se como mendiga diariamente.

Em Teresina, devido ao maior acesso do mercado externo ao Estado, as famílias mais abastadas conseguiam adquirir móveis de excelente qualidade, e pela conservação destes, verifica-se como os cuidados com eles eram exercidos, onde quanto maior o acesso aos bens de consumo, mais eles eram incorporados à casa. Nos móveis, pode-se identificar o reflexo de seus donos, já que o oratório, o quarto, a sala, tudo reflete a personalidade de quem ali habita.

Nesse diapasão, depreendeu-se uma valorização mais acurada, além de maior preocupação na produção desses móveis, tanto em termos práticos, como simbólicos, remetendo à família e ao meio em que esse objeto se encontra. Portanto, os móveis passaram a ocupar e definir lugares comuns dentro de casa, e tê-los significava que se tinha mais conforto.

Nada mais foi tratado sobre o assunto. Só depois que meu pai mandou dizer a Josias que viesse falar-lhe, foi que ele veio. Fui eu quem o recebeu encaminhei à varanda, local que adorávamos, tão aprazível com suas plantas e aquelas cadeiras de balanço, superconfortáveis.¹⁸¹

¹⁸⁰ Na atualidade, permanece em uso.

Nesse ensejo, conforto seria um misto de comodidade, de encanto, de praticidade, definindo a domesticidade desse lar. Esse conforto – apesar de parecer estranho enquanto conceito e, por isso, difícil de explicar – vai se tornando cada vez mais evidente e uma das questões centrais do lar, pois já havia uma casa, que era abrigo, refúgio, morada, espaço privado e doméstico, sendo necessário mais torná-la confortável.

Nas obras ora examinadas, notou-se como se dava o desejo de tornar o lar privado, doméstico e confortável. Por diversas vezes, testemunhou-se narrativas de espaços que levam a imaginar um ambiente aconchegante e dotado de paz, completado pela acepção de progresso. Nesse sentido, é perceptível que os espaços da casa, quanto mais cuidados, mais representam a felicidade familiar, tão almejada pelos literatos.

Na obra *A misteriosa passageira*, de Lili Castelo Branco,¹⁸² essa ideia é atingível, basta atentar para a seguinte passagem:

O sol causticante ardia-lhe no rosto de pele delicada, mas seguia em frente e ia parando sempre que algo lhe chamava atenção.

– Meu Deus, quantas residências lindas, imponentes, de conforto e bom gosto [...]

– Como está bonita, não há como o progresso, a força que impulsiona o homem a trabalhar, dirigir o que lhe compete, o que lhe foi entregue e tem de se desenvolver com honestidade.¹⁸³

Tendo em vista tudo o que foi mostrado nos capítulos anteriores até agora, pode-se deduzir que a noção de conforto, domesticidade e privacidade são os principais motores para a manutenção da ordem social por intermédio da família, pois é em um ambiente que detém dessas características que ela pode se constituir como modelo e honrada.

Em outro trecho da obra de Lili Castelo Branco, *A misteriosa passageira*, ela discorre sobre o apego que as pessoas têm com seu lar, já que é ali que eles acabam criando sua identidade

[...] Era na casa bonita da rua Álvaro Mendes. Viera de São Luiz do Maranhão o arquiteto que a construiu – Vila Lili. Era ampla, bonita, ricamente

¹⁸¹ CASTELO BRANCO, 1981, p. 163-164.

¹⁸² Obra publicada em 1986.

¹⁸³ CASTELO BRANCO, 1989, p. 18.

ornamentada, cheia de antiguidades que sua dona colecionava e continuou a comprar pela vida toda. Tinha porão e pequenas escadas: a da entrada, a que dava para a copa e a de acesso à cozinha. O quintal ia de uma rua a outra [...]¹⁸⁴

Essa descrição da personagem, que remete à opinião da própria autora, demonstra seu apego com a casa. Assim como nas outras obras analisadas, Lili fez uso de sua forte influência em favor do que acreditava ser melhor para a sociedade.

No início do século XX, a casa era um lugar de ordem social, privado e de importância pública, levando em consideração sempre o conforto doméstico que se denotava com a ordem da casa. A organização do lar era um reflexo da sociedade, e vice-versa. Em uma casa organizada, cresceriam indivíduos que valorizariam a ordem, levando-a para os espaços públicos que viessem a frequentar.

Essa definição de sucesso familiar e, conseqüentemente, de sucesso social, é nítida em toda a obra de Lili Castelo Branco, *Qual será afinal o nosso fim*,¹⁸⁵ onde a autora demonstra as atitudes a serem tomadas como exemplo para que o sucesso familiar possa ocorrer: a mãe sempre compreensiva, o pai sábio e decidido, e os filhos obedientes aos pais.

Essa valorização do conforto doméstico tomou também fatores simbólicos já que é por meio do conforto proporcionado ao indivíduo que se ocupa dos espaços da casa que o laço sentimental entre esta e as pessoas se tornam reais e intensos.

O resultado disso é que a família se instituiu como *corpus social* mais importante, projeto de formação de bons cidadãos, onde todos os indivíduos trabalhavam para a manutenção dela. Cada um em suas funções, que eram definidas em conformidade com o sexo. Logo, por meio da família, nota-se como as modificações da casa, desejadas pelos literatos, também se deram com o objetivo de assegurar que o sucesso familiar fosse garantido.

Desde pequenas, as crianças eram educadas de acordo com o seu sexo. Aos meninos eram reservadas brincadeiras que o preparariam para a vida adulta. Caçar pássaros e outros animais de pequeno porte com baladeiras, montar em bichos pequenos e até mesmo praticar zoofilia eram características bem vistas para a época, por meio das quais exerceriam as funções naturais de guardiões da família, tanto em termos de sustentação como de segurança.

¹⁸⁴ CASTELO BRANCO, 1989, p. 63.

¹⁸⁵ Obra publicada em 1981.

A infância era o momento do aprendizado, da incorporação de práticas, mas também de valores que se faziam presentes na vida cotidiana, que condicionavam e definiam os papéis de cada um no corpo social. Dessa forma, o aprendizado das crianças tinha o sentido de ensinar-lhes também a se movimentarem em um mundo heterogêneo e estratificado. Uma realidade na qual as pessoas eram marcadas por relações de gênero, pela condição social e por questões raciais, as crianças deveriam aprender, como também incorporar as diversas condições sociais que separavam as pessoas em homens e mulheres; proprietários, agregados e escravos; em ricos e pobres.¹⁸⁶

Para a manutenção dessa ordem social, era preciso que desde pequenas, as crianças fossem ensinadas a exercer a sua função por natureza. Nessa esfera, as meninas eram ensinadas desde pequenas a cuidar da casa, sendo suas brincadeiras mais voltadas aos cuidados e ao aguçamento dos sentidos de proteção e preocupação com os filhos e a família.

Do que mais gosta é das dependências no quintal a um lado da copa da casa, com ampla cozinha e armários embutidos. É lá que, imitando o que sua mãe fazia, dá diariamente o retoque às refeições, preparando quitutes para Josias. Adora apresentar, a seu esposo, de surpresa, um bom vatapá ou aquele creme de bacalhau que sua mãe lhe ensinara a fazer antes de se casar.¹⁸⁷

Dentro desses padrões definidores de comportamento social de acordo com o gênero, havia a necessidade de um ambiente com boas condições morais e físicas para que fosse garantido o sucesso social da família. Assim, não era preciso somente ter uma casa, em termos físicos, mas era de extrema importância ter uma ordenação quanto aos comportamentos dos indivíduos que dela faziam parte. Por isso, devia-se definir o papel social de cada sujeito.

Diante disso, os romances buscavam demonstrar os resultados de levar uma vida seguindo os parâmetros sociais e desempenhando funções específicas, remetidas a cada indivíduo com capricho e dedicação. Como consequência, o alcance da felicidade a partir da dedicação à família, tanto por parte dos homens como das mulheres, e a obediência dos filhos seriam alcançados com sucesso.

¹⁸⁶ CASTELO BRANCO, 2008, p. 59.

¹⁸⁷ Idem, 1981, p. 20.

É necessário salientar que Lili Castelo Branco, mesmo sendo mulher, avultou em todas as suas obras o mesmo discurso dos homens do lugar e do papel feminino social: esposa e mãe. Além disso, responsável pela tranquilidade e harmonia do lar, além da afetividade entre os membros da família.

A autora é sujeito histórico de uma época e carrega a contradição inerente àquele momento, pois só o fato de ter se tornado escritora já ultrapassava os limites do papel que apregoava para as mulheres na sociedade do início do século XX.

4.3 A escrita dos literatos e suas críticas aos comportamentos não desejáveis para a sociedade moderna

Se por um lado, a prática de prescrever costumes e valores para a sociedade eram válidas, a que tratava de criticar os comportamentos contrários aos considerados como bons costumes também se perpetuava, e era um jeito de orientar a população a manter-se no “bom caminho”, segundo os próprios autores, evidenciando os exemplos indesejados para o viver familiar e cidadão.

Em Teresina, essa domesticidade e privacidade, que nas obras são salutares para a ordem social e civilizada, não parecem ter sido assimiladas por seus moradores. Isso é resultado da ambiguidade entre as permanências e as mudanças que ocorriam em vários sentidos, como já exemplificado nesse estudo.

Por consequência, junto com as mudanças advindas da nova realidade da então sede político-administrativa do Piauí, as transformações culturais, sociais e econômicas, as novas formas de lazer, de construir as casas e fazer uso delas, trouxeram à tona as insatisfações de alguns estudiosos da época.

Preocupados com a maneira como essas modificações estavam afetando a vida familiar dos teresinenses, passaram a escrever de forma crítica sobre assuntos que envolviam principalmente a família e o seu modo de experimentar os espaços da casa.

No livro de Abdias Neves, *Um Manicaca*, por várias vezes criticam-se os costumes rurais que ainda permaneciam ligados à casa. Esta, por sua vez, deveria estar apta a vivenciar novas atitudes que fossem ao encontro da moral e dos bons costumes e, ao mesmo tempo, do progresso cidadão e social.

Dessa maneira, os costumes rurais, tão enraizados nos hábitos do dia a dia, acabavam por conter essas modificações que, para escritores como Abdias Neves,

simbolizavam o progresso de Teresina. Em um dos trechos da referida obra, ele ilustrou essa falta de noção de privacidade, quando se referiu às festas surpresas.¹⁸⁸

lam moças e rapazes, e o promovente tomara infinitas precauções para que o major não pagasse ônus da festa. A casa estava fechada? Que se importavam? Ele estava dentro. Rompesse a música [...] afinal, depois de meia hora de espera, resolvera-se Santiago a aparecer e surgira na obscuridade do corredor, abrindo meia folha da porta. Dali mesmo falara: não podia receber a manifestação, estava doente. [...] Não tinha havido remédio, senão aceder. Entraram. Tomaram conta da varanda e ali mesmo dançaram até alta noite.¹⁸⁹

Assim como na questão estrutural e cultural do desenvolvimento de Teresina, os espaços da casa também receberam a influência da ambiguidade. No trecho citado da obra de Abdias Neves, nota-se que entre os viventes da cidade, as noções de privacidade inexistiam na prática.

É perceptível, a partir do personagem Santiago, o descontentamento do próprio autor com esse tipo de situação, ainda mais porque ela ultrapassa limites que para Abdias não deveriam ser extrapolados. A ideia do incômodo e inconveniente desse tipo de festa, proporcionada ao personagem, é uma forma bem didática de mostrar o que para ele simbolizava ideia de atraso.

Esse comportamento impróprio, que perturbava Abdias Neves, não era notado por quem o praticava. Em outro trecho da obra, o autor mostra com mais clareza o que ele pretende: a mudança de comportamento, a autoavaliação das próprias ações, que seriam bons motores para a mudança.

O Piauí será sempre o Piauí, capitão; jamais será outra coisa. Todos os dias encontro novo sintoma de atraso, e fale-se que é um deus-nos-acuda! A festa está correndo regularmente. Mas uma coisa está encabulando-me. Quer saber? Diga-me, você que conhece melhor a terra: para que aquela exposta, bem às vistas de todos? Tinham seguido conversando e achavam-se sentados, frente a frente, na alcova. Falava alto, sem constrangimento, apoiado aos braços da cadeira o corpo reclinado na palhinha do encosto. Pra quê? Diga! E, não obtendo resposta. Fica em exposição, defronte das janelas, preparada, cheirosa, à espera dos noivos.
– Não é decente concordou João Sousa. Mas onde iriam escondê-la? No quintal não é possível.

¹⁸⁸ Eram comuns em Teresina, no início do século XX. Consistiam em chegar de surpresa na casa do indivíduo que foi alvo da homenagem sem avisar, onde dançavam até tardar da noite. Essas comemorações, por vezes, eram realizadas sem motivos fortes para tanto.

¹⁸⁹ NEVES, 2012, p. 28.

– Aqui mesmo. Não é necessário, porém, este aparato fechem-se as portas do quarto, a fim de impedir a entrada dos curiosos. Ontem, quando viemos da igreja, vi duas senhoras sentarem-se aí. Riam-se apalpando os colchões, revolvendo os travesseiros. Que alegria era essa? Não houve quem deixasse de notar.¹⁹⁰

É inteligível, pela fala do personagem, que esses costumes eram comuns, talvez por isso a noção de privacidade inexistisse. Tais inconvenientes atenuavam essas características, já que para eles era algo tão corriqueiro que nem notavam se estavam passando dos limites do que se poderia aceitar, infringindo a privacidade e, para além dela, o pudor, posto que o quarto seria um dos locais mais privados da casa, onde se davam as relações mais íntimas de um casal, e esse tipo de atitude, além de desrespeito à privacidade do casal, também ia contra o pudor e a moral.

4.4 As sociabilidades e a casa teresinense no século XX: alterações sutis, outras, nem tanto

Era comum em praticamente todas as obras analisadas a presença de descrições sobre as sociabilidades de Teresina. O palco social mais comum em que elas são descritas corresponde basicamente à casa, algo comum no início do século XX, pois era onde transcorria boa parte das interações e integrações sociais da capital.

À vista disso, as sociabilidades constituem os principais motores de difusão de novos costumes e/ou transformação destes, o que acabava por desviar as funcionalidades do lar. Nesse sentido, a naturalização desse tipo de atitude dava-se em virtude da grande influência dessas sociabilidades, que tornaram os espaços privados da casa mais abertos aos olhares de fora.

Abdias Neves foi um grande defensor do lar privado, restrito apenas à família, protegido dos olhares de outros. Em sua obra, especialmente quando descreveu o casamento de Dr. Praxedes e Mundoca, demonstrou com muita clareza a condenação de atos que acabam distanciando a sociedade dos novos costumes.

Em *Um manicaca*, Abdias Neves caracterizou as comemorações mais comuns que ocorriam na casa. A primeira corresponde aos aniversários surpresas, como referido, onde demonstrou sua insatisfação com esse tipo de sociabilidade, por

¹⁹⁰ NEVES, 2012, p. 119.

ser muito invasiva à privacidade, já que não contavam sequer com a permissão do dono da casa, sendo uma festividade forçada que obrigava a exposição da casa.

Em dado momento, o autor relatou o aniversário de uma das personagens, Rosinha, quando se fez grande movimentação em sua casa, devido à produção de bolos, limpeza e organização da casa, caso aparecesse alguma visita.

Ao meio dia, João Sousa, que andara em visitas de cerimônia, voltou a casa e notou a festiva movimentação. Que era aquilo? Nada, informaram-lhe, Rosinha fazia anos e, como podia aparecer alguém[...]

Era preciso tanta coisa? Parece que estão fazendo bolos. Temos surpresa? Vissem que não estava disposto a aturá-la. Fechava a porta e fossem dar o boi, que tem o couro grosso.¹⁹¹

Na fala da personagem, observa-se que as festas surpresas não agradavam de todo gosto. Abdias Neves tentava validar que esses tipos de festas reduziam a intimidade e a privacidade da família, além de dificultar as práticas cotidianas e necessárias para quem habita a casa, como no caso, João Sousa, que necessitava de descanso e se deparou com uma intensa movimentação, impedindo o repouso tranquilo que esperava ter naquele espaço.

Essas sociabilidades também incluem festas de casamento, que na maioria das vezes, ocorriam dentro do lar. Abdias Neves corroborou que essas sociabilidades reforçavam costumes rurais e evidenciavam hábitos fora do padrão social que se almejava. A maneira como se davam e a falta de noção entre o público e privado era os aspectos que mais incomodam o autor. Há vários trechos que testemunham isso.

[...] O ninho dos noivos continuava cheio de visitantes. E os comentários reproduziam-se, modificavam-se, não tinham fim. Censuravam agora o bacharel pelo extraordinário luxo da instalação. Uma verdadeira loucura em um rapaz que principiava, ainda não fizera economias, não tinha recursos e, certamente, comprara fiado para pagar quando e com quê? E vinham os casos sentenciosos e as pilhérias. [...] ¹⁹²

É interessante pontuar que em relação ao casamento, as práticas de sociabilidades já se instalavam antes mesmo da cerimônia, desde o noivado ao dia

¹⁹¹ NEVES, 2012, p. 25.

¹⁹² NEVES, 2012, p. 91.

do casamento, a movimentação e os comentários eram intensos. Sobre isso, o autor explanou a casa e a exposição de seus espaços, enquanto práticas que ultrapassavam até mesmo os limites do pudor, algo incontestável na obra. Este relacionava-se com a intimidade e a privacidade, pois se estas não se instaurassem, o pudor também não existiria.

Da aquisição da casa, da disposição de seu mobiliário, até o dia do casamento e o arrumar-se da noiva, nada estava a salvo dos olhares de fora.

[...] Mundoca, banhava-se, na presença de Rosinha e da Emília Figueiredo que tinham vindo passar o dia em sua casa. Não houvera meio de evitar que a acompanhassem ao banheiro e lá estavam tagarelando.

– Que horas? Perguntou, de repente, a Emília, depois de um pequeno silêncio.

– Deviam ser três horas.

– Estás demorando-te, preveniram, então, as duas. É tarde. Os convidados principiavam a chegar e te encontram assim.

– Não. É muito cedo, opôs a interpelada. E continuou a passar e repassar o sabonete pelo corpo, perfumando-o carinhosamente.

[...] ¹⁹³

A ausência de noção dos limites entre o público e o privado incomodava o autor. Por isso, na descrição dessas situações, ele simbolizava sua própria insatisfação quanto ao modo de vivenciar a casa e ao comportamento das pessoas, que mesmo com tantas transformações advindas com o século XX, ainda permaneciam fortemente arraigadas a hábitos cotidianos.

Em outro trecho, observa-se a falta de privacidade que continuava permeando todo o enredo da obra.

Às quatro horas, Mundoca principiou a vestir-se para o ato, ou melhor, começou a ser vestida. Rosinha, a Emília Figueiredo já preparadas, e D. Júlia, que acabava de chegar, despiram-na e, diante de um espelho indiscreto, foram enfronhando-a nas vestes nupciais. ¹⁹⁴

Entrementes, Abdias Neves demonstra seu descontentamento sobre o comportamento das pessoas, que não tinham a menor preocupação em fazer dos espaços da casa ambientes privados de convivência apenas familiar, uma vez que

¹⁹³ Ibid., p. 97.

¹⁹⁴ NEVES, 2012, p. 99.

as comemorações, sob as mais diversificadas razões, eram promovidas, em sua maioria, na casa.

A preocupação com o pudor era categórica. Nos trechos outrora citados, via-se o desconforto do autor ao relatar situações onde aquele não se fazia notar. Além da obra de Abdias Neves, Lili Castelo Branco igualmente constatou a forte presença dessas sociabilidades em outro espaço, mas cuja semelhança entre os comportamentos são fortes, atinentes a Teresina.

Na obra de Lili Castelo Branco, tais sociabilidades são reveladas de maneira mais amena no que tange às críticas, onde ela reforça um possível direcionamento sobre como essas festas deveriam ocorrer, tanto no romance *Qual será afinal nosso fim?* quanto em festas de casamento e de aniversário.

Na obra, a autora descreveu um almoço oferecido na casa dos pais de Ladice, personagem principal do romance. Por várias vezes, o local é reputado como espaço de luxuoso conforto.

– Vem cá, Josias, quero que conheças esta casa, para meu gosto, a mais confortável e bonita de Belém, dados o gosto e os cuidados que recebe de seus donos. É um encanto, vem, eu te mostrarei tudo e depois vamos ver o que opinas. [...] Oscar mostrou a Josias a piscina, ampla, rodeada de tajãs de várias cores, lá para trás da cerquinha pintada de branco, a imensa horta, o gramado com cadeiras para tomar sol e fazer ginástica, o lago artificial cheio de cisnes. Tudo limpo, tratado em absoluta ordem.¹⁹⁵

É notório que os convidados tinham liberdade para transitar pelos espaços da casa com tranquilidade. Nesse caso, a casa representava e transparecia as características de seus donos, refletindo no romance uma família feliz e dentro dos padrões sociais, pois tinham influência na sociedade.

No caso da família de Ladice, a casa era particularizada como reflexo dos cuidados e investimentos de seus pais, onde sua mãe se dedicava à casa e aos zelos com o marido e a filha, e o pai preocupa-se em manter a família em condições confortáveis. Logo, a casa era particularizada como resultado da ação familiar que ali residia.

A partir da escrita desses literatos, pode-se observar que a casa tomava parte importante na vida da família que a ocupava, sendo definida de acordo com as condições físicas e sociais de seus integrantes. O lar doméstico passou por

¹⁹⁵ CASTELO BRANCO, 1981, p. 36.

transformações, assim como os cômodos da casa, em relação aos seus papéis, onde quartos, salas, cozinha etc. tiveram uma modificação grandiosa desde o século XIX aos dias atuais.

Em Teresina, essas mudanças só tomaram corpo fortemente no início do século XX, mas isso não condiz rigidamente com as condições reais de ocupação dos espaços da casa. As alterações na forma de perceber o lar vão, bem como a própria cidade, passar por um processo lento de transformações até aderir à privacidade, inescusável quando se fala em lar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sensibilidade para observar os espaços vivenciados rotineiramente por nós, sujeitos históricos, e compreender as transformações sutis e profundas às quais estes são submetidos, buscando as motivações para realizar alterações no *modus vivendi*, e entender que certas práticas culturais e sociais, e os costumes – tão arraigadas no cotidiano – originaram-se em determinado contexto histórico, motivam uma profusão de análises históricas.

Nessa perspectiva, esse trabalho iniciou-se exatamente assim, sendo instigado, a partir de uma visão histórica, a examinar as alterações inerentes às práticas culturais no espaço doméstico teresinense durante o início do século XX.

No decorrer do desenvolvimento desse estudo, a partir de muitas reflexões e interrogações acerca de bibliografias e fontes históricas, além de questionamentos suscitados – tendo conseguido responder a uns e deixando outros em aberto para continuidades posteriores desta e de outras pesquisas –, foi possível evidenciar os empreendimentos e desejos de modificações no modo de vivenciar a casa em Teresina (PI) nas décadas de 1900 a 1920.

Viu-se que as transformações sociais e culturais da cidade emergiram com as alterações do viver cidadão de Teresina, embora não de forma rápida, mas na medida de sua velocidade, transformando a vida pública e privada de seus habitantes.

Diante dessa realidade, as modificações identificadas no decorrer das duas primeiras décadas do século XX foram propiciadas material e externamente por agentes modernizadores, tais como: energia elétrica; abastecimento de água encanada; investimentos em melhoramentos estruturais da cidade, a exemplo de saneamento básico, arborização, calçamento de ruas e medidas de higienização da cidade.

Tais vicissitudes foram aliadas às modificações imateriais atinentes às sociabilidades, como a valorização daquelas consideradas modernas e identificadas com o progresso, consubstanciadas no cinema, no teatro e na frequência às praças, proporcionando uma visão contextualizada – histórica e temporalmente – sobre as práticas culturais e sociais das famílias e, conseqüentemente, uma noção mais ampla acerca dos espaços físicos e simbólicos em que está abrigada.

Nessa conjuntura, os moradores da cidade, referenciados ou não, ansiavam por essas transformações, fossem urbanas ou em âmbito privado. Estas foram notadas em virtude do direcionamento às práticas escriturísticas dos principais estudiosos e intelectuais do início do século XX, que passaram a escrever de modo a direcionar as ações de cada ocupante – pertencente às camadas abastadas e privilegiadas economicamente – desses espaços, visando a moldar, educar e, enfim, direcionar, por meio de jornais e obras literárias (romances, prosa e discursos), os comportamentos e as atitudes públicas e privadas, ensejando introduzir todos na modernidade.

Com isso, o ato de prescrever valores e atitudes desejadas, assim como as reprovadas, tornou-se característica comum entre os escritores das décadas de 1900 a 1920, ansiosos pela modernidade e pelo progresso presente em outros centros urbanos, representados em ações como a valorização da família e do amor conjugal. Estas eram ponderadas como importantes motores para a difusão de novas práticas culturais contemporâneas e inclusas nas tramas dos romances.

Isso porque tais atitudes reinterpretabam os viveres nos espaços da casa, atribuindo novos significados, sentidos e sentimentos sobre o que significa viver em um lar doméstico, que passou a ser visto como um novo espaço físico (arquitetônico) e cultural, cujo objetivo é favorecer o convívio familiar.

Mesmo com o empenho fervoroso e dedicado de intelectuais e literatos piauienses, a prática prescritiva destes não foi definitiva e não obteve rápida adesão da população local que, em grande parcela, mantinha-se arraigada aos padrões e costumes vinculados ao mundo rural oriundo dos séculos XVIII e XIX. Contudo, não se pode dizer que ela foi repudiada.

Ademais, percebeu-se que os desejos de formar uma família moderna, ancorada no amor conjugal e na dedicação amorosa aos filhos, em um ambiente doméstico e privado reservado apenas à família, foi introduzido lentamente e modificou o cotidiano teresinense e, por conseguinte, piauiense, ao longo do século XX, até tornarem-se ideais e práticas comuns na contemporaneidade, quando se remete à família e à casa, sendo as famílias mais abastadas o seu foco principal. Esse aspecto foi ratificado por Pedro Vilarinho, que manifestou que as portas foram

se fechando, alguns espaços da casa sendo significados como íntimos, definindo [...] a distinção entre o que era público e o que era privado, familiar.”¹⁹⁶

Considerando as novas finalidades traçadas para a casa em inícios do século XX, novas sociabilidades gradativamente foram sendo constituídas na sociedade teresinense e passaram a conviver com as tradicionais, remanescentes do mundo rural.

Nesse contexto, mantiveram-se as antigas (tradicionais) sociabilidades, a exemplo de festas de aniversários, casamentos, noivados, e comemorações de cunho religioso, como quermesses, novenas, festejos, semana santa etc., consolidadas porque as atividades privadas das famílias eram integradas ao espaço público e, portanto, partilhadas entre indivíduos de um círculo social mais amplo e que circulavam esporádica ou rotineiramente no ambiente doméstico da casa.

As modificações nas sociabilidades, com a introdução de locais de encontros, como o baile, o cinema e o teatro, fizeram-se presentes na capital piauiense em paralelo com as modificações estruturais da casa. Estas foram advindas das idealizações de moderno e progresso, e materializadas na concepção de reorganização e uso dos espaços dos espaços internos e externos da casa, introdução de novos materiais para a construção que proporcionaram uma nova forma de conceber o lar, além de inserção de novos equipamentos e utensílios que oportunizaram maior conforto no interior da casa.

As novas orientações para a edificação de casas visavam ao embelezamento citadino e à privacidade familiar, além de maior bem-estar, tanto físico quanto térmico, e foram facilitadas progressivamente pelo acesso e pela diversificação de materiais e técnicas de construção, tendo em vista a ampliação e profissionalização do comércio teresinense.

Conseqüentemente, assistiu-se a uma valorização da arquitetura eclética, com o abandono de alcovas, afastamento da casa em relação à rua – mediante a instalação de jardins –, construções de porões altos e corredores, fazendo com que esses espaços fossem repensados em termos de usos e ocupação nos espaços internos da casa.

Outrossim, ao longo desse trabalho, notabilizaram-se as aspirações e concretizações paulatinas por um lar doméstico privado e confortável em uma

¹⁹⁶ CASTELO BRANCO, 2009, p. 166.

Teresina recém-ingressa no século XX, e que tinha isso manifestamente expresso nos romances, onde as críticas e os exemplos de bons costumes estavam fortemente presentes.

Por intermédio dessas análises, os literatos pretendiam solidificar as consequências que poderiam vir acompanhadas de más decisões administrativas, governamentais e de particulares, testemunhadas outrora. Para mais, os exemplos de atitudes positivas também eram vislumbrados com bastante ênfase, onde uma família amorosa, baseada no amor, acuidade e privada de olhares de fora eram ilustradas como exemplo de sucesso social e felicidade permanente.

Deduziu-se, pois, que nas escritas literárias analisadas, baseadas em metodologias prescritivas, a casa era o palco principal de cada trama, patenteando uma forte ligação entre a família e o lar doméstico, sendo este agente transformador daquela, reflexo dela, revelador de transformações lentas, além de dicotomias, concernentes aos ideais de privacidade da casa, que podem ser explicadas pela própria realidade da cidade.

Como visto, essa forte ambiguidade é uma das principais características de Teresina e do Piauí como um todo, por ocasião, em grande parte, da crise financeira vivenciada pelo Estado, que acabou limitando o desenvolvimento citadino e o acesso aos bens que poderiam transformar a cidade, estrutural, social e culturalmente.

Destarte, para além das limitações financeiras do Estado e da cidade, empecilhos consideráveis para a transformação de Teresina sob vários aspectos, havia, ainda, a questão dos costumes rurais que mesmo com as modificações citadinas, permaneciam ao lado das transformações instituídas pela modernidade.

À vista disso, é perceptível, por exemplo, que em meio às sociabilidades modernas, conservavam-se aquelas consideradas tradicionais, como as festas de aniversários e casamentos que aconteciam dentro dos espaços da casa, além de sociabilidades ligadas à igreja que, pelos relatos dos literatos, eram eventos que movimentavam a pacata capital piauiense.

Nessa mescla de costumes tradicionais e modernos, emergiu em Teresina uma casa com características próprias, resguardada por uma cidade que, ainda jovem, já passou por transformações marcantes na virada do século. A casa, nesse enquadramento, é lugar atuante nas transformações culturais e sociais, e as reverbera na cidade, não estando imune a elas, porquanto desde suas estruturas

físicas até a ocupação e os usos de seus espaços internos e externos, tudo se modificou. Podem até não serem mudanças drásticas, mas são importantes para a compreensão da história da cidade de Teresina.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andreia Rodrigues de. **Entre o sertão e as margens do rio Parnaíba: a transferência da capital e a cidade de Teresina na segunda metade do século XIX**. 2016.

ARAUJO, Marcos Pereira. **Visitas sanitárias**. In: Relatório do Inspector de Hygiene pública. Teresina, 9 ago. 1890. p. 40.

BARROS, Fransuel Lima de. **Teresina “moderna” e “civilizada”**: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos eronistas (1900-1930). 2015.

CARVALHO, Lilizinha Castelo Branco. **A mendiga do Amparo**. In: Biblioteca Abdias Neves. Teresina. [s.d.].

CASTELO BRANCO, Lili. **A misteriosa passageira**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1986. Projeto Petrônio Portella.

_____. **Qual será afinal o nosso fim**. Teresina, 1981.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A casa: lugar de afagos e de conflitos. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). **História e ficção**. Imperatriz, MA: Ética, 2009.

_____. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

_____. **Mulheres plurais**: a condição feminina na Primeira República. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2013.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano, artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAVES, Paulo Alberto Diniz. **Antonino Freire – Uma biografia**. Teresina: O autor, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande 7 senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal: apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 49. ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo. Cultura material e patrimônio científico: discussões atuais. In: GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba – cidades-beiras**: (1850-1950). Teresina: EDUFPI, 2010.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos Impérios**. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JORNAL DIÁRIO DO PIAUHY. Ano IV, n. 6, p. 4, 20 mar. 1914.

JUNQUEIRA SCHETTINO, Patricia Thomé. **A mulher e a casa [manuscrito]**: estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX. 2012.

LUZ ELÉTRICA. **Diário do Piauí**, Therezina, Ano IV, p. 3, 21 mar. 1914.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica**: as festas escolares de civilidade no Piauí (1930-1945). Teresina: EDUFPI, 2010.

MONSENHOR CHAVES. **Obra completa**. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Rua da Glória 1**: rumo à cidade nascente (1850-1896). Teresina: EDUFPI, 2015.

_____. **Rua da Glória 2**: as armas e as máquinas (1896-1921). Teresina: EDUFPI, 2015.

MONTEIRO, Orgmar. **Teresina descalça**: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimento dos novos. Fortaleza, 1987.

NEVES, Abdias. **Um manicaca**. Teresina: Fundação Quixote, 2012.

NOIVOS, **Jornal A Borboleta**, Therezina, Ano I, n. 17, p. 4, 29 jan. 1906.

NOTÍCIAS, **Jornal A Borboleta**, Therezina, Ano I, n. 15, p. 4, 19 nov. 1905.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: **Rev. Mosaico**, v. 1, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

_____. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa**: pequena história de uma ideia. Tradução Betina Von Staa. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Carnaúba, pedra e barro na capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2007. v. 1. v. 2.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **Educar crianças e jovens à luz da fé e cultura [manuscrito]**: as instituições escolares confessionais católicas na sociedade piauiense (1906 a 1973). 2010.

TAJRA, Marta Teresa. **A história do comércio de Teresina no desenvolvimento do Piauí**. Teresina: Zahle, 2014.

VIVA O CARNAVAL. **A Lanterna**, p. 1, 5 fev. 1910.